

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM TURISMO

RITA LOURDES MICHELIN

**A RECONSTRUÇÃO DA ETNICIDADE NA ARENA TURÍSTICA: O CASO DO
ROTEIRO DE TURISMO RURAL CULTURAL CAMINHOS DE PEDRA
BENTO GONÇALVES – RS**

Caxias do Sul
2008

RITA LOURDES MICHELIN

**A RECONSTRUÇÃO DA ETNICIDADE NA ARENA TURÍSTICA: O CASO DO
ROTEIRO DE TURISMO RURAL CULTURAL CAMINHOS DE PEDRA
BENTO GONÇALVES – RS**

Dissertação submetida à banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientador: Dr. Rafael José dos Santos

Caxias do Sul
2008

**“A Reconstrução da Etnicidade na Arena Turística:
O caso do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra –
Bento Gonçalves – RS”**

Rita Lourdes Michelin

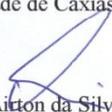
Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 8 de maio de 2008.

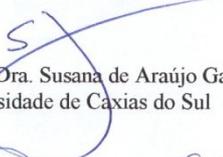
Banca Examinadora:



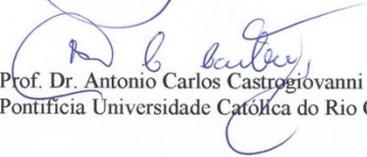
Prof. Dr. Rafael José dos Santos (Orientador)
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dr. Ailton da Silva Negrine
Universidade de Caxias do Sul



Profa. Dra. Susana de Araújo Gastal
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Marlene, ao meu pai, Jovenil e ao meu irmão, Régio, por todo o amor, incentivo, apoio e principalmente paciência nestes dois anos.

À família da República CAPES: Tami, Marcelo, Cheila, Tiago e Thiago. Por todos os momentos que passamos juntos, nos estresses, nas festas, nas brincadeiras, nos estudos, no 46, no RU, nas jantãs e almoços de findi, enfim, por todos os momentos compartilhados nesses dois anos. Sem esquecer a Dona Catarina, nossa mãe da República!

À Tami, minha irmã do coração, que conseguiu me aturar por um ano e meio nas minhas crises pelas das trocas de orientador e que sempre me deu a maior força para continuar quando eu queria desistir de tudo. Amiga irmã, uma pessoa maravilhosa, com quem dividi ótimos, bons e maus momentos nestes dois anos.

Ao Paulinho, meu passarinho, por todo o carinho e companheirismo.

Ao Marcelo que, com toda a certeza, se tornou o melhor amigo que alguém pode pensar em ter. Meu irmão, confidente, conselheiro, amigo para todas as horas.

Aos grandes amigos: Sandrinha, a pequena grande amiga, pelas conversas intermináveis; a Nândri, pelos conselhos e o ombro amigo, e ao Gilmar (vulgo Mineiro ou Minax), pelas risadas, baladas e cafés no Dias. Todo o pessoal do Bloco 46, à Pureza e o Renato, pelos lanches e cafés nas tardes frias de Caxias. As turmas VI e VII, pelas trocas e discussões que contribuíram para o meu crescimento pessoal e intelectual, pelos churrascos, jantares, almoços no RU (o suco sempre por conta do Pablo), pelos momentos tensos e estressantes e principalmente os bons momentos de diversão.

À Regina, amiga, confidente, o anjo da guarda de todos os mestrados em turismo, sempre disposta a ajudar todos.

Todos os professores do Mestrado, em especial ao meu orientador, Prof. Rafa, meu Santo Expedito, que abraçou a causa impossível de minha dissertação nos últimos meses e conseguiu me guiar para a realização dessa. E à Profa. Susana Gastal, por ter me incentivado a entrar no mestrado.

A todos os moradores do Roteiro Caminhos de Pedra, pela hospitalidade e ajuda durante a minha pesquisa de campo.

À Juliane, amiga de verdade, que mesmo de Porto Alegre sempre esteve presente em todos os momentos bons e ruins do Mestrado, dando a força necessária!

À gurizada de Porto Alegre: Mirian, Palmer, Jô, Vau, Gunther, Kayder, Tuba, Alice, Gomes e Eli, que sempre me ajudaram a esquecer um pouco do mestrado e relaxar, para depois recomeçar com tudo.

Enfim, a todos que fizeram parte de minha vida nesses dois anos inesquecíveis de Mestrado, que me ajudaram, me apoiaram e tiveram paciência comigo.

RESUMO

A presente pesquisa versa sobre a reconstrução da etnicidade italiana na arena turística da comunidade do Distrito de São Pedro, zona rural do município de Bento Gonçalves - RS, buscando demonstrar o processo de reconstrução da etnicidade através das influências que essa pode receber do turismo. Sendo assim, busca-se analisar como influências internas e externas que a cultura de um determinado grupo pode sofrer, demonstrando a dinamicidade dos traços culturais. Além disso, trata-se da relação entre visitantes e visitados, buscando demonstrar de que maneira o turismo pode utilizar a cultura de uma sociedade como atrativo e se colabora na reconstrução da etnicidade de uma comunidade. Para tanto, utilizou-se a metodologia da etnografia com observação participante, registro fotográfico e narrativa fotoetnográfica, tendo por objetivo perceber a etnicidade da comunidade da arena turística a partir da visão dos próprios moradores no seu cotidiano e nas suas relações com os turistas.

Palavras-chave: Turismo; Cultura; Etnicidade; Italianidade; Caminhos de Pedra – Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

The present research is about the reconstruction of the Italian ethnicity in the tourist *arena* of Distrito de Sao Pedro community, rural area of Bento Gonçalves – RS. It intends to demonstrate the ethnicity reconstruction process through the influences this can suffer by tourism. Thereby this research intends to analyse questions as internal and external influences that the culture of a specific group can suffer, demonstrating how dynamic the cultural traces can be. Besides that, this dissertation presents the relation between hosts and guests as a way to show in which way tourism can use a society culture as an attractive issue and how this can collaborate to the ethnicity reconstruction of a community. For that it uses the methodology of ethnography with participative observation, photographic register and photo-ethnographic narrative, aiming the ethnicity perception of this tourist *arena*, by the point of view of the community people themselves on their routine and their relation with the tourists.

Keywords: Tourism, Culture, Ethnicity, *Italianity*, Caminhos de Pedra – Rio Grande do Sul.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 Placa de sinalização.....	57
Imagem 2 Nova sinalização	57
Imagem 3 Início do roteiro. Sentido Bento Gonçalves - Farroupilha	61
Imagem 4 Mapa do roteiro	62
Imagem 5 Casa dos Doces Pedrebon.....	66
Imagem 6 Casa Bertarello.....	67
Imagem 7 Casa do Tomate	67
Imagem 8 Mapa do roteiro - Casa do Tomate	68
Imagem 9 Ateliê Bez Batti	69
Imagem 10 Casa da Ovelha.....	69
Imagem 11 Casa do Artesanato	70
Imagem 12 Casa Vanni	70
Imagem 13 Interior do Restaurante Casa Vanni.....	71
Imagem 14 Cantina Strapazzon	71
Imagem 15 Cantina Salvati & Sirena.....	72
Imagem 16 Jantar na Cantina Salvati & Sirena.....	73
Imagem 17 Casa da Erva-Mate.....	73
Imagem 18	79
Imagem 19	79
Imagem 20	79
Imagem 21	80
Imagem 22	80
Imagem 23	80
Imagem 24	81
Imagem 25	81
Imagem 26	81
Imagem 27	82
Imagem 28	82
Imagem 29	82
Imagem 30	83
Imagem 31	83
Imagem 32 Casa sendo reconstruída	96
Imagem 33 Final do roteiro. Sentido Farroupilha - Bento Gonçalves	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 CULTURA, ANTROPOLOGIA E TURISMO	12
1.1 Antropologia e turismo	15
1.2 Etnicidade e herança cultural na arena turística	20
1.3 Turismo rural, turismo cultural e turismo rural cultural	26
1.4 Planejamento do turismo cultural	33
2 PROJETO CULTURAL CAMINHOS DE PEDRA	37
2.1 Imigração italiana no Rio Grande do Sul	37
2.2 Bento Gonçalves – RS: breve histórico e dados gerais	42
2.3 O Projeto Cultural Caminhos de Pedra	43
2.3.1 <i>Análise do Projeto Cultural Caminhos de Pedra</i>	46
2.3.2 <i>Análise dos relatórios dos seminários de planejamento</i>	52
3 O LÓCUS: ESTAR NO ROTEIRO CAMINHOS DE PEDRA	61
3.1 Experiência de campo	74
3.2 Percepção/interpretação da etnicidade sob o olhar da pesquisadora	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
APÊNDICE - Modelo aproximado do roteiro das entrevistas semi-estruturadas..	111

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, voltando-se ao segmento do turismo cultural, analisa a reconstrução da etnicidade e sua ligação com o turismo a partir do olhar dos visitados em uma arena turística¹. As pesquisas acerca da etnicidade ligada ao turismo ainda ocorrem de forma incipiente no Brasil. Na revisão bibliográfica, os estudos do antropólogo Rodrigo de Azeredo Grunewald (2004) foram encontrados, abordando diretamente a questão da influência do turismo na etnicidade de determinado grupo social, no caso, os índios Pataxó. Já os pesquisadores da área do Turismo voltam-se para questões ligadas à Antropologia, na relação entre visitantes e visitados, sendo a etnicidade apenas um dos traços a ser analisado. Como exemplo de pesquisadores, podemos citar a turismóloga Margarita Barretto (2000; 2004; 2007); os antropólogos Álvaro Banducci (2001) e Rafael José dos Santos (2006) dentre outros estudiosos iniciantes na pesquisa.

Na literatura estrangeira, encontram-se estudos voltados diretamente à área da etnicidade ligada a Antropologia, com ênfase no trabalho de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998) intitulado *Teorias da Etnicidade*. Assim como nas pesquisas do Brasil, também nas estrangeiras, percebe-se grande variedade acerca de estudos voltados para a Cultura e Antropologia. Quando se trata de Turismo, há uma preocupação antropológica da relação entre visitantes e visitados, porém a etnicidade acaba sendo novamente apenas um traço do estudo e não o enfoque principal.

Sabe-se que o turismo pode ser dividido em diversos segmentos como por exemplo, turismo de aventura, turismo religioso, turismo de saúde, ecoturismo, turismo rural, turismo cultural, dentre outros, dependendo do tipo de atrativos que são trabalhados por essa atividade. No turismo cultural, o patrimônio tanto material quanto imaterial pode vir a se tornar o principal atrativo de um destino. Como exemplo de patrimônio imaterial, pode-se citar a cultura da comunidade local. Dentro da cultura há os traços culturais ligados à etnicidade e à identidade, que são as características de cada cultura.

No segmento do turismo cultural, por se trabalhar diretamente com a comunidade local, sendo por vezes a própria comunidade e sua cultura os atrativos,

¹ De acordo com Rodrigo Grunewald (2004) é o espaço no qual ocorrem as relações geradas pelo turismo.

é importante que haja planejamento. Durante o planejamento, a sensibilização da população, a valorização e a reconstrução da cultura deveriam ser trabalhadas com os envolvidos direta e indiretamente na atividade. No planejamento do turismo cultural algumas questões que podem ser trabalhadas são a etnicidade e a identidade dos grupos. A etnicidade de um grupo demonstra-se, assim como sua identidade, a partir do contato com o outro. Nessa relação, os sinais diacríticos se evidenciam, tornando-se traços característicos de determinado grupo.

A partir do momento em que a cultura se torna o atrativo turístico de um roteiro, os visitantes que vêm em busca dessa esperam encontrá-la de uma forma “pré-concebida”, ou seja, no caso de uma comunidade de descendentes de italianos que têm a cultura étnica como o principal atrativo, é possível que alguns turistas esperem encontrar os atuais descendentes vivendo da mesma maneira que seus antepassados do século XIX.

Sendo assim, é preciso demonstrar que, embora a etnicidade de um grupo não se perca, ela está em constante reconstrução, nunca deixando de existir e sempre sendo autêntica para o seu grupo social. Seguindo as idéias de Poutignat e Streiff-Fernart (1998), de que a etnicidade, assim como a cultura, é dinâmica, optou-se, então, por estudar a comunidade do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, investigando de que forma a etnicidade encontra-se neste grupo, através da percepção dos moradores locais. Essa escolha se deu pelo fato de que o roteiro apresenta fortes características da etnicidade italiana e que os visitados comentam aos turistas que tinham vergonha de ser descendentes de italianos, passando, atualmente, a ter orgulho disso.

O Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra está localizado no interior do município de Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha. Local de imigração italiana e que ainda mantém fortes traços dessa cultura. Dessa forma, a presente pesquisa buscou entender a questão da reconstrução da etnicidade em um determinado grupo social, neste caso do Roteiro Caminhos de Pedra. Nesse roteiro foi analisada de que forma a *italianidade* é compreendida pelos moradores locais que repassam essa aos turistas que visitam o roteiro. Por se tratar de uma pesquisa com base antropológica, a metodologia escolhida como mais adequada a este trabalho foi a etnografia com observação participante, registro fotográfico e narrativa fotoetnográfica, buscando analisar a etnicidade a partir da visão dos visitados. Para tal, a pesquisadora residiu durante dois meses no roteiro, convivendo dia a dia com

a população local e turistas.

Em um primeiro momento, o Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra chamou a atenção da pesquisadora devido às questões ligadas ao planejamento. No entanto, percebendo a oportunidade de desenvolver uma pesquisa voltada às questões étnicas ligadas ao turismo no roteiro, o tema pareceu mais instigador do que o planejamento como vinha se pensando. Após a leitura do texto *Turismo, cultura e identidade étnica*, do antropólogo Rodrigo Grünewald (2004), e com a ajuda do professor orientador, Dr. Rafael José dos Santos, o enfoque da pesquisa voltou-se para o estudo da etnicidade dos moradores locais da arena turística do Roteiro Caminhos de Pedra, a partir da visão dos próprios visitados.

Sendo assim, a presente dissertação divide-se em três capítulos. O primeiro deles, *Cultura, Antropologia e turismo*, aborda questões ligadas aos três temas, iniciando com o estudo da Cultura por parte da Antropologia, compreendendo a visão dos principais antropólogos acerca desse tema e passando ao estudo do Turismo pela Antropologia, esse que iniciou somente após o ano de 1963 com Theron Nuñez (BANDUCCI, 2001, p.24). Entrando na pesquisa mais voltada ao Turismo, apresentam-se as questões de etnicidade e identidade em uma arena turística, buscando clarear a relação existente entre a cultura, seus traços étnicos e identitários, e a atividade turística. Apresenta-se ainda uma pesquisa bibliográfica sobre os segmentos de turismo rural e turismo cultural, objetivando definir a categoria nativa de *turismo rural cultural*, utilizada no material de divulgação do roteiro. Finalizando o capítulo, abordam-se questões voltadas ao planejamento do turismo cultural, com a finalidade de melhor analisar o Projeto Caminhos de Pedra que resultou no atual roteiro.

O capítulo seguinte, *Projeto Cultural Caminhos de Pedra*, inicia com uma retomada histórica sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul e a formação do município de Bento Gonçalves, buscando situar o leitor nas raízes da italianidade da população local residente no Distrito de São Pedro. Nesse capítulo, também é apresentado e analisado o Projeto Cultural Caminhos de Pedra que resultou na criação do atual roteiro. Além disso, é feita a análise dos documentos de dois seminários de planejamento, com o objetivo de verificar se a etnicidade e a identidade cultural dos visitados foi trabalhada desde o início do projeto.

No terceiro e último capítulo, intitulado *O lócus: estar no Roteiro Caminhos de Pedra*, apresenta-se a descrição do roteiro com fotos, buscando situar o leitor em

relação à arena turística em que se realizou o estudo. Nesse capítulo apresenta-se também a metodologia utilizada para a realização da pesquisa e da experiência de campo, na qual há a narrativa fotoetnográfica de dois grupos de visitantes ao roteiro e a interpretação das entrevistas semi-estruturadas realizadas com a população local. Finalizando com a percepção e interpretação da etnicidade sob o olhar da pesquisadora após a realização da etnografia com observação participante na comunidade do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra.

A título de conclusão, aponta-se o turismo como uma das principais influências no processo de reconstrução da etnicidade na arena turística dos Caminhos de Pedra, por meio das relações entre visitantes e visitados, evidenciando os traços diacríticos culturais.

1 CULTURA, ANTROPOLOGIA E TURISMO

Ao estudar a etnicidade e a identidade cultural de uma comunidade é preciso observar as contribuições de teóricos de diferenciadas áreas, principalmente da Antropologia. Segundo Laplantine (1999, p.16) “[...] a Antropologia não é senão um certo olhar, um certo enfoque que consiste em: *o estudo do homem por inteiro; o estudo do homem em todas as sociedades, sob todas as latitudes em todos os seus estados e em todas as épocas*”.

Em fins do século XIX e início do século XX havia correntes que entendiam que a cultura de cada sociedade dependia de fatores naturais como, por exemplo, o clima e a situação geográfica. Dizia-se que as sociedades que vivessem em climas e situações geográficas diferenciadas possuiriam culturas distintas, já aquelas que vivessem em climas e situações geográficas semelhantes teriam os mesmos traços culturais.

[...] a idéia de que o homem é um ‘produto do meio’ foi, durante algum tempo, a explicação que alguns geógrafos e antropólogos utilizavam, não só para explicar a variedade de culturas, mas também para hierarquizá-las, isto é, classificá-las em mais ou menos desenvolvidas (SANTOS, 2005, p.27).

Essa linha de pensamento, conhecida como *determinismo geográfico*, desenvolveu-se com base nas explicações formuladas por Pollio, Ibn Khaldun, Bodin e outros (LARAIA, 2004). Entretanto, a partir de 1920 essa corrente de pensamento é superada por antropólogos como Boas, Wissler, Kroeber, entre outros, demonstrando que existem diferenciadas culturas em um mesmo ambiente físico.

Então, de acordo com Laraia (2004, p.24), baseado em Sahlins (1976),

a posição da moderna antropologia é que a “cultura age seletivamente”, e não casualmente sobre seu meio ambiente, explorando determinadas possibilidades e limites ao desenvolvimento, para o qual as forças decisivas estão na própria cultura e na história da cultura.

Percebe-se, através dessa posição da Antropologia, que a cultura independe das condições climáticas e geográficas e que essa é um resultado do processo histórico de cada sociedade, sendo entendida a cultura como um constante processo de reconstrução.

Na busca de uma explicação para a origem da cultura, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss “[...] considera que a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma” (LARAIA, 2004, p.54). Já

o antropólogo norte-americano Leslie White “[...] considera que a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro do homem foi capaz de gerar símbolos” (*Ibid*, p.55), ou seja, a cultura, de acordo com esse antropólogo, teria origem a partir do uso de símbolos.

Tylor (1871, *apud* LARAIA, 2004, p.25) foi o primeiro a definir o conceito de cultura como o “[...] todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Para Geertz (1978, p.14) essa definição de Tylor chega “[...] ao ponto em que confunde muito mais do que esclarece” devido a sua amplitude.

Laraia (2004, p.36) apresenta também a visão de Franz Boas que “[...] definiu o particularismo histórico (ou a chamada Escola Cultural Americana), segundo o qual cada cultura segue seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou”. Percebe-se nessa já uma visão da cultura como sendo um processo dinâmico.

Mesmo após apresentar e discutir as definições e idéias dos citados antropólogos, o também antropólogo Laraia (2004) diz que ainda hoje não há uma compreensão exata do conceito de cultura. Por seu turno, Laplantine (1999, p.120) apresenta uma definição antropológica:

a cultura é o conjunto de comportamentos, saberes e saber-fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo essas atividades *adquiridas* através de um processo de aprendizagem e *transmitidas* ao conjunto de seus membros.

Segundo Santos (2005, p.34), “[...] a cultura é a exclusividade humana, inclusive porque através dela nós transformamos o que nos é dado pela natureza, uma transformação tanto no sentido do trabalho – que é uma forma material de transformação da natureza – como em termos de atribuição de significados”. Voltando à questão de que a partir do momento em que algo passa a ter um significado para uma sociedade esse torna-se parte da sua cultura.

Nesse ponto vale lembrar que a cultura é dinâmica e sofre mudanças. De acordo com Laraia (2004, p.96), dois tipos básicos dessas mudanças culturais são: “uma, que é resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda, que é resultado do contato de um sistema cultural com outro”. Burns (2002, p.127) apresenta dois processos que induzem a transferência cultural: “*interno*, pela

evolução através de invenção, guiada por necessidades ou pelo capitalismo; e *externo*, por mudanças forçadas por influências econômicas, políticas, ambientais e culturais externas”, podendo ser o turismo uma dessas influências externas.

Para Geertz (1978, p.15) a cultura não se trata de um conjunto de padrões de comportamento. Para ele a cultura é composta por teias de significados das relações e a sua análise, assumindo “[...] a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Na Antropologia utiliza-se muito o método etnográfico nas pesquisas de campo. Dessa maneira, o etnógrafo passa a fazer parte da cultura estudada para assim poder interpretar e analisar as teias de relacionamentos e seus significados.

Entendendo a cultura como dinâmica, pode-se citar Ortiz (2000) que aborda a mundialização da cultura. Ele afirma que através da globalização o processo de reconstrução cultural torna-se cada vez mais amplo, sofrendo influências de todas as partes do mundo, seja através dos meios de comunicação, da interação entre os sujeitos, do turismo, dentre outros. São mudanças resultantes do sistema cultural e sua dinamicidade.

Os exemplos do cinema, da publicidade, da indústria fonográfica, da televisão e do rádio são significativos na medida em que indicam a existência de uma malha imprescindível para a mobilidade cultural. A circulação, princípio estruturante da modernidade, se realiza no seu interior (ORTIZ, 2000, p.58).

Por meio dos processos de globalização, traços culturais da modernidade passam a ser comuns a diferentes culturas. Entretanto, esses traços não descaracterizam uma cultura, ao contrário, passam a fazer parte dessa, tornando-se característicos. A mundialização da cultura pode ser comparada ao processo externo de transferência cultural apresentado por Burns (2002).

Sendo assim, as mudanças culturais, conforme apresentado por Laraia (2004), e a mundialização da cultura, abordada por Ortiz (2000), são fatores que interferem e influenciam no constante e dinâmico processo de reconstrução das culturas. Pozenato (1990, p.15) explana acerca das interferências que o turismo pode gerar em um processo cultural:

Poderia ser um segmento de toda essa cultura de massa ou até da sociedade de consumo, mas seguramente o turismo, e principalmente o turismo chamado cultural, pode introduzir transformações e interferir no significado da cultura, na manutenção ou perda de sua identidade.

Dessa forma, o turismo também se apresenta como parte dos processos de globalização que podem interferir em uma cultura, podendo contribuir para a recuperação e manutenção cultural ou afetando a identidade de uma sociedade. Todavia, não se pode dizer que essas interferências sejam negativas, pois, por ser dinâmica, a cultura constantemente estará recebendo influências tanto interiores quanto exteriores.

1.1 Antropologia e Turismo

O Turismo, por ser interdisciplinar, está ligado a diversas áreas científicas, incluindo a Antropologia. Tanto a Antropologia quanto o turismo

[...] tentam identificar e entender a cultura e a dinâmica humana. Uma vez que o turismo é um conjunto global de atividades que cruza muitas culturas, precisamos de um conhecimento mais profundo sobre as conseqüências de interação entre as sociedades que geram e que recebem turistas (BURNS & HOLDEN, 1995 *apud* BURNS 2002, p.92).

Sendo assim, através da Antropologia, voltada ao estudo do ser humano, é possível estudar o Turismo por esse ser feito por e para as pessoas, devendo-se estudar/analisar as relações entre os homens existentes no turismo para se compreender a dinâmica cultural existente nessas relações. Além disso, por meio da Antropologia pode-se assinalar também

[...] a relatividade de pontos de vista culturais, das relações recíprocas inerentes a cada grupo e das diferentes estratégias de decisão do atores, sendo possível reparar o caráter não racional de boa parte dos comportamentos em, e das, sociedades, grupos e instituições implicadas (SANTANA, 1997, p. 17, tradução minha).

De acordo com Banducci (2001), a Antropologia hesitou em estudar o Turismo porque os antropólogos acreditavam que se o fizessem seriam considerados como exploradores dos nativos, forma como os turistas eram vistos. Assim eles se equívaleriam aos turistas. Outro fator que contribuiu para a hesitação no estudo do Turismo foi porque os antropólogos ainda não estavam cientes do papel que o Turismo começava a apresentar na sociedade moderna. No entanto, na década de 1960 iniciam os estudos através da Sociologia e da Antropologia voltados ao Turismo. O primeiro artigo tratando do assunto é datado de 1963, com autoria de Theron Nuñez (BANDUCCI, 2001, p.24).

Tanto Banducci (2001) quanto Burns (2002) apresentam em seus estudos que os primeiros escritos antropológicos acerca do Turismo tratavam esse como danoso e abordavam principalmente os problemas gerados pela atividade turística culpando-a pelas mudanças nas sociedades. Entretanto Burns (2002, p.117) alerta:

o turismo não é automaticamente a principal causa da mudança, mas apenas um entre diversos canais para a transmissão de novas idéias. Seria igualmente ingênuo, contudo, negar o papel que o turismo pode ter na precipitação ou aceleração da mudança rápida.

Conforme apresentado anteriormente por Ortiz (2000), as mudanças culturais também são provenientes dos efeitos da globalização, não sendo o turismo o único responsável por essas mudanças. Sabe-se que o processo de reconstrução cultural deriva de vários fatores influenciadores, sendo o turismo apenas um deles. Então para compreender as contribuições do turismo nas mudanças de determinada cultura, é necessário um estudo longitudinal de longa duração, conforme apresentado por Burns (2002), ou seja, um estudo etnográfico, de vivência com a comunidade a ser estudada, compreendendo as teias de significados das relações e, assim, podendo analisá-las.

Nos estudos antropológicos voltados ao Turismo, apresentava-se uma preocupação por parte dos antropólogos quanto a atividade turística que se desenvolvia nas sociedades, promovendo mudanças, apontando para a relação existente entre os turistas e a comunidade local (visitantes e visitados). Valene Smith aborda que a cultural local está, provavelmente, diante de dois caminhos, tendo que optar entre

“(1) controlar e restringir deliberadamente o turismo para preservar sua integridade cultural e econômica, ou (2) estimular no possível o turismo por considerá-lo um objeto econômico desejável e reestruturar sua cultura de tal maneira que esta possa absorver o fenômeno turístico” (SMITH, 1989, p.38, tradução minha).

Isso estaria relacionado às tensões entre moradores locais e visitantes, ocasionadas pelo grande fluxo de turistas em uma determinada localidade. Smith (1989, p.36-37) afirma que a variação da frequência de visitantes em um local indica as relações com os visitados. Quanto menor o número de turistas, menor as interferências desses na cultura visitada e maior o contato com a população local. Por outro lado, quanto maior o número de visitantes, maior as interferências e menor a interação com os visitados. Conforme Burns (2002, p.128), nessa relação há uma

transferência cultural que “[...] caracteriza-se por uma transformação temporária no comportamento do anfitrião, apenas durante o encontro ou interação entre anfitriões e convidados”

Santos e Barretto (2006) relatam em seu artigo a visão que alguns autores tinham de que a relação existente entre diferenciadas culturas resultava em aculturação e impacto cultural e que a cultura se tratava de um sistema fechado. “Ao falar de processos de aculturação estamos reconhecendo a diversidade cultural. Se todas as culturas fossem iguais, a aculturação não existiria” (BARRETTO, 2007, p. 24, tradução minha).

Todavia, os termos *aculturação* e *impactos* nesses estudos da Antropologia voltados ao Turismo, atualmente, apresentam problemas, pois não abrangem a totalidade e a dinamicidade cultural. A aculturação era apresentada como o contato de duas diferentes culturas que resultava em mudanças em ambas. “As discussões contemporâneas vinculando Cultura e Turismo tem incorporado novos conceitos aos de aculturação e impacto. Reflexividade, dialogismo, cosmopolitismo, hibridismo cultural e limites aceitáveis de troca são alguns deles” (BARRETTO, 2007, p.53, tradução minha). Entretanto, atualmente utiliza-se o termo *hibridismo cultural*. Esse prega que a relação entre duas culturas diferenciadas resulta em uma terceira cultura, pois há uma troca cultural modificando-a. Sendo assim, as mudanças ocorrem nos traços culturais que são trocados através dessa relação. Por meio do hibridismo, segundo Santos e Barretto (2006), fica implícita que a cultura é um processo dinâmico não podendo ser considerada um sistema fechado.

Nos estudos de turismo, durante praticamente quarenta anos, predominou como uma grande narrativa o paradigma conceitual de aculturação. Conceitos como hibridismo cultural, reflexividade e cosmopolitismo podem, no entanto, contribuir melhor para a explicação dessa complexa relação entre turistas e populações residentes (SANTOS e BARRETTO, 2006, p. 259).

Canclini (2003, p.XIX) entende por hibridação os “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”, não podendo ser considerados como fontes puras, por sofrerem influências.

Percebe-se que no hibridismo a modernidade e as tradições tendem a se articular, os traços diferenciados passam a fazer parte dos traços culturais já conhecidos, tornando-se, assim, parte da tradição de um determinado povo.

Segundo Barretto (2007, p.55), analisando Bhabha (2002), “[...] as culturas que se encontram não se subordinam, mas que há mediações e traduções que resultam em um processo de construção de uma nova cultura, com trocas de significados”.

De acordo com Barretto (2007), no período pós-II Guerra Mundial, o turismo era visto como um dinamizador do desenvolvimento econômico, do intercâmbio cultural e do entendimento entre os povos. Ou seja, valorizava as relações entre turistas e moradores locais e suas trocas, “[...] embora a relação entre visitantes e visitados tenha adquirido mais características de conflito a partir do surgimento do turismo de massas, a dificuldade no intercâmbio não parece ter sido diferente em formas anteriores de turismo” (BARRETTO, 2004, p.138). Esses conflitos, que surgem nessa relação através do turismo, dão início aos estudos antropológicos do Turismo. Conforme mencionado anteriormente e apresentado por Burns (2002, p.132), essas relações “[...] e o modo como são formadas e alteradas ao longo do tempo têm uma importância profunda para o estudo antropológico do turismo”. No turismo de massa a comunicação entre visitantes e visitados é afetada, pois não há uma relação consistente entre ambos, somente um contato breve. Já quando o turismo é realizado de forma mais individualizada, a relação ocorre e a comunicação entre a comunidade local e os turistas pode interferir nas representações e na reconstrução da herança cultural e da etnicidade dos visitados.

A relação existente entre a comunidade local e os turistas “[...] varia em cada caso, em função de uma série de circunstâncias, favoráveis ou desfavoráveis, o que obriga os investigadores a terem muito cuidado antes de generalizar” (BARRETTO, 2007, p.58), pois essa relação difere em função de diversos fatores, inclusive a visão que a comunidade local tem acerca dos turistas. Por esse motivo, acredita-se na necessidade de um estudo de caso no qual é possível interpretar e analisar a relação entre visitantes e visitados e os resultados dessa, principalmente do ponto de vista do visitado.

Na atualidade, se pode dizer que a relação entre visitantes e visitados varia dentro de um amplo espectro, desde situações de contato zero até situações de intimidade dentro de casa ou da aldeia, desde situações de simpatia e criação de laços de amizade até situações de hostilidade (BARRETTO, 2007, p.81).

Percebendo essas formas de relações entre visitantes e visitados, optei por estudar no Roteiro Cultural Caminhos de Pedra, no qual a relação entre visitantes e visitados ocorre de diferentes formas dependendo da casa visitada. Em algumas

casas, há um maior contato entre os moradores e os turistas do que em outras. Há também aquelas em que o visitante tem contato apenas com funcionários que por vezes não residem na comunidade. Surgiu também a necessidade de analisar de que forma a etnicidade e a herança cultural dos moradores são influenciadas pelo turismo no processo de reconstrução, sendo essa análise realizada através da relação entre visitantes e visitados.

Barretto (2007, p.67) lembra que “o turismo é uma atividade realizada pelo homem em sociedade. Como tal tem um importante grau de imprevisibilidade, por isso não se podem generalizar as relações entre visitantes e visitados nem predizer como serão em determinado momento e lugar”. Sendo assim, o que ocorre em uma comunidade pode não ocorrer em outra, pois o turismo e a relação existente entre moradores locais e turistas varia de caso para caso, não podendo generalizar e afirmar que ocorra da mesma maneira em todos os locais. Assim, compreende-se melhor a importância do estudo das relações entre visitantes e visitados no turismo e de que forma a cultura é abordada nessa relação. Além disso, conforme lembra Pozenato (2003), é preciso analisar um processo cultural dentro de um processo histórico para poder compreendê-lo, pois

Ele estando dentro de um processo de história ele se transforma. É importante saber identificar que fatores podem determinar transformações culturais, mudanças culturais. Que fatores, ao introduzir mudanças culturais, respeitam a identidade, fazem modificações, mas não destroem o significado cultural, e que fatores, ao interferir numa cultura, destroem essa identidade (POZENATO, 2003, p.30).

Sendo assim, é preciso analisar o turismo nas relações entre visitantes e visitados como um fator que pode influenciar nas mudanças culturais, podendo essas mudanças virem a ser positivas ou negativas, dependendo do local e a forma com que a atividade turística é desenvolvida e da maneira como ocorre a relação entre visitantes e visitados.

Segundo Wainberg (2003), trabalhando com a visão de Taylor (2001), tem-se que uma das grandes potencialidades da comunicação através do turismo é que o visitante e o visitado estão em uma área de contato.

A comunicação turística é sempre mediada por artefatos do outro. Nós vivemos num mundo que é materialmente heterogêneo. Sua exposição pelo nativo e o desejo do turista de vislumbrar tais acervos refletem o encontro de alteridades. Um encontro com diálogo constrangidos, limitados pela própria natureza desta indústria. Neste andar apressado, consomem-se marcas, imagens, significações empacotadas, narrativas agendadas por roteiros pré-

moldados (WAINBERG, 2003, p.76).

Essa comunicação ocorre através das relações interpessoais favorecidas pelo turismo, relações entre visitantes e visitados, nas quais a comunicação entre ambos pode influenciar no processo de reconstrução cultural e na representação dessa aos visitantes e para os próprios moradores locais.

Wainberg (2003, p.47) apresenta a segmentação de turistas exposta por Moscardo e Pearce (1999) “1. O grupo de turistas em alta conexão étnica; 2. O grupo de turistas passivos; 3. O grupo de turistas consumidores; 4. O grupo de turistas de baixo interesse étnico”. Essas segmentações representam as diferentes formas de relações que podem se dar entre turistas e moradores locais, iniciando com os turistas de alta conexão étnica, que têm maior interesse nos visitados, e finalizando com os turistas de baixo interesse étnico, que se revelam deslocados. O interesse por parte dos turistas varia de acordo com o desejo de conhecer e se envolver com a cultura do outro.

De acordo com Wainberg (2003, p.47) “[...] turismo é comunicação acima de tudo”, pois é feito por pessoas para pessoas sendo a comunicação a principal forma de interação entre os sujeitos. “Devemos por isso [...] elaborar uma boa teoria comunicacional do turismo para compreender outras dimensões do tema, mesmo seus aspectos econômicos e sistêmicos mais amplos” (*Ibid.*, p.83). Neste caso, analisando a etnicidade dos moradores locais através da comunicação existente nas relações com os visitantes

Sendo assim, busca-se perceber esses fatores existentes na relação entre moradores locais e turistas no Roteiro Cultural Caminhos de Pedra a fim de compreender o processo cultural atual e suas interferências provenientes do processo histórico e turístico nesse local. Então, após situar a Cultura no Turismo e vice-versa, e como esses podem ser abordados pela Antropologia, também é importante estudar para compreender, além do Turismo e da Cultura, a herança cultural, a etnicidade e a identidade cultural do grupo em questão.

1.2 Etnicidade e identidade em uma arena turística

A natureza, a crença religiosa, os esportes, a herança cultural, a identidade e a etnicidade, dentre tantos outros, são utilizados como atrativos pela atividade turística. Se uma das motivações do turismo é a busca do exótico, do diferente, do

outro, esse fato pode levar o visitado a

[...] se apresentar de acordo com o exotismo requerido pela perspectiva turística a fim de serem atrativos no mercado turístico. Devem ter sinais diacríticos a exibir, a serem consumidos nesse amplo mercado. A construção, promoção ou fortalecimento de sinais diacríticos que caracterizam (que definem culturalmente) um povo é o próprio âmbito da etnicidade (GRÜNEWALD, 2004, p. 02).

Dessa forma, a etnicidade está no contexto da identidade dos visitados. Esses buscam os sinais diacríticos de sua identidade, reconstruindo-os e renovando-os de acordo com a demanda turística e, assim, valorizando a sua etnicidade como um produto turístico. Segundo Barth (1998), a etnicidade se define nas fronteiras, ou seja, quando há o contato entre dois grupos diferenciados, as fronteiras desses definem a sua etnicidade. Dentro de um grupo o conteúdo, os traços culturais, pode se modificar, todavia a etnicidade continua a mesma sendo percebida através dos sinais diacríticos das fronteiras.

De acordo com Grünewald (2004), Nelson Graburn percebe a etnicidade como a construção identitária em que se tem a comunicação como um dos acessos ao outro. Ainda interpretando esse autor, Grünewald (2004) afirma que uma identidade pode buscar renovar as tradições baseada em um período anterior de uma cultura, ou mesmo buscando traços culturais distintos. Segundo Graburn (*apud* GRÜNEWALD, 2004, p.02), símbolos identitários não precisam ser originais de uma cultura, eles podem ser trocados, emprestados e até roubados:

De fato, seria difícil selecionar qualquer cultura ou subgrupo cujos símbolos culturais fossem totalmente de sua própria criação ou de sua própria história. Além disso, tais identidades 'emprestadas' são freqüentemente úteis ou funcionais num mundo onde velhos grupos são degradados ou novas categorias e etnicidades estão sendo criadas.

Dessa forma, percebe-se a dinamicidade do processo de reconstrução cultural, durante esse uma cultura pode absorver traços diferenciados de outras culturas passando a ser característicos também da cultura que os absorveu. Além disso, o que define a identidade de determinado símbolo transplantado de uma cultura para outra é o significado que lhe é deferido:

Quando se copia uma manifestação cultural se copia o signo, não o significado. Descobrir isso é um processo de interpretação permanente. Toda interpretação é uma interpretação, uma leitura sempre sujeita a re-exame, a reformulação, quer dizer, a leitura do significado é sempre um processo em aberto. (POZENATO, 1990, p. 13).

Seguindo essa linha de pensamento, a etnicidade deriva da origem comum

que gera vários traços culturais, formando, assim, uma identidade que passa a ser vivenciada como real em determinado momento. Com o passar do tempo, novos traços culturais vão sendo absorvidos e esses passam a fazer parte dessa etnicidade, tornando-se a herança cultural de um grupo. A etnicidade determina

[...] um tipo particular de grau social que se alimenta de características distintas e de oposições de estilos de vida, utilizadas para avaliar a honra e o prestígio segundo um sistema de divisões sociais verticais. Mas essas características distintivas só têm eficácia na formação dos grupos étnicos quando induzem a crer que existe, entre os grupos que existem, um parentesco ou uma estranheza de origem (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.38).

É então essa relação de alteridade entre os visitantes e visitados que faz com que os moradores locais do Roteiro Cultural Caminhos de Pedra passem a valorizar a sua etnicidade, tornando-a um atrativo turístico, buscando reconstruí-la ou renová-la. Conforme Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.124) “[...] a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas”. Ou seja, é através das diferenças culturais e do contato com o outro que a etnicidade se evidencia. Quando há uma comunicação entre diferentes culturas, a identidade étnica se define.

A etnicidade não é vazia de conteúdo cultural (os grupos encontram ‘cabides’ nos quais pendurá-la), mas ela nunca é também a simples expressão de uma cultura já pronta. Ela implica sempre um processo de seleção de traços culturais dos quais os atores se apoderam para transformá-los em critérios de consagração ou de identificação com um grupo étnico (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.129).

Seguindo o embasamento apresentado por Poutignat e Streiff-Fenart acerca da etnicidade, tem-se que essa é dinâmica, estando em constante construção. De acordo com Santos e Barretto (2006), esse fenômeno era conhecido como aculturação, no qual os traços culturais de outros grupos eram absorvidos por determinado grupo. Atualmente, trabalha-se com a idéia de hibridismo, uma vez que, quando uma cultura absorve traços de outra cultura, nenhuma deixa de existir, mas continua sendo percebida como cultura, na qual esse novo traço cultural faz parte, passando a ser característico dela. Através do termo hibridismo fica implícita “[...] uma concepção dinâmica e processual de cultura, já não mais concebida como sistema fechado” (SANTOS e BARRETTO, 2006, p.246). Conforme Canclini (2003, p.XXI) “a construção lingüística (Bakhtin; Bhabha) e a social (Friedman; Hall;

Papastergiadis) do conceito de hibridação serviu para sair dos discursos biológicos e essencialistas da identidade, da autenticidade e da pureza cultural”.

O processo de seleção dos traços culturais da etnicidade que irão se tornar mais característicos de um grupo pode ocorrer objetivando a interação com o turismo: “trata-se de uma ‘etnicidade-para-turismo’ na qual culturas exóticas figuram como atração chave, onde os nativos se esforçam ‘para satisfazerem a demanda turística ou para fazer-se-nativo-para-turista’” (MACCANNEL *apud* GRÜNEWALD, 2004, p. 03) e “[...] o turismo promove a restauração, preservação e a recriação de atributos étnicos” (*ibid*, p.03).

Rodrigo Grünewald (2004) apresenta em suas pesquisas, a forma com que os índios Pataxó e os Potiguara, de Coroa Vermelha na Bahia, desenvolveram o turismo voltado à sua cultura. Os índios não querem integrar-se totalmente ao desenvolvimento regional, tendo a necessidade de reforçarem a sua *indianidade*, nesse ponto o turismo surge como uma forma de reforço. O autor demonstra como os índios buscaram a renovação e o fortalecimento da sua identidade étnica produzindo uma cultura diante do contexto turístico. Essa “é uma cultura que não obedece mais a lógicas ancestrais e relativas aos mitos de origem ou coisa parecida [...]” ela recebe influências de uma “[...] dinâmica pós-moderna, globalizada, informada por fluxos translocais de cultura [...]” (GRÜNEWALD, 2004, p.17), sendo organizada de acordo com contextos específicos.

Assim como ocorre com os índios Pataxó, pode-se dar como exemplo a *italianidade*, ou seja, a reconstrução da etnicidade italiana gerada pelo desenvolvimento do turismo, sendo uma forma de reconstrução da cultura. “Essa cultura à qual diz respeito a leitura que imigrantes fazem hoje do passado. Elegem no passado os pilares que dão sustentação para o ideal de cultura italiana, que corresponda às aspirações atuais, ‘modernas’, do que é ser italiano” (SAVOLDI, 2001, p.90).

Em seu estudo Adiles Savoldi (2001) destaca que na cidade de Urussanga, região sul de Santa Catarina, a italianidade está se constituindo como uma forma de marketing turístico, pois o fato de ser descendente de italiano deixou de ser algo vergonhoso e passou a ser sinônimo de *status*. A população local contou com o apoio de associações italianas no resgate da cultura e na sensibilização dos descendentes quanto à valorização de seus antepassados e seus costumes, como a alimentação e sotaque, que antes eram ridicularizados.

O resgate da italianidade no estudo de Savoldi (2001) vai ao encontro das idéias de Grünewald (2004), quando afirma que os membros das comunidades étnicas podem participar de atividades turísticas, ocorrendo um resgate de culturas, tradições, danças e artefatos já esquecidos pelos descendentes, a fim de exibi-los para os turistas.

O mesmo que Rodrigo Grünewald apresenta sobre os índios Pataxó pode ocorrer em outras comunidades. O autor lembra que seria incorreto um turista pensar que irá encontrar os índios, atualmente, vivendo da mesma forma que os índios da época do descobrimento. Assim como é equivocado o turista acreditar que vai encontrar as pequenas comunidades coloniais da mesma maneira que as encontraria no século XIX, quando da chegada dos imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul.

Seguindo a idéia de Grünewald, através do turismo a reconstrução da etnicidade não é necessariamente negativa, pois contribui para restaurar traços culturais que estavam se perdendo. Essa reconstrução contribui para a valorização da etnicidade e da identidade de um grupo. No entanto, essas não são reconstruídas da mesma forma que ocorria em gerações passadas, pois há uma transformação, um contato com outras culturas e a absorção de traços diferenciados, formando assim determinada etnicidade que não deixa de ser original, mas também não se trata de uma etnicidade totalmente nova.

No caso a ser estudado, do Roteiro Cultural Caminhos de Pedra, muitos traços culturais “italianos” foram se alterando com o passar do tempo. Entretanto, isso não significa que os descendentes dos imigrantes italianos perderam a sua etnicidade. Mesmo absorvendo outros traços culturais, mantêm traços étnicos particulares.

O realce da identidade étnica exprime-se, assim, inicialmente através de um rótulo étnico entre outros meios possíveis de identificação das pessoas. É apenas depois de ter selecionado esse rótulo [...] que os comportamentos, as pessoas, os traços culturais que eles designam surgem quase naturalmente como “étnicos” (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.129).

A identidade de um grupo é, de acordo com Hall (2004, p.38), “[...] realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Essa se forma pela comunicação com diferentes grupos e pela absorção de traços culturais

diferenciados, sendo assim dinâmica e estando em constante reconstrução/reformulação. Estudos que levam em consideração os processos de hibridação nos dão conta que

[...] não é possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação. A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência (CANCLINI, 2003, p.XXIII).

Outro fator que contribui para a reconstrução de uma identidade é o sentimento de pertencimento a determinada cultura. Esse sentimento contribui para que o sujeito busque traços dessa cultura, podendo ser por meio da sua etnia, passando a fazer parte da sua identidade cultural. Sendo assim, a identidade permanece em um constante processo de formação, “[...] os processos inconscientes não podem ser facilmente vistos ou examinados” (HALL, 2004, p.39).

Além disso, a identidade, assim como a etnicidade, é relacional, ela depende de influências externas para ser tal identidade, ou seja, ela precisa de outra identidade para se diferenciar. “A identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000, p.09).

As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições [...]. A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação (WOODWARD, 2000, p. 41).

É também a partir das diferenças que se reconstrói a identidade étnica. Por meio da comunicação se evidenciam as diferenças e se estabelecem fronteiras étnicas.

[...] dentro desses fatores que interferem nas mudanças culturais, na questão das trocas entre culturas, não vamos encontrar maiores dificuldades de compreensão, nem traumas culturais, porque esse processo se faz dentro de uma dinâmica em que os significados vão sendo reconstruídos, na medida em que os elementos vão sendo tomados de empréstimo (POZENATO, 2003, p.33).

De acordo com Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.156), “um grupo pode adotar os traços culturais de um outro, como a língua e a religião, e, contudo continuar a ser percebido e a perceber-se como distinto”, pois os traços que esses adotarem de outro grupo podem ser os mesmos, no entanto, podem ser atribuídos significados diferenciados do que se tinha no grupo anterior. Sendo a identidade

étnica realçada por meio de um rótulo étnico como forma de identificação “é apenas depois de ter selecionado esse rótulo (depois que a etnicidade foi realçada pelo procedimento mesmo de sua seleção) que os comportamentos, as pessoas, os traços culturais que eles designam surgem quase naturalmente como ‘étnicos’” (*Ibid*, p.167).

O turismo, na medida em que supõe contato, pode levar as diferenças culturais a se tornarem um atrativo. Em uma arena turística, que é o “[...] espaço social onde ocorrem interações geradas pela atividade turística [...]. Há etnicidade aí e a identidade étnica construída nesse palco também é legítima e autêntica na medida em que autênticos e legítimos são os turismos nesses espaços sociais” (GRÜNEWALD, 2004, p.05). Essa noção de arena turística, apresentada por Grunewald pode ser aplicada ao Roteiro Cultural Caminhos de Pedra da seguinte forma: sujeitos de *comunidades étnicas* inserem-se nas atividades turísticas, juntamente com outros membros, dando origem a uma *comunidade turística*; as fronteiras desta comunidade podem ter a mesma amplitude da arena turística, que é o local no qual é desenvolvida a experiência turística. Então os membros da comunidade turística, que são os envolvidos no turismo juntamente com os demais da comunidade étnica, formam uma *comunidade etnoturística*.

Dessa forma, o Distrito de São Pedro, juntamente com as comunidades de Santo Antônio e Santo Antoninho, formam uma comunidade etnoturística na qual os membros que se inserem na atividade turística podem ser considerados membros de uma comunidade étnica, e o roteiro, que é o espaço no qual há a interação gerada pelo turismo, como a arena turística.

Portanto, uma das tarefas dessa pesquisa é identificar como se reconstrói a etnicidade da herança cultural, herdada dos primeiros imigrantes italianos chegados ao Rio Grande do Sul, na arena turística do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, através da análise do planejamento do projeto desse roteiro, da descrição etnográfica e da análise da etnicidade através da relação entre visitantes e visitados.

1.3 Turismo rural, turismo cultural e turismo rural cultural

As pessoas têm buscado no turismo não apenas a fuga do seu cotidiano, a procura de lazer e descanso, mas também o conhecimento. Sendo assim

[...] a interpretação histórica contribui com uma nova perspectiva para o turismo cultural, na medida em que amplia as possibilidades de objetos de interpretação e das formas de interpretar as culturas passadas, ampliando, ainda, as possibilidades de transformação dessas culturas em atrativos a serem problematizados e valorizados pelo visitante (MENESES, 2004, p.48).

Através da interpretação das culturas por meio do turismo cultural é instigado o conhecimento dos turistas. Para isso, são necessárias diferentes formas de se apreender e interpretar a cultura, estimulando o turista a sair de seu cotidiano e buscar o encontro e o conhecimento do outro e seu dia-a-dia.

O turismo cultural, de acordo com Azevedo (2002, p.151), é composto por dois termos, o *turismo* e a *cultura*, sendo o primeiro “[...] a busca de diferenças [...]” e o segundo “[...] o código mais profundo que revela o modo de ser de uma dada sociedade”. Esse turismo tem como elemento diferencial a busca pelo patrimônio “[...] que a Unesco veio a denominar ‘patrimônio humano’” por ser constituído também por representações de estilos de vida. Dentre os elementos básicos, pode-se citar “[...] a identidade dos povos e, também, por consequência [...], a diversidade cultural”. Azevedo (2002, p.152) ainda especifica mais o turismo cultural, no qual

[...] a *motivação central* corresponde à busca do conhecimento, busca essa que envolve satisfação da curiosidade, inclusive em relação ao patrimônio humano. Outra característica marcante distinta do turismo cultural é que sua *oferta* se pode dar independentemente de estações e de configurações de território, podendo ocorrer no litoral ou interior, em zona urbana ou rural, em região plana ou acidentada.

Barretto (2000, p.19-20) entende por turismo cultural “[...] todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana. Esse aspecto pode ser a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer outro dos inúmeros aspectos que o conceito de cultura abrange”.

Interpretando os conceitos apresentados por Azevedo (2002) e Barretto (2000), percebe-se que a história e a cultura estão presentes quando se trata de turismo cultural. Além disso, tem-se como uma das motivações centrais o conhecimento do “outro”, sejam os seus valores, o seu patrimônio, enfim, sua etnicidade, cultura, tradição e história. Quando se fala em patrimônio busca-se enfatizar que esse

[...] deixou de ser definido pelos prédios que abrigaram reis, condes e marqueses e pelos utensílios a eles pertencentes, passando a ser definido como o conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças

e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade (BARRETTO, 2000, p.11).

Além do patrimônio denominado *patrimônio humano* pela Unesco e do patrimônio de forma abrangente definido por Barretto (2000), esse também pode ser dividido em patrimônio material e patrimônio imaterial. Conforme apresenta Meneses (2004, p.24), “o primeiro é o conjunto das construções físicas do homem na sua relação com o meio ambiente para o atendimento de suas necessidades práticas” e o segundo agrupa “[...] as construções mentais e os valores culturais configurados em signos e significados diversos”.

No turismo cultural é fundamental trabalhar com todas estas formas de abordagem do patrimônio, seja humano, material ou imaterial. Todos têm grande importância nesse segmento da atividade turística mantendo a história e a herança cultural, que geram o conhecimento, e o encontro com o cotidiano do outro, que os turistas buscam.

Após anos de auge do turismo de massa, nas décadas de 1950/1960, o turismo cultural vem se mostrando como alternativa àqueles que desejam mais do que lazer e descanso em suas viagens, sendo voltado principalmente para motivações como conhecer novas culturas, ampliando o seu conhecimento. Esse turismo é possível, entre outros, através de atrativos histórico-culturais que são utilizados pela atividade turística. Além disso, “o patrimônio que o turista quer e deve ver está vivo. Ele deveria ser vivenciado em seu próprio devir, em sua dinâmica vivência que conjuga história, tradições, artes, valores e práticas costumeiras” (MENESES, 2004, p. 30), não perdendo o seu real significado e valor cultural. Gastal (2002, p.127-128) lembra que

é necessário que a Cultura deixe de ser apresentada exclusivamente do ponto de vista do lugar, do sedentário, como algo acabado, como produto a ser assimilado/consumido. É preciso que mesmo os monumentos – arquitetônicos ou artísticos – sejam visitados e usufruídos enquanto símbolos de um determinado momento em uma comunidade, mas que eles também continuem vivos para a comunidade onde estão.

Na busca do reconhecimento de um espaço turístico cultural é preciso “[...] dar sentido e significado a coisas e a costumes de tempos diversos e de pessoas diferentes do turista” (MENESES, 2004, p.104), além de incentivar a recuperação ou preservação da memória coletiva com objetivo de recuperar ou manter viva a cultura e a memória da população local. Assim como também “deve-se propiciar ao turista informações e estrutura para que seja possível a experiência turística, para que ele

tenha um acentuado apreço ao ambiente natural, à vida material e aos costumes de homens e mulheres que vivem nesse espaço” (*Ibid*, p.105), percebendo os sinais diacríticos existentes entre as diferentes culturas.

Sendo assim, na busca do turismo cultural para um determinado local pode ocorrer uma revitalização tanto do patrimônio material quanto imaterial, com objetivo de recuperar o que havia sido perdido ou estava nesse processo e pode vir a se tornar um atrativo turístico. Barretto (2000) alerta que dessa forma o patrimônio pode se tornar um bem de consumo deixando de ter como seu valor principal a significação histórica e passando a ser valorizado apenas como um atrativo turístico sem história.

Percebe-se que a utilização do patrimônio cultural pelo turismo vem crescendo e tornando-se uma alternativa de desenvolvimento da atividade turística. O patrimônio cultural é o “[...] legado histórico socialmente determinado e preservado pela memória coletiva [...]” (MENESES, 2004, p. 20), podendo tornar-se um atrativo turístico bem sucedido, pois “é próprio do homem buscar conhecer as diferenças culturais, intentar compreender significados para as vidas de outros grupos sociais, visitar lugares que não são os seus para compreendê-los em sua espacialização histórica e cultural própria” (*Ibid*, p.20). Desta forma, os indivíduos buscam através do turismo conhecer o patrimônio cultural a fim de apreender melhor determinada cultura, buscando compreendê-la, o que ocorre quando o patrimônio se torna um atrativo turístico. Sendo assim, a transformação do patrimônio em atrativo turístico é positiva quando o turismo é trabalho em conjunto com o significado histórico do patrimônio, gerando conhecimento tanto para a comunidade local quanto para os turistas.

É preciso levar em consideração o significado histórico e cultural do patrimônio, tanto material quanto imaterial, para o desenvolvimento do turismo, pois esse patrimônio muitas vezes é o cerne para o desenvolvimento do turismo cultural, objetivando relembrar o passado mantendo viva parte da memória e a cultura de determinada localidade. Entretanto, caso haja interferências negativas, pode-se perder a memória cultural e essa dificilmente poderá ser reconstruída. Sendo assim, Meneses (2004, p.41-42) lembra que

o exercício teórico e prático do turismólogo que se dedica ao planejamento e desenvolvimento de um turismo cultural tem sua base fundamental na interpretação de manifestações culturais que ele apreende, inventaria, documenta e transforma em atrativo para pessoas que buscam conhecer o

outro e transformar esse conhecimento em momento de abstração e de fruição prazerosa.

Por isso, no turismo cultural é preciso que, juntamente com o atrativo turístico, a realidade da comunidade esteja presente, sendo uma história em construção e não apenas um objeto museológico de observação, levando a “musealização da vivência cotidiana frente a produção massiva de atrativos turísticos” (MENESES, 2004, p.12). Pois é observando a realidade que o turista visualiza, pensa e compreende a concepção e a etnicidade daquela comunidade. Desta forma, o turista não esquece e recomenda a visita a outros; é preciso que o turista incorpore significados ao atrativo para não esquecê-lo.

No turismo cultural

caminhos, percursos, hospedagens e desconfortos desmotivam, mas não desanimam quem quer conhecer culturas distintas. Ontem e hoje, viajantes buscam, na fuga do seu cotidiano, empreender percursos que os levem ao lazer, ao descanso, mas, sobretudo, ao conhecimento. Não dispensam, entretanto, um planejamento receptivo que os acolha e lhes ofereça visitas problematizadoras e prazerosas (MENESES, 2004, p.113).

Da mesma forma que o turismo cultural, o turismo rural surge como uma alternativa de sair do cotidiano para os turistas, pois muitos vivem em centros urbanos, perdendo quase todo o contato com a vida no campo. Sendo assim, o turismo rural vem a ser uma alternativa de encontro com um meio diferente do seu cotidiano. Esse, de acordo com Solla (2002), é o turismo que ocorre no meio rural tendo os elementos desse ambiente como a principal motivação, “[...] o turismo rural está mais interessado nos aspectos do patrimônio, que pode abranger não só a própria natureza, mas também a cultura popular, a arquitetura, a gastronomia ou os modos de vida” (SOLLA, 2002, p.117). Sendo assim, o turismo rural necessita não somente do espaço rural para ocorrer, ele também depende do patrimônio que se encontra em determinado espaço para que se torne atrativo juntamente com o rural. Com essa união, o turismo é chamado de turismo rural. Esse segmento também

[...] busca a valorização do patrimônio cultural e natural, conservando raízes e divulgando costumes, trabalhando com a perspectiva de manutenção do homem no campo e servindo como novo segmento a ser agregado à atividade econômica principal da propriedade (MACHADO, 2005, p.37).

Sendo assim, o turismo rural surge como uma alternativa de atividade complementar aos indivíduos que vivem na zona rural e que têm sua atividade

principal baseada na agricultura:

[...] turismo rural deve estar relacionado, especificamente, ao meio e à produção rural. Se a idéia é de complementar a renda do pequeno produtor rural, gerar emprego, evitar o êxodo rural e promover o desenvolvimento local, o Turismo Rural deve ser conceituado como uma atividade que considere os atributos essenciais do que é, de fato, rural. (TULIK, 2004, p. 86-87).

Ainda de acordo com Solla (2002), um dos papéis do turismo rural seria criar alternativas de renda complementar, com intuito de manter a população no campo através das intervenções positivas geradas pela atividade turística. Além disso, Solla (2002) aponta como motivação central do turismo rural os aspectos do patrimônio, no sentido amplo, envolvendo a natureza, a cultura popular, a arquitetura, a gastronomia, os modos de vida, o seu passado, entre outros. De acordo com esse mesmo autor, “de modo muito simples pode-se dizer que o turismo rural é aquele que se desenvolve no meio rural e que tem como principais motivações os elementos próprios desse ambiente [...] mantém implícita uma estreita relação com as populações locais” (*Ibid.* p.117-118).

Percebe-se, então, que o turismo recebe diferentes tipologias, tais como, turismo ambiental, turismo religioso, turismo rural, turismo cultural, turismo de aventura, dentre tantas outras. Cada uma dessas trabalha com uma diferente abordagem do turismo, pois tendem a valorizar mais o seu enfoque, seja a natureza, a religião, a cultura, etc.

Na presente pesquisa, o conceito de turismo rural cultural pode ser considerado como uma categoria nativa, pois não é utilizado pela corrente científica. Entretanto, é utilizado pelo Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, que se auto-intitula, na folhetaria impressa, um roteiro de “turismo rural cultural”. Por esse motivo percebe-se a necessidade de buscar uma possível conceituação teórica para esse. Sendo assim, será abordada a união entre o turismo rural e o turismo cultural, com o objetivo de conceituar o turismo rural cultural em roteiros que localizam-se no meio rural, mas que têm como principal atratividade a cultura.

Através da prática do turismo responsável, o que se deve buscar é o encontro entre turistas e a comunidade local, pois através desse encontro, se esse ocorrer de forma benéfica, ambos podem aprender com a cultura do outro. Ou seja, quando não há uma espetacularização da cultural local, quando o visitante tem a possibilidade de observar a cultura e as tradições, o visitante aprende com o

visitado, podendo haver uma troca, pois o turista passa a conhecer mais acerca do local e da população receptora. Além disso, quando há um contato mais direto com o turista, a população local pode aprender com aquele, pelo fato de que mesmo em uma conversa informal muito de cada cultura é passada. Entretanto, sabe-se que esse encontro e essa troca ocorrem quando realmente há uma integração entre visitantes e visitados. O turismo deve permitir

[...] o encontro de seres humanos que habitam as regiões mais afastadas e são de línguas, raças, religiões, orientação política e posição econômicas muito diferentes. Ele os reúne. É graças a ele, em grande parte que estes seres humanos conseguem estabelecer um diálogo entre si, compreender a mentalidade do outro, que, de longe, lhe parece tão estranho, preenchendo, dessa forma, o fosso que os separa. (KRIPPENDORF, 2000, p. 82-83).

Todavia, sabe-se que muitas vezes isso não ocorre. O turismo deve ser responsável pela exaltação da cultura e não pela sua espetacularização, “[...] promovendo a preservação da memória histórica e atuando como elemento de continuidade que permite às comunidades se apropriarem do conhecimento de seus bens patrimoniais, e perceberem o correspondente valor econômico” (AZEVEDO, 2002, p.154).

O turismo rural cultural busca unir a cultura ao ambiente rural, demonstrando que o meio rural também é muito rico culturalmente. No Roteiro Caminhos de Pedra, esse turismo é claramente perceptível, pois se tratava de um local que era considerado “antigo” e “ultrapassado” por alguns, mas quando foi avaliada a riqueza cultural mantida naquele local percebeu-se o enorme potencial que ali havia.

Com o surgimento, cada vez maior, de novas tecnologias, muitas vezes os costumes e hábitos acabam se modificando, por esta ser a tendência natural. Contudo o Turismo traz como benefício a revitalização destes costumes e hábitos esquecidos, mas é importante que esses não voltem apenas por ser uma necessidade imposta pelo fenômeno e sim como algo que já fazia parte da vida das pessoas e que continua fazendo como se nunca tivesse sido esquecido. (MICHELIN, 2005, p. 44).

Sendo assim o turismo rural cultural é um turismo que ocorre em um espaço rural, ou de características rurais fortemente presentes, associado ao patrimônio cultural, lembrando que esse pode ser tanto arquitetônico quanto histórico, ou como denominado pela UNESCO, *patrimônio humano*, no qual os visitantes buscam o contato com o outro, buscam o local de moradia original para aprender mais sobre as tradições, histórias, enfim, a cultura da comunidade local no seu espaço de origem, que nesse caso é o espaço rural. De acordo com Meneses (2004, p.49),

“pensar o patrimônio cultural de uma sociedade é pensar a própria sociedade e problematizar sua existência e a sua forma de participação na vida”. Sendo assim, pensar o turismo cultural e rural requer que se pense no patrimônio cultural, na sociedade e na relação que haverá entre visitantes e visitados.

Barretto (2007, p.58) apresenta a Recomendação de La Habana sobre diversidade cultural e turismo da UNESCO (2003). Nela se

[...] reforça a necessidade de aprofundar na reflexão sobre a relação entre turismo, cultura e desenvolvimento, incluindo nesta as relações entre visitantes e visitados, nas quais deve prevalecer o equilíbrio para preservar a diversidade e para promover o desenvolvimento local.

Então, para que haja a promoção do desenvolvimento local de forma adequada, é necessário que haja um planejamento prévio com manutenção constante. Sendo assim, é importante também verificar o planejamento do turismo para melhor compreender a relação existente entre visitantes e visitados e de que forma essa interfere na reconstrução da etnicidade e da herança cultural da comunidade local.

1.4 Planejamento do turismo cultural

Planejar, segundo a OMT (Organização Mundial do Turismo), é “[...] organizar o futuro de forma a atingir certos objetivos” (2003, p. 41). Para isso, se deve contar com a participação da população local, pois “o compromisso participativo em projetos de desenvolvimento possivelmente representa o caminho de maior sustentabilidade com relação à garantia de continuidade do processo e aos impactos indiretos dele decorrentes, e nem sempre mensuráveis” (IRVING, 2002, p. 40). Também porque “o uso que se fizer do planejamento deverá estar de acordo com o que a coletividade dispõe e não com o que os representantes dessa coletividade consideram melhor para si” (MOLINA e RODRÍGUEZ, 2001, p.65). Segundo Ander-Egg (1978, p. 15, tradução minha) “[...] pode-se dizer que planejar é um conjunto de procedimentos mediante os quais se introduz uma maior racionalização e organização, e ações e atividades previstas antecipadamente [...]”, e complementa:

Em seu aspecto essencial o planejamento consiste em uma arte que estabelece procedimentos para a otimização das relações entre os meios e os objetivos proporcionando normas e pautas para uma tomada de decisões coerentes, compatíveis e integradas, que conduzem a uma ação sistemática organizada e cordialmente executada (*Ibid*, p.16, tradução

minha).

Dessa forma, no planejamento se definem os objetivos a serem atingidos e se verificam as melhores maneiras para chegar a esses.

De acordo com o demonstrado até o momento, percebe-se que a etnicidade, a herança e o patrimônio cultural de uma população podem se tornar um atrativo. No entanto, para que esse processo ocorra de forma a não vir a afetar negativamente a conservação e reconstrução dessa cultura, é necessário que haja um planejamento. Conforme Barretto (2000, p.75), “[...] para que patrimônio e turismo possam ter uma convivência saudável, é necessário que haja planejamento, o que inclui controle permanente e replanejamento”. Um dos principais problemas quando se trata do turismo cultural tem sido a falta deste planejamento. Os atrativos culturais são vendidos no intuito de lucro e, segundo Barretto (2000), criam-se produtos pseudoculturais que são criticados, com razão, pelos antropólogos.

A intervenção dos planejadores de turismo pode ser decisiva para que o turismo cultural possa ser um produto realmente autêntico e trazer benefícios não somente econômicos como também socioculturais aos protagonistas. Pode-se criar um produto turístico cultural sem falsificações para agradar os turistas. Basta pensar que o produto está dirigido não apenas a uma platéia de curiosos forasteiros (estrangeiros ou não), mas também aos próprios cidadãos locais [...] (*Ibid*, p.76-77).

Sendo o planejamento que tenha por objetivo manter viva a etnicidade e herança cultural para que as futuras gerações aprendam acerca do processo pelo qual aquela população passou até este momento. O planejamento para o desenvolvimento do turismo de forma sustentável deve ser realizado de maneira

[...] com que seus recursos naturais e culturais sejam conservados, o desenvolvimento turístico não gere impactos ambientais ou socioculturais sérios e adversos, a qualidade ambiental geral da área seja mantida ou melhorada, os benefícios do Turismo sejam amplamente estendidos à sociedade e os níveis de satisfação dos turistas sejam mantidos (OMT, 2003, p. 41-42).

Quando se trata de desenvolver o turismo cultural é necessário que o planejamento ocorra de forma a abranger a totalidade dos recursos que serão influenciados por meio da atividade turística, assim como contar com a participação também da comunidade receptora juntamente com os profissionais responsáveis. É importante que haja um trabalho tendo em vista a importância da valorização da cultura e do patrimônio de uma determinada comunidade tanto para os moradores locais quanto para os turistas. Além disso, durante o processo de elaboração e

aplicação, os planejadores devem ter uma visão clara de que

[...] um destino não é somente outro “produto” ou “mercadoria”. Destinos são lugares nos quais as pessoas vivem, trabalham e se divertem. Se temos intenções sérias de tornar esses lugares sustentáveis, devemos tratá-los como o conjunto complexo de relacionamentos e redes que são (HALL, 2001, p.216).

Essa visão é necessária para que o turismo, principalmente o denominado cultural, ocorra de forma responsável gerando um desenvolvimento endógeno, pois o desconhecimento por parte dos planejadores de que um destino não é apenas um produto ou uma mera mercadoria, afeta significativamente a população local, que acaba tendo que conviver com os danos gerados por essa “falha” dos planejadores. Também se faz importante um trabalho de sensibilização turística para com a população local, no intuito de essa não se sentir como uma mera mercadoria durante a sua relação com os visitantes.

Para que a cultura também não se torne apenas uma mercadoria, é preciso que ela seja valorizada por meio do turismo como sendo a expressão da etnicidade, da herança e do patrimônio cultural de determinada comunidade. Como tal deve ser mantida, passando essa visão aos turistas para que saibam que a cultura não é uma mera mercadoria e, sim, a história de vida daquele povo.

Quando se fala de planejamento participativo, com intuito de desenvolver o turismo, ainda não há uma total compreensão deste, principalmente por parte dos planejadores. Segundo Barretto (2005, p.22) “[...] a questão participativa precisa ser mais bem definida e estruturada do ponto de vista metodológico. [...] Muitas vezes, chama-se de ‘participação’ à simples comunicação, durante uma reunião, de que determinado plano será implementado”. Principalmente quando se tem como objetivo o turismo cultural é fundamental a participação da comunidade local, pois essa é a detentora do que será o principal atrativo: a sua cultura.

Devido à globalização e ao constante processo de reconstrução cultural, muitas características modernas tendem a substituir as antigas. Sendo assim, um dos fatores importantes do planejamento voltado ao turismo cultural é a recuperação e conservação de bens culturais que estavam se perdendo. Visando, então, o desenvolvimento do turismo cultural, o planejamento deve ocorrer com a participação da comunidade local:

Assim, não se trata de planejar para e sim com a comunidade (planejamento participativo). Não se trata de planejar um único setor,

isoladamente, sem análise de suas repercussões, nem de planejar sob uma visão parcial da sustentabilidade (planejamento integrado), trata-se de entender a função maior do poder público que é buscar o bem comum, buscar o desenvolvimento de um município, de uma região, de um estado ou país dentro dos quatro vértices da sustentabilidade: econômico, social, ambiental e cultural (FÁVERO, 2004, p.79).

Então “[...] a sociedade, ao planejar para si mesma, encontra-se constantemente *aprendendo* a planejar e a conhecer seus *vazios* ou insatisfações [...]” (MOLINA e RODRIGUEZ, 2001, p.125), além de aprender a reconhecer e valorizar também a sua cultura e o seu patrimônio.

Em suma, é preciso que o turismo cultural seja planejado, preferencialmente com a participação da comunidade local, para que o turismo seja uma forma de valorizar a cultura, contribuindo no constante processo de reconstrução da etnicidade e da herança cultural e, financeiramente, para a conservação do patrimônio cultural material.

2 PROJETO CULTURAL CAMINHOS DE PEDRA

Conforme apresentado no capítulo anterior, um dos fatores da etnicidade está ligado ao passado comum. No caso do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra o passado comum é a imigração italiana. Sendo assim, nesse capítulo será apresentado um breve histórico da imigração italiana no Rio Grande do Sul para compreender a linha histórica até a formação do município de Bento Gonçalves, entendendo, assim, as raízes da italianidade presentes no roteiro. Será também apresentado o roteiro e a análise do projeto e dos relatórios dos seminários de planejamento de acordo com o entendido e apresentado no capítulo antecedente.

2.1 Imigração italiana no Rio Grande do Sul

No Brasil do século XIX havia uma política de colonização através da qual buscava-se povoar, além de outras, as terras devolutas da Província do Rio Grande do Sul, incentivando a imigração de mão-de-obra européia. De acordo com Boni e Costa (1984), no ano de 1824 inicia a imigração alemã para a atual cidade de São Leopoldo.

A região da campanha e o litoral já haviam sido povoadas, prevalecendo a pecuária como base econômica. No entanto, ainda havia vazios demográficos no Rio Grande do Sul na

[...] metade norte, compreendendo a zona de floresta na planície, à margem dos grandes rios do estuário do Guaíba, a Encosta Nordeste da Serra e os matos do Alto Uruguai. [...] Relegara-se a mata virgem, de difícil exploração, requerendo contingentes maiores de mão-de-obra, tão escassa na época, e cujo modelo de ocupação sequer fora definido, por não se saber exatamente a que tipo de produção haveria de servir. Foi para estas regiões que foram enviados os imigrantes (BONI e COSTA, 1984, p.38).

No ano de 1870 a situação encontrada no Rio Grande do Sul diferenciava-se da que fora encontrada pelos primeiros imigrantes alemães. Quando os alemães chegaram, ocuparam as terras planas e mais próximas dos núcleos urbanos. A população do estado havia passado “[...] de 110 para cerca de 440 mil pessoas” (*ibid*, p.62) e também houve um aumento no número de municípios que passou de cinco para vinte e oito. Entretanto, a Encosta Nordeste da Serra e o Alto-Uruguai permaneciam como terras devolutas. Como as terras planas haviam sido ocupadas pelos alemães, aos italianos restou os terrenos acidentados, no Nordeste do Estado,

cobertos por matas virgens e forte presença de fauna, com animais desconhecidos dos europeus. Seguindo a política de colonização dessas terras devolutas, o governo brasileiro inicia uma campanha nas áreas mais pobres da Itália:

foram os emissários do governo brasileiro, das Companhias de Colonização e, também, das Sociedades de Navegação que, por meio de uma bem-orquestrada campanha, se encarregavam de fazer o agenciamento de imigrantes, inclusive estimulando o imaginário popular a identificar a América como *il paese di cuccagna* [...] (RIBEIRO, 2002, p.65)

Isso ocorre porque no ano de 1870 a Itália passou por um processo político de unificação, “a unificação da Itália, ao invés de dar solução aos problemas sócio-econômicos, veio agravá-los” (FROSI e MIORANZA, 1975, p.12). Esse processo levou à destruição da pequena indústria de tipo artesanal e também elevou os impostos, contribuindo para a crise no campo. A população rural viu sua dieta alimentar deteriorar-se aumentando então

[...] o consumo de produtos à base de milho, principalmente de polenta. A subnutrição trazia consigo a predisposição para inúmeras doenças, algumas das quais, como a malária, haviam decrescido num período anterior. A pelagra, uma forma de avitaminose, devido ao consumo exclusivo de milho, grassava assustadoramente no norte do país (BONI e COSTA, 1984, p.52).

Então, para muitos desses camponeses, a alternativa foi emigrar da Itália, tendo o Brasil como um de seus destinos. De acordo com Ribeiro (2002, p.65), as causas que levaram a emigração foram a fome e a miséria, conseqüências da expansão do capitalismo europeu, mas razões de “[...] outra ordem poderiam ser mencionadas como, por exemplo, o apelo do mito do *Eldorado* americano que, na tradição da cultura camponesa será análogo ao mito *del paese di cuccagna*, causa de desilusões e de alguns pedidos de repatriamento”.

Para os italianos, emigrar para o Brasil significava a solução para os seus problemas, pois aqui iriam encontrar a *cuccagna*, ou seja, a fartura. Segundo Ribeiro (2002, p.66), através deste imaginário construído para com os italianos o Brasil “[...] passa a ser sinônimo do lugar da realização das expectativas e aspirações populares, isto é, mais que uma referência geográfica, é um lugar utópico”.

Desse modo, a travessia do oceano, o balanço do navio, a alimentação deficiente, o desembarque e a preocupação com a bagagem, o cuidado com os demais membros da família e o clima diverso são alguns dos fatores que provocaram nos imigrantes modificações orgânicas e psíquicas que seriam agravadas no momento em que se instalaram nos lotes coloniais (RIBEIRO, 2002, p.72).

Os navios com imigrantes italianos chegavam ao porto do Rio de Janeiro onde cumpriam o tempo da quarentena na “Casa dos Imigrantes” ou aguardavam para que os grupos fossem remanejados. Após isso, eram enviados para as demais Províncias. Os enviados para o Rio Grande do Sul chegavam no porto de Rio Grande onde permaneciam em um barracão até serem encaminhados para Porto Alegre de onde seriam alocados nas colônias. Os imigrantes enviados para a Colônia de Dona Isabel (atual Bento Gonçalves) viajavam cerca de 78 quilômetros no lombo das mulas ou a pé. Ao final da viagem, permaneciam em um barracão até serem encaminhados ao seu lote.

No lote, abria-se uma clareira, o mais rápido possível, e construía-se uma cabana de pau-a-pique, coberta com ramos de árvores. Era o primeiro abrigo da família, e onde à noite ardia sempre o fogo para afugentar os animais ferozes e, no inverno, para aquecer os corpos. Conforto, não havia; os vizinhos, só muito longe; vias de comunicação inexistentes; instrumentos de trabalho, os poucos fornecidos pelo governo ou trazidos da Itália; roupa, a que se trouxera e que, em breve, estava se acabando, não havendo por vezes a possibilidade de adquirir tecido para vestir-se (BONI e COSTA, 1984, p.106).

Assim como as instalações, também a alimentação era precária. Tendo como um dos primeiros alimentos o pinhão (semente da araucária) que a princípio era consumido cru, sendo descoberta após algum tempo a sapecada de pinhão. “A sapecada (costume de assar o pinhão ao fogo da grimpá² de pinheiro) foi sendo descoberta pela necessidade de queimar as grimpas caídas dos pinheiros, para limpar os poteiros onde estavam os bovinos e outros animais” (*ibid*, p. 132). Com o passar do tempo foram descobrindo frutas comestíveis através do odor das mesmas.

A polenta, que era conhecida na Itália como *mosa*, é o resultado da mistura de água, leite e farinha de milho com sal, “a mistura se realizava depois de ferver o leite e a água. Dava-se mais uma fervura, depois de misturada a farinha e o sal. Era um tipo de polenta mole, conhecida também com o nome de ‘le pape’” (BONI e COSTA, 1984, p.135). Entretanto, chegando ao Rio Grande do Sul, o preparo da polenta foi sofrendo alterações devido a falta do leite, sendo então preparada apenas com a farinha de milho, a água e o sal. Vale lembrar que esse prato não era preparado logo na chegada, e sim, somente após realizarem as plantações e colherem os frutos.

² Grimpa são os galhos secos da araucária.

Os imigrantes italianos ao chegarem em terras gaúchas confrontam-se com o estranhamento tendo que passar por “[...] um processo de reintegração dos seus laços tradicionais. A grande distância entre os dois universos – o da aldeia natal e o da mata subtropical da serra gaúcha – não era apenas espacial, mas também social, tecnológica e econômica” (RIBEIRO, 2002, p.73). Além de sofrerem um grande impacto ao chegar, perceberam que as terras do Rio Grande do Sul estavam longe de ser as *del paese di cuccagna* com as quais eles sonhavam e esperavam encontrar.

As colônias nas quais os imigrantes foram instalados não ficavam muito distantes umas das outras, o que facilitava o convívio entre eles, tendo, principalmente, as capelas como local de convívio e culto. Além dos *filós*, nos quais as famílias visitavam umas as outras à noite, geralmente aos sábados. Nesses encontros as mulheres costumavam fiar, fazer tranças de palha de trigo, contar histórias às crianças e trocar receitas; já os homens aproveitavam para jogar cartas e tomar vinho, e todos cantavam.

Constam nas estatísticas que “entre os anos de 1875 e 1914, entraram no Rio Grande do Sul entre oitenta e cem mil italianos. As estatísticas da época deixam a desejar e, ao que parece, inúmeros colonos não se encontram nelas registrados” (BONI e COSTA, 1984, p.68). Havia uma troca significativa entre os imigrantes pelo fato de que muitos provinham de diferentes regiões da Itália, tendo costumes e traços culturais diferenciados, que com o passar do tempo foram sendo trocados e absorvidos entre si. Como por exemplo, a gastronomia, que era diferenciada de acordo com a região da Itália da qual provinham.

Os povoadores italianos do Rio Grande do Sul foram provenientes principalmente do Norte da Itália, que durante a unificação foi a região mais atingida economicamente. O dialeto falado pelos imigrantes derivava da parte da Itália que eles provinham e “[...] o dialeto que vingou não foi um dialeto puro, mas uma soma de características dialetais ou supradialeto, uma *koiné*³” (FROSI e MIORANZA, 1975, p.67). Como o maior índice de imigrantes eram provenientes do Vêneto “[...] o meio de comunicação lingüística que predominou foi uma mescla de dialetos vênetos, uma fala comum ou *koiné* com caracterização vêneto” (*Ibid*, p.69).

Após algum tempo no Rio Grande do Sul, novas palavras do português foram

³ Uma fala comum.

inseridas ao dialeto, pois os italianos não teriam palavras equivalentes para algumas situações ou objetos. Formando-se assim um novo linguajar a partir da mistura dos diferentes dialetos falados na Itália com o português do Sul do Brasil, originando o dialeto *talian* com característico sotaque, denominado por muitos como sotaque de colono ou sotaque de “gringo”⁴.

Dentre os produtos cultivados pelos imigrantes italianos, pode-se destacar o trigo, a uva e o milho, no entanto, “nenhum deles foi introduzido pelo imigrante peninsular, pois o Rio Grande do Sul já os cultivava desde os tempos das reduções jesuíticas, embora não em tais escalas” (BONI e COSTA, 1984, p. 86). Desses produtos foi a produção de uva e vinho que mais caracterizou a imigração italiana no Rio Grande do Sul, principalmente nas colônias da Serra Gaúcha.

Outra característica dos povoadores italianos que vale ser ressaltada é a arquitetura das suas construções. Para a residência definitiva eram realizadas, na grande maioria das vezes, construções com porões de pedra os quais serviriam como cantina/adega para o armazenamento do vinho

para a construção da casa, escolhiam preferentemente uma encosta onde pudessem cavar e construir um amplo porão. Nele guardavam as pipas de vinho, os instrumentos de trabalho, a vinagreira e os utensílios para os animais de transporte, tais como pelegos, selas, cabrestos etc. (PARIS, 1994, p.40)

Característica muito presente nas primeiras construções era a cozinha separada do restante da casa, ligada por um simples corredor. Essa era uma prevenção contra possíveis incêndios, já que o fogo na cozinha era feito em *fogolaro*⁵. As casas que eram construídas de pedra tinham como liga barro, esterco de animais e palha de trigo. Já as construções de madeira eram feitas de tábuas rachadas, passando-se mais tarde às tábuas serradas manualmente até a chegada das serrarias. A cobertura das residências era feita com pequenas tabuinhas, chamadas de *scándole*. As coberturas de telhas foram somente após as primeiras décadas da imigração.

Conhecendo então um pouco da história dos imigrantes italianos na sua chegada ao Rio Grande do Sul é possível agora apresentar o município de Bento

⁴ É a forma como chamam o sotaque diferenciado que os descendentes de italianos apresentam com dificuldade na pronúncia de algumas palavras em português.

⁵ Uma espécie de fogão rústico composto por uma mureta de tijolos, logo acima uma corrente fixa em um barroto do telhado da cozinha e na ponta dessa corrente dependurava-se a panela preta de ferro para cozinhar ou a chaleira para ferver água.

Gonçalves, que se origina da ocupação dessas terras devolutas colonizadas por imigrantes italianos.

2.2 Bento Gonçalves – RS: breve histórico e dados gerais

Bento Gonçalves se localiza na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, distante 109 km da capital, Porto Alegre. Está a 618 metros de altitude. Possui população estimada de 102.452 habitantes (IBGE, 2005). Cidade cuja história esta ligada à imigração italiana e é veiculada, atualmente, como a Capital Brasileira da Uva e do Vinho⁶, sendo a etnicidade italiana predominante no município.

Segundo Frosi e Mioranza (1975), as Colônias com os nomes de Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Conde D’Eu (Garibaldi), em homenagem à filha de D. Pedro II e seu consorte, foram fundadas em 1870. Entretanto, somente a partir de 1875 é que começaram a receber contingentes de imigrantes italianos. Após a queda do Império, em 1892, a Colônia de Dona Isabel (que antes era conhecida como Região da Cruzinha devido a uma cruz rústica cravada sobre a sepultura de um possível tropeiro ou traçador de lotes coloniais) passou a se chamar Bento Gonçalves, em homenagem ao General Bento Gonçalves da Silva que foi presidente da República do Piratini, proclamada em 1835 pelos Farrapos.

Na colônia de Dona Isabel

a sede era formada por pequenos lotes urbanos de 40x60m. Da sede ramificam-se às linhas, que são cortadas por tantas outras linhas em todos os sentidos. Junto as linhas distribuem-se os lotes rurais, que medem 220m de frente por 1.100 de flanco, com uma área de cerca de 50 mil braças quadradas (PARIS, 1994, p.25).

Após a etapa de ocupação das terras, já estabelecidos com a consolidação de suas atividades produtivas, os imigrantes construíam suas casas permanentes com materiais elaborados artesanalmente (pedras irregulares ou talhadas, tábuas serradas por eles mesmos), conforme apresentado anteriormente.

Vale lembrar que:

Tanto a colônia Dona Isabel como a Conde d’Eu não eram terras desconhecidas, quando da chegada dos italianos. O caminho de tropeiros, de Lagoa Vermelha para Montenegro, tinha uma pousada, [...] onde hoje

⁶ Informações obtidas através do site do município www.bentogoncalves.rs.gov.br . Acesso em 20 de Junho de 2007.

situa-se a cidade de Bento Gonçalves. Colonos alemães já haviam chegado até as terras do atual município, mas recuaram, devido à falta de comunicações. Os primeiros colonos italianos chegaram à localidade na véspera de Natal de 1875, e foram povoando rapidamente a região[...]" (BONI e COSTA, 1984, p.71)

Percebe-se, então, as dificuldades com as quais os colonizadores italianos se depararam e tiveram que enfrentar na sua chegada às terras da colônia Dona Isabel, sendo que essas já haviam sido rejeitadas pelos alemães. Atualmente, Bento Gonçalves é conhecida como um dos maiores pólos moveleiros do Sul, representando 8% da produção nacional de móveis e 40% da produção estadual⁷. Sendo veiculada como a Capital da Uva e do Vinho e também faz parte da região turística da Serra Gaúcha.

No município de Bento Gonçalves observa-se destaque da italianidade, principalmente após o desenvolvimento do turismo na Serra Gaúcha, sendo esta incluída como um atrativo do município.

Chegando ao Rio Grande do Sul os colonizadores italianos conviviam

[...] apenas entre si, os colonos reconstruíram seu mundo cultural – com as adaptações necessárias – que, ao observador menos precavido, parecia um prolongamento da Itália: língua, costumes, trajes, comidas, religiosidade, tudo enfim tinha um cunho nitidamente italiano e contrastava com qualquer modo brasileiro ou português de vida. E nem mesmo seria possível de outra forma, devido ao isolamento cultural em que se encontravam. De quem aprenderiam o português? Quais seriam os costumes brasileiros que deveriam integrar-se na nova vida? Quem lhes transmitiria a religiosidade popular da campanha? Por trás desta italianidade – que muitos quiseram preservar como sinal de cultura superior – escondiam-se, porém, os primeiros esboços de uma nova forma de ser brasileiro: o imigrante viera para o Brasil após uma amarga experiência em sua terra natal que, rapidamente, foi sendo esquecida e, por repetidas vezes, até mesmo desprezada (BONI e COSTA, 1984, p.84).

Com o passar dos tempos, essa italianidade tão valorizada logo na chegada à terra nova foi perdendo um pouco de sua importância e foi sendo gradualmente esquecida, passando até mesmo a ser considerada motivo de vergonha para alguns, agravada pela política do Estado Novo de supressão das manifestações culturais de imigrantes. No entanto, atualmente, busca-se por meio de um processo de reconstrução da etnicidade recuperar essa italianidade, dos primeiros imigrantes italianos chegados a Bento Gonçalves, buscando agregar valor à mesma através do turismo.

⁷ Informações obtidas através do site do município www.bentogoncalves.rs.gov.br acesso em 03 de Agosto de 2007

2.3 O Projeto Cultural Caminhos de Pedra

Com a construção da rodovia RS 453, na década de 1970, ligando os municípios de Bento Gonçalves, Farroupilha e Caxias do Sul, o fluxo que antes passava pela Estrada Julio de Castilhos foi desviado para a RS 453, pois esta é asfaltada, diferentemente daquela que é de chão batido. Para os moradores do Distrito de São Pedro, na Linha Palmeiro, ao longo da Estrada Julio de Castilhos, a construção da RS 453 não foi bem vista, pois com o desvio do fluxo houve uma baixa na renda dos moradores, principalmente dos que trabalhavam para os viajantes em casas de pasto ou armazéns ao longo da estrada. Então, sem os viajantes, os moradores da Linha Palmeiro acabaram ficando parados no tempo, mantendo casas antigas e certos costumes da vida na zona rural.

No final da década de 1980, deu-se início a um levantamento do acervo arquitetônico do interior do município de Bento Gonçalves. Através desse levantamento, realizado em 1987, constatou-se que o Distrito de São Pedro era o que possuía o maior número de casas antigas que ainda conservavam traços da cultura e da história dos imigrantes italianos, além de ser de fácil acesso. A partir desse levantamento, deu-se início a elaboração do Projeto Cultural Caminhos de Pedra, que teve por objetivo o resgate da herança cultural dos moradores da Linha Palmeiro, no Distrito de São Pedro. Esse projeto inicial foi desenvolvido pelo arquiteto Julio Posenato e recebeu financiamento da iniciativa privada, através do Sr. Tarcísio Michelin, para o desenvolvimento turístico do roteiro.

De acordo com a Associação dos Caminhos de Pedra, juntando esses fatores percebeu-se o potencial turístico da localidade e a necessidade de preservar tamanho acervo material para que não fosse abandonado ou destruído. Sendo assim, a partir do início da década de 1990, tendo como idealizadores um engenheiro e um arquiteto, o projeto volta-se ao turismo como uma alternativa para manter o patrimônio cultural material e reconstruir a herança cultural dos moradores locais. A primeira casa a receber um grupo de turistas foi a Cantina Strapazzon, no dia 30 de maio de 1992. Os turistas eram provenientes de São Paulo e vieram através da Operadora CVC.

Pelo sucesso do roteiro, em 10 de Julho de 1997, com assessoria do Sebrae,

fundou-se a Associação Caminhos de Pedra, visando auxiliar na reconstrução do patrimônio cultural da localidade tanto no aspecto arquitetônico quanto das tradições e da língua (o dialeto *talian* ainda muito utilizado por parte dos moradores). O projeto buscava, portanto, valorizar a etnicidade da população local. No ano de 1998 o Projeto Cultural Caminhos de Pedra passou a contar com a Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (Lei 10.846 de 19/08/1996), através de aprovação pelo Conselho Estadual de Cultura, passando a captar recursos de empresas locais.

Através do Projeto Cultural Caminhos de Pedra, os moradores do Distrito de São Pedro foram incentivados a reconstruir sua identidade, valorizando alguns traços de suas tradições que estavam se perdendo, com objetivo de compartilhá-los com os visitantes. As casas ainda mantêm algumas características, originais ou recuperadas, das construídas pelos imigrantes italianos. Na sua grande maioria, são casas de pedra ou então com o porão de pedra e o restante da casa em madeira, característica típica das construções dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Antes da implementação do projeto, algumas casas estavam se degradando e ficando descaracterizadas. Algumas haviam sido rebocadas, pois ter uma casa de pedra era sinônimo de vergonha e de estar parado no tempo, segundo os moradores. Por meio de recursos recebidos pelo projeto, o reboco foi retirado e as casas restauradas, retomando assim as suas características básicas originais para serem abertas à visitação.

Esse projeto é considerado pioneiro no chamado segmento “turismo rural cultural”, pois

[...] despertou novas possibilidades de aproveitamento do patrimônio histórico – arquitetônico, valorizando a cultura regional expressa pela culinária, pelo linguajar (o dialeto vênето, conhecido como *talian*), estilo de vida, pelos usos e costumes, típicos dessa região, formada principalmente por imigrantes italianos e seus descendentes (FÁVERO, 2006, p.75).

Esse roteiro recebe uma visitação média anual de 50.000 turistas⁸. Atualmente o roteiro conta com 10 pontos de visitação e 52 pontos de observação externa. Os atuais estabelecimentos de visitação são:

- *Casa dos Doces Predebon;
- *Restaurante Nona Ludia – Casa Bertarello;
- *Il Cantuccio Del Pomodoro e Della Gasosa (Casa do Tomate);

⁸ Dados fornecidos pela Associação Caminhos de Pedra. Referente ao ano de 2005.

- *Atelier Bez Batti – Casa Gilmar Cantelli;
- *Casa da Ovelha / Hotel Cavalet;
- *Casa do Artesanato;
- *Casa Vanni - Restaurante e Tecelagem;
- *Cantina e Casa Strapazzon;
- *Cantina de Vinhos Finos Salvati & Sirena e
- *Casa da Erva-Mate.

Além desses dez pontos de visitação, existe um ponto que recebia visitação no início do projeto voltado ao turismo, a Ferraria Ferri, e que, no entanto, não recebe mais por motivos particulares da família que preferiu deixar de fazer parte do roteiro. Outros dois pontos, a Casa do Leite e a Casa do Coelho, fazem parte do roteiro no planejamento, mas até o presente momento não iniciaram as atividades turísticas, não havendo previsão para o início das mesmas.

As casas do roteiro comercializam produtos elaborados no próprio estabelecimento, sendo alguns característicos de cada casa e também produtos de outros moradores da comunidade, mas que não estão ligados diretamente à atividade turística. Tornando-se uma comunidade etnoturística. Conforme apresentado no capítulo anterior, de acordo com Grünewald (2004) a comunidade etnoturística é a união dos membros da comunidade turística (envolvidos diretamente com o turismo) e os membros da comunidade étnica (indiretamente ligados ao turismo).

O que é apresentado no Projeto Cultural Caminhos de Pedra   que busca, através do resgate da herança cultural, também a reconstru o daquela italianidade dos descendentes que estava se perdendo com o tempo, tendo o turismo como um meio para auxiliar nesse processo. Sendo assim, passa-se   análise do Projeto Caminhos de Pedra e de dois seminários de planejamento organizados pela Associa o Caminhos de Pedra.

2.3.1 Análise do Projeto Caminhos de Pedra

No projeto intitulado *Caminhos de Pedra – Projeto de Resgate da Herança Cultural*, elaborado pelo arquiteto Julio Posenato, no ano de 1998, o objetivo apresentado   a educa o da comunidade para o resgate e a valoriza o da história e do patrimônio cultural local. Pelo fato de que, conforme relatado no projeto

(POSENATO, 1998, p.04), a população local tinha vergonha de sua herança cultural, de seu sotaque de “gringo”⁹, além da vergonha de suas “casas de colono”, características da sua italianidade. Para os moradores do Distrito de São Pedro, ter uma casa antiga era sinônimo de pobreza e de não ter acompanhado o progresso como fizeram os vizinhos mais abonados. Então, quando possível, derrubavam ou reformavam as casas antigas buscando dar características modernas, como, por exemplo, rebocar as casas de pedra para que ficassem parecidas com as de alvenaria.

Percebe-se que o projeto reconhece o valor da herança cultural e do patrimônio da comunidade de São Pedro, que já estava sendo abandonado por motivo de vergonha, e também pelo processo de modernização e transformação cultural. Nesse ponto, tem-se o turismo como um aliado, pois a atividade turística contribui para a comunicação entre diferentes grupos, incentivando a valorização da herança cultural e da etnicidade. Essa questão também é trabalhada no projeto: como o turismo pode financiar a conservação do patrimônio cultural.

Não existindo ainda no povo a consciência da preservação pelo valor cultural, será necessário recorrer a uma forma que, através da receita que gera, num primeiro momento estimule a conservação do acervo por interesses financeiros e, num trabalho sustentado ao longo do tempo através da formação da juventude, desenvolva nas pessoas a convicção do valor da Herança Cultural, como documento e testemunha da própria Caminhada Histórica, base da segurança no presente e na evolução rumo ao futuro (POSENATO, 1998, p.49).

De acordo com Julio Posenato (1998), a conservação da herança cultural deveria proporcionar renda à comunidade local e ser valorizada pelo público externo, para que assim os visitados também valorizassem o seu patrimônio. Sendo assim, o projeto visa o turismo rural com o intuito de desencadear o reconhecimento dos valores culturais “íto-brasileiros”. O turismo seria a forma de proporcionar suporte viável para que o objetivo básico do projeto fosse alcançado. Acredito que a maneira mais adequada para nomear os traços culturais dos descendentes de italianos aqui no Rio Grande do Sul seria “íto-gaúchos”, pois muitos traços culturais absorvidos por eles são característicos apenas desse Estado brasileiro.

O projeto apresenta a residência como local de trabalho e lazer, concomitante à atividade econômica do turismo que leva a reconhecer a importância do patrimônio

⁹ É a forma como se chama o sotaque diferenciado que os descendentes de italianos apresentam, com dificuldade na pronúncia de algumas palavras em português.

como elo de ligação entre mundos aparentemente desconexos. Entretanto, atualmente, não são todas as casas que são ao mesmo tempo residências e local de trabalho. Algumas das casas do roteiro foram transformadas apenas em estabelecimentos comerciais. Atualmente, dos dez estabelecimentos que fazem parte do roteiro cinco deles agregam a residência ao seu local de trabalho, dois são apenas comerciais e três são comerciais tendo as residências próximas ao local de trabalho. A implantação dos estabelecimentos ocorreu de forma linear ao longo da estrada Julio de Castilhos, tendo apenas uma das casas distante cerca de 2 km desta estrada.

A etnicidade nesse roteiro é responsável pela característica de arena turística, pois por meio da relação entre visitantes e visitados, que ocorre no espaço da arena turística, conforme apresentado por Grünewald (2004), a etnicidade passa a ser mais presente. É através das fronteiras étnicas (BARTH, 1998) existentes por meio da comunicação nas relações entre turistas e moradores locais, que ocorrem na arena turística, que os sinais diacríticos das culturas se evidenciam da mesma forma que símbolos e traços culturais em comum são percebidos.

Segundo Barretto (2000, p. 43) “[...] o turismo que tem como principal atrativo a oferta cultural histórica tem contribuído para manter prédios, bairros e até cidades, evitando que sejam substituídos por novas formas arquitetônicas”. Percebe-se que no Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, o desenvolvimento do turismo surge com essa proposta de manter as edificações históricas e com objetivo da reconstrução da herança cultural da imigração italiana na região, contribuindo financeiramente, para a conservação do patrimônio material, e psicologicamente, para a valorização do patrimônio imaterial, a etnicidade. A autora ainda explana que

[...] o turismo com base no legado cultural permite que se mantenha, em um lugar específico, um determinado período do tempo, que deu origem a essa comunidade. Permite que a comunidade, de alguma forma, engaje-se no processo de recuperação da memória coletiva, da reconstrução da história, de verificação das fontes (*ibid*, 2000, p.49).

Em parte, pode-se dizer que no Roteiro Caminhos de Pedra isso vem ocorrendo, ou seja, a comunidade vem sendo incentivada pelo turismo a buscar recuperar e reconstruir a sua italianidade, a história de seus antepassados que chegaram ao Rio Grande do Sul, percebendo que essa torna-se um atrativo reconhecido pelos visitantes.

A questão da relação entre turismo, culturas e identidades étnicas pode ser então, abordada de uma outra maneira. Longe de constituírem-se apenas descaracterizações, assimilações, aculturações ou quaisquer outros tipos de processos interpretáveis nos termos das falsas oposições, o turismo pode justamente oferecer aos agentes sociais uma possibilidade de reafirmação étnica por meio do “realce” de traços diacríticos (SANTOS e BARRETTO, 2006, p.258).

Ou seja, através das diferenças culturais existentes no contato com o outro, o turismo contribui para a valorização cultural e das identidades étnicas, pois é na relação com os turistas que os visitados percebem o diferencial da sua cultura e como a sua italianidade é vista também como um atrativo local pelos turistas. Nesse roteiro, de acordo com o apresentado no projeto,

o visitante retrocede ao antigo ambiente colonial onde encontra, exatamente como naquela época, as moradias peculiares de pedra e madeira com até quatro pavimentos; ermidas nos caminhos e capela com o campanário separado, característicos da Itália; a cantina com fabricação caseira de vinhos; os estabelecimentos da proto-indústria movida a roda d'água: moinho, ferraria, serraria; produtos autênticos de artesanato e culinária (POSENATO, 1998, p. 08).

Entendo que o visitante não encontrará “exatamente como naquela época” em que os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul, isso porque os descendentes desses imigrantes tinham a herança cultural como sinônimo de vergonha, e também pelo processo de modernização que levou muitos residentes a modificarem suas moradias. Através do Projeto Caminhos de Pedra, as casas foram restauradas, entretanto não se pode dizer que são exatamente como eram. A etnicidade dos visitados, assim como suas residências, também foi reconstruída buscando a valorização da sua herança cultural. Contudo não se pode dizer que essa voltou a ser exatamente como era com os primeiros imigrantes italianos, pois muitos traços culturais foram perdidos e novos traços foram absorvidos, passando a fazer parte da atual herança cultural, da italianidade, desses descendentes.

O projeto ainda chama atenção para o fato da “arquitetura aculturada” (POSENATO, 1998, p.21) no roteiro. Essa arquitetura se refere aos casarões em madeira, o que não acontecia na Itália. Lá as construções eram de alvenaria; mas chegando ao Rio Grande do Sul os imigrantes, com a grande quantidade de madeira disponível, recorreram a ela para erguer suas moradias, seguindo as características arquitetônicas italianas, mas alterando a matéria prima da construção. Passando a ser um diferencial do roteiro, casas com o porão de pedra e o restante da casa (dois

andares e sótão) construída com tábuas inteiriças de cerca de sete metros.

De acordo com Posenato (1998, p.93), “a busca de formação de uma identidade própria é constante em qualquer grupo, todo e qualquer auxílio a ser dado necessita entender o princípio da não-intervenção, mas compreensão de suas peculiaridades”. Então as peculiaridades da etnicidade contribuem para a reconstrução da identidade a partir do momento que aquelas se tornam diacríticas para um determinado grupo, identificando-o, colaborando para a valorização tanto da sua etnicidade quanto da sua identidade e, conseqüentemente, na reconstrução da sua herança cultural.

No projeto original constam 98 empreendimentos para integrarem o Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra. Todavia, neste ponto há uma certa contradição, pois o projeto tem como objetivo o resgate da herança cultural italiana, mas muitos dos empreendimentos citados para possível implantação não podem ser considerados como detentores dos traços culturais da italianidade. Alguns desses possíveis empreendimentos são: a casa das confecções, casa do esmalte, casa da azeitona, casa do papel, dentre tantas outras. Acredito que essas casas não representariam a herança cultural italiana que o projeto diz buscar, pois não representariam as características da italianidade, assim como a maioria das demais casas presentes atualmente no roteiro.

Contudo, além dos empreendimentos comerciais no Projeto Caminhos de Pedra, há espaço para o fomento à cultura, tendo projetos como, por exemplo, escola de artes e ofícios, estágios de jovens na Itália, centro de pesquisas, dentre outros. Esses subprojetos apresentam uma preocupação maior ligada diretamente a reconstrução cultural e não tanto ao desenvolvimento da atividade turística. Busca-se incentivar os próprios moradores locais e principalmente os jovens no reconhecimento da importância da sua italianidade.

Atualmente os projetos que estão em desenvolvimento são os dos grupos artísticos, sendo os Grupos de Dança Folclórica adulto e infantil, Banda Musical São Pedro, Grupo de Flauta Doce, Grupo Teatral São Miguel, Grupo de Cordas Caminhos de Pedra e Coro Caminhos de Pedra. Esses são abertos a todos os moradores da comunidade buscando recuperar esses traços da cultural ítalo-brasileira.

Barretto (2000, p.78), citando Pearce (1991), demonstra que “[...] o planejamento do turismo com base no legado cultural tem de obedecer a três pontos

básicos: preservação do prédio original (fachada), adoção de políticas de administração do bem e restrição ao número de visitantes”. Entretanto no Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra nem todos esses pontos básicos estão sendo respeitados, pois ainda não há um trabalho de capacidade de carga, ou seja, de restrição ao número de visitantes. A capacidade de carga trata do número de turistas que um determinado local pode receber. De acordo com Oliveira (2003, p.17) “quando usada no contexto do gerenciamento urbano, *capacidade de carga* pode ser definida como ‘a extensão em que o meio ambiente pode tolerar a atividade humana sem sofrer danos inaceitáveis’”. Sendo assim, durante a realização de um projeto, principalmente voltado ao turismo cultural é importante a realização de um estudo de capacidade de carga no qual se define o número aproximado de visitantes que determinado local pode receber sem causar danos negativos.

A partir de uma visão mais voltada à capacidade de carga relacionada com o turismo, Oliveira (2003, p.23-24) explana:

O conceito de capacidade de carga para o planejamento sustentável do turismo (em que sustentável pressupõe o homem integrado harmoniosamente em seu meio ambiente, protegendo-o, ao mesmo tempo em que o usa) deve ser entendido como uma tentativa de adotar essa ferramenta para o êxito de qualquer ação que seja implementada em localidades com potencial turístico. Reconhece-se que os recursos naturais, assim como os construídos pelo homem, têm limite para absorver visitantes. Esse limite, quando é ultrapassado, provoca a deterioração e, portanto, a descaracterização do local.

Buscando-se evitar essa descaracterização e deteriorização do local que os estudos de capacidade de carga são realizados durante o planejamento inicial de um projeto. Segundo Swarbrooke (2000), a capacidade de carga pode ser de vários tipos, sendo esses: físico; ambiental ou ecológico; econômico; social; perceptiva e de infra-estrutura. Todos esses têm como base o número de turistas que um local pode receber sem lhe causar danos ambientais, físicos, econômicos ou sociais. Na capacidade perceptiva se avalia “o número de pessoas que um lugar pode receber antes que a qualidade da experiência do turista comece a ser afetada negativamente” (*ibid*, p. 41) e a infra-estrutura é o número de turistas que se pode acomodar / receber.

Como cada localidade é totalmente diferente em termos de geografia, ecossistema e estrutura social e econômica, é improvável que a capacidade de carga seja a mesma em dois lugares quaisquer, de forma que sua

aplicação onde quer que seja é muito difícil de se prever (Swarbrooke, 2000, p.41).

Para que seja possível avaliar a capacidade de carga de um local, é necessário um processo de planejamento que possua uma visão do todo que será afetado pelo turismo e um projeto de desenvolvimento voltado ao bem estar de todos e a conservação do meio. Todavia, no Projeto Caminhos de Pedra, em nenhum momento é abordada a capacidade de carga, demonstrando que essa questão não foi trabalhada desde o início do desenvolvimento da atividade turística com base no legado cultural do Distrito de São Pedro.

O legado cultural do Distrito de São Pedro constitui um atrativo turístico local responsável pela atração de turistas de todas as partes do Estado do Rio Grande do Sul e de outras partes Brasil. De acordo com Barretto (2000, p.75)

[...] para os núcleos receptores, trabalhar a tradição como atrativo ajuda a recuperar a memória e a identidade locais, o que, na atualidade, constitui um imperativo para manter um equilíbrio saudável entre a manutenção da cultura local e a incorporação dos avanços positivos da cultura global.

Desta forma, percebe-se que através da iniciativa do Projeto Caminhos de Pedra se buscou reconstruir tanto a etnicidade quanto a identidade dos descendentes de italianos locais, mantendo os novos traços culturais absorvidos e recuperando os antigos que estavam se perdendo. Contudo, para que esse constante processo de reconstrução cultural continue ocorrendo de maneira a valorizar ainda mais a italianidade dos moradores locais com uma convivência saudável com o turismo, é preciso que haja um controle permanente de replanejamento. De acordo com Barretto (2000) nesse processo é feita uma análise do planejamento anterior replanejando o que não ocorreu de uma melhor forma para que seja realizado novamente com êxito. Sendo assim, no próximo subitem analisarei os dois seminários de planejamento realizados pela Associação Caminhos de Pedra.

2.3.2 Análise dos relatórios dos seminários de planejamento

Os seminários de planejamento foram organizados pela Associação Caminhos de Pedra e moderados pelo Sr. Sérgio Cordioli, que é engenheiro agrônomo, mestre em economia rural e possui empresa própria de consultoria em Porto Alegre. O primeiro seminário é do período de 2002 a 2004 e o segundo do

período de 2006 a 2009. Esses períodos constam nos seminários de planejamento como sendo o prazo para que as ações sejam realizadas. Desses seminários participam a diretoria, os associados e os colaboradores da Associação.

O primeiro seminário a ser analisado será o que foi realizado no dia 5 de Abril de 2002, no Distrito de São Pedro. Participaram vinte e sete pessoas, dentre essas, um dos idealizadores do projeto, quatro colaboradores não residentes no Distrito e vinte e dois moradores locais, associados ou não. De acordo com o apresentado no relatório, o seminário “[...] seguiu princípios do enfoque participativo, com ênfase no intercâmbio de experiências, tendo como ferramenta metodológica a visualização, contando com o apoio de um moderador externo ao Projeto” (CORDIOLI, 2002, p.04). Para que o planejamento ocorra com enfoque participativo é preciso que haja uma troca de experiências e todas as partes tenham espaço para expor suas opiniões.

A dinâmica do seminário foi mediada pelo moderador que dividiu os participantes em pequenos grupos. As idéias debatidas foram registradas para a melhor visualização, buscando verificar qual o problema a ser discutido. Após as discussões e debate de idéias nos pequenos grupos, foi realizada uma sessão plenária na qual houve a socialização dos resultados obtidos em cada grupo. O debate ativo foi incentivado durante todo o seminário para que todos tivessem a oportunidade de participar, “é na troca de idéias e experiências que está a riqueza deste processo” (CORDIOLI, 2002, p.05).

Através do entendimento de planejamento no turismo cultural, tem-se que a participação da comunidade é fundamental. No entanto, Barretto (2005), alerta que essa questão participativa ainda precisa ser melhor definida, pois a simples comunicação em uma reunião, por vezes, não pode ser considerada como participação.

O primeiro seminário foi dividido em três momentos: Análise da Situação Atual, Visão de Futuro e Desafios do Projeto. No primeiro momento, foi incentivada a releitura do projeto, buscando levantar os avanços e deficiências para se consolidar a visão comum do atual cenário do roteiro. No segundo, buscou-se compreender a importância do projeto para as futuras gerações e estabelecer as visões para esse futuro. No último momento, identificaram-se os possíveis desafios que o projeto poderia enfrentar já esperando encontrar uma possível solução e o levantamento das ações que deveriam ter sido realizadas no período de 2002 a 2004.

Vale lembrar que a análise dos seminários de planejamento não poderá ser feita em profundidade, pois se tem apenas a visão acerca do material escrito gerado por estes seminários, e não a visão do acontecimento do seminário, de que forma ocorriam os debates, demais assuntos não relatados nos documentos e que podem ter sido abordados, enfim, a visão da realidade do seminário.

Durante a análise da situação atual, foram levantados os principais avanços do projeto nos últimos anos, recebendo maior enfoque as seguintes questões: aumento da auto-estima, orgulho de ser morador dos Caminhos de Pedra, resgate cultural com recuperação e valorização do patrimônio, aumento da renda, melhoria da infra-estrutura local e resgate dos grupos folclóricos, dentre outras. Nota-se a diversidade da percepção dos avanços elencados pelos participantes e também que a questão cultural está bastante presente, demonstrando que essa, por ser o enfoque principal do projeto, está sendo reconhecida.

Também as deficiências foram elencadas: a falta de sinalização dos estabelecimentos, a perda cultural com a morte de algumas pessoas que recebiam os visitantes e contavam as suas histórias de vida, a falta de organização do acervo cultural e pesquisa histórica, a existência de individualismo por parte dos empreendedores, a comercialização de produtos sem identidade cultural, dentre outras. Infelizmente não se tem conhecimento de qual participante sugeriu essa última observação e a quais produtos se referia, já que essa questão é de um fator de grande importância, pois não apenas o ambiente e as pessoas são detentores da identidade, mas também os produtos comercializados no roteiro e principalmente pelo fato de um participante do seminário ter essa percepção. Os visitantes buscam o conhecimento da identidade cultural local no todo e a levam consigo através da memória, fotografias e também dos produtos.

Após o levantamento dos principais avanços e deficiências do Projeto Caminhos de Pedra, os participantes foram questionados sobre o significado do projeto para eles. As questões do resgate cultural, valorização pessoal e o orgulho do que são e do que têm aparecem em primeiro plano, sendo sucedidas pelo aumento da renda. Percebe-se assim a etnicidade valorizada através do turismo como fator positivo. Em cerca de dez anos de existência do Roteiro Caminhos de Pedra a italianidade, que era considerada como motivo de vergonha, passa a ser valorizada e motivo de orgulho, incentivando cada vez mais o processo de reconstrução da etnicidade e da identidade dos primeiros imigrantes italianos

chegados ao Rio Grande do Sul. No futuro elas estarão implícitas na herança cultural dos atuais descendentes de imigrantes italianos.

Finalizada a primeira parte, iniciou-se um debate em plenária. Primeiramente verificando a importância do projeto para as gerações futuras e assim construindo uma visão de futuro tanto para o projeto quanto para essas gerações. Noto que a questão da cultura é sempre uma das principais a ser abordada em todos os momentos do seminário. Os participantes vêem o Projeto Caminhos de Pedra como oportunidade de renda, de fixar o morador ao local, conhecimento cultural e histórico e de valorização para os mais novos que já fazem parte do projeto ou que virão a fazer (muitos não têm idade suficiente para entender o contexto em que vivem). Os participantes têm o projeto como meio de valorização pessoal e profissional, com resgates culturais, valorizando o simples e autêntico. No próximo capítulo, trabalharei essa questão do autêntico, buscando apresentar o que no Roteiro Caminhos de Pedra é considerado autêntico pelos moradores e de que forma ocorre.

Quando se trata da visão de futuro, percebo uma grande abrangência no que os participantes esperam. Entretanto o desejo de que a valorização cresça, que a qualidade de vida deles melhore, que o projeto tenha continuidade e que sirva de referência, gerando assim satisfação para todos, é perceptível no que toca ao futuro esperado pelos empreendedores, diretores, colaboradores e demais envolvidos no Projeto Caminhos de Pedra.

No momento em que buscam elencar os possíveis desafios a serem enfrentados, há uma preocupação em bem receber os turistas e de que forma realizar isso. Dentre as sugestões, destaca-se um sistema de informação e sinalização, formação de guias locais, criação de um pórtico, troca cultural com os visitantes, construção de refúgios no asfalto, uma ciclovia e buscar a representatividade da identidade através dos produtos. Desta forma não estariam apenas recebendo bem os turistas, mas também buscando o melhor, tanto para o andamento do projeto quanto para a qualidade de vida dos moradores, além de mais reconhecimento da sua italianidade, que vem se apresentando como o principal atrativo do roteiro.

Dentre os desafios futuros citados, a melhora da infra-estrutura, da divulgação e do sistema de informações, o apoio a novos empreendimentos, o fortalecimento da cultura e a qualidade dos produtos e serviços foram levantados pelos participantes.

Acredito que esses desafios sempre farão parte do futuro do projeto, necessitando de um constante acompanhamento e reavaliação para que reflitam em melhorias no seu desenvolvimento. Questões de infra-estrutura, divulgação, informações, apoio e qualidade requerem constante reestruturação, objetivando melhorias requeridas pelo mercado e pela demanda. Sendo assim, o planejamento desempenha um papel importante, que seria o de avaliação dessas questões, buscando sua melhora e incentivando também o fortalecimento cultural, no caso do Roteiro Caminhos de Pedra.

Após a identificação dos desafios, os participantes foram divididos em pequenos grupos de trabalho nos quais tiveram a tarefa de verificar quais as atividades prioritárias a serem executadas para uma possível solução. Analisando o que foi definido como o que deveriam fazer e como fazer, observei que a grande maioria das ações elaboradas pelos participantes no seminário de 2002, que deveriam ser realizadas até o ano de 2004, não ocorreram. Das trinta e oito ações elencadas apenas doze foram realizadas totalmente, mantendo-se até o momento atual, quatro tiveram implantação parcial, cinco não se tem conhecimento se foram ou não realizadas e as demais até então não saíram do papel.

Das doze ações que foram totalmente realizadas e se mantém atualmente pode-se citar: telefonia; pavimentação asfáltica; sinalização; site na internet; folder com mapa detalhado; participação em eventos de turismo; participação em feiras e eventos; sede da associação; jardinagem¹⁰; folheteria; pontos de distribuição de folheteria e o incentivo da divulgação do roteiro pelos próprios turistas.

Percebe-se que algumas dessas ações recebem uma constante manutenção, por exemplo, a sinalização dos pontos de visitação, financiada parte pelos empreendedores locais e parte por patrocinadores. Em um primeiro momento, no início da implementação do roteiro, foi instalada uma pequena placa como pode ser visualizada na imagem a seguir:

¹⁰ Sensibilização dos moradores para o plantio de camélias (como flor símbolo do Projeto) e conservação dos jardins das casas.



Imagem 1: Placa de sinalização – Foto: Rita Michelin

Depois de certo tempo, percebendo a ineficiência dessa sinalização a mesma foi trocada pela atual (imagem 2). Todavia algumas das antigas placas de sinalização continuam instaladas ao longo do roteiro.



Imagem 2: Nova sinalização – Foto: Rita Michelin

O segundo seminário foi realizado no dia 09 de Junho de 2006, na Comunidade de Santo Antoninho, tendo novamente como moderador o Sr. Sérgio Cordioli. Esse seminário contou com a participação de vinte e oito pessoas, sendo oito colaboradores do Projeto e da Associação não residentes no Distrito de São Pedro, dezesseis moradores locais, três representantes dos grupos artísticos e um dos idealizadores do roteiro. Desta vez, o planejamento discutido no seminário passou de três anos de projeções para quatro anos, sendo de 2006 a 2009. A metodologia utilizada foi a mesma do primeiro seminário de planejamento. Os objetivos foram: “avaliar os resultados e estratégias desenvolvidas pela Associação

Caminhos de Pedra; revisar as prioridades e estratégias da Associação para o período de 2006 - 2009 e elaborar um plano de trabalho para 2006/2007” (CORDIOLI, 2006, p.04).

Basicamente, a metodologia utilizada nos dois seminários foi a mesma, com enfoque participativo, dividido em três momentos – análise da situação atual, visão de futuro e plano de atividades – alterando-se apenas a nomenclatura do terceiro momento de um seminário para o outro.

Nesse seminário, quando os participantes foram questionados sobre a situação atual do Projeto Caminhos de Pedra, dentre os principais avanços, foram citadas a criação do site, a folheteria, a telefonia no Distrito e a sinalização, que no seminário anterior haviam sido elencados como desafios do projeto. Diferente do anterior, desta vez, a questão do aumento da auto-estima, do orgulho e da renda não foram abordados, ficando ainda como principais avanços a melhoria de infraestrutura e a qualificação de pessoas, produtos e do próprio projeto. Também houve uma mudança quanto às deficiências, elencando-se a infra-estrutura, baixa no fluxo de visitantes¹¹, falta de informações turísticas e de padronização no material do projeto. O que se percebe quando a infra-estrutura é apontada como avanço e ao mesmo tempo como deficiência é que ela foi melhorada em partes, no entanto ainda faltam ações consideradas necessárias pelos participantes tanto para a própria comunidade quanto para os turistas

Quando se analisa as mudanças do ano de 2002 para os anos de 2006 e 2007 é perceptível que algumas das ações planejadas no seminário anterior (2002) não foram consolidadas, voltando a ser pauta no novo planejamento.

Nos desafios futuros para o Projeto Caminhos de Pedra, os participantes citaram o marketing eletrônico, delimitação do roteiro com um posto de informações, a padronização dos rótulos e embalagens, necessidade de buscar projetos culturais em parceria com a Itália, mais investimento em cursos especializados voltados à cultura, criar um projeto de tombamento histórico, instituir o dialeto *talian* como língua oficial do roteiro e incentivar a abertura de novos estabelecimentos. Esse último foi o único desafio citado nos dois seminários, os demais partem do mesmo princípio, contudo alteraram-se um pouco de um seminário para o outro.

A questão da delimitação do roteiro com um posto de informações apresenta-

¹¹ Entretanto, segundo informações da Associação Caminhos de Pedra, o ano de 2005 foi o ano de maior fluxo de visitantes no roteiro.

se como extremamente necessária, pois a sinalização para se chegar até o roteiro é um tanto confusa e deficiente. Não há informações no início nem ao longo do roteiro, tanto que muitos turistas por vezes chegam à última casa do roteiro e perguntam *Onde fica o roteiro Caminhos de Pedra?* já tendo passado por todo o roteiro sem mesmo perceber que estavam nele.

Quanto ao *talian* como língua oficial do roteiro, é perceptível que esse dialeto já faz parte do dia-a-dia dos moradores, muitas vezes se misturando ao português. Durante a pesquisa de campo, tendo contato com os visitantes, percebi que esses esperam chegar ao roteiro e encontrar os moradores falando principalmente o dialeto, e é perceptível a alegria dos turistas ao conversarem ou apenas ouvirem os visitados falando *talian*.

A padronização das embalagens e rótulos seria uma forma de caracterizar ainda mais o roteiro, apresentando também a identidade cultural nos produtos, pois, atualmente, cada estabelecimento possui as suas próprias embalagens e rótulos sem padronização. O apoio a novos empreendimentos que se mantêm como desafio nos dois planejamentos demonstra a intenção dos participantes no crescimento do roteiro, desenvolvendo diferenciais através de novos estabelecimentos.

Quanto a todas as ações estabelecidas nesse seminário de planejamento, não se pode dizer no total quantas foram realizadas, pois nos encontramos no decorrer do mesmo, tendo ainda dois anos para que essas ações sejam efetivadas. Até Janeiro de 2008, pode-se elencar as seguintes ações que já foram ou estão sendo realizadas: criação de mecanismos de divulgação na grande Porto Alegre; qualificação dos grupos artístico-culturais; cursos para os moradores; sustentabilidade financeira da Associação; conscientização das famílias para ensinar o dialeto *talian* às crianças; conscientização da comunidade acerca da importância da preservação da paisagem e o estímulo ao plantio de camélias no trajeto do roteiro.

Através dos documentos dos seminários, não é possível saber se houve ou não uma revisão das ações abordadas no primeiro planejamento, buscando avaliar o que foi alcançado e o que não foi e por que motivo não se obteve sucesso, ou seja, um replanejamento (BARRETTO, 2000).

As principais deficiências no Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra que percebo até o momento, e que já foram abordadas tanto no projeto inicial quanto nos seminários de planejamento, são principalmente: a falta de acostamento

e refúgios na via do roteiro (tanto na parte asfaltada quanto na parte que ainda se mantém a estrada de chão batido) o que acaba dificultando as paradas para os pontos de observação; a falta de um posto de informações logo no início do roteiro, pois as informações no local realmente são deficientes.

Outro item que fica evidente após a análise do Projeto e dos Planejamentos é que a questão identitária e étnica é pouco ou quase nada abordada; fala-se em cultura de forma ampla. Pelo fato de o Roteiro ser definido como turístico rural cultural é preciso que a cultura e as questões a ela ligadas recebam uma maior ênfase dos planejadores, passando assim à comunidade local.

Em suma, percebo que no Projeto Caminhos de Pedra a participação da comunidade local não está presente em nenhum momento no documento. Já nos seminários de planejamento essa questão participativa é bastante evidenciada, contudo através apenas dos documentos não é possível saber qual foi exatamente o nível de participação dos moradores locais no processo de planejamento.

Percebe-se que a questão cultural é evidenciada no Projeto inicial e por vezes retomada nos documentos de planejamento. Nota-se que no relatório do primeiro planejamento há maior espaço para a discussão de questões ligadas a cultura do que no segundo planejamento, e, através apenas destes relatórios, não se sabe exatamente de que forma a etnicidade italiana foi trabalhada com os moradores locais. Sendo assim, para realmente saber como é o dia-a-dia dos descendentes de imigrantes italianos e como a etnicidade é trabalhada no turismo é preciso um contato mais direto, tanto com o local quanto com os atores do local, buscando esse contato através da etnografia.

3 O LÓCUS: ESTAR NO ROTEIRO DE TURISMO RURAL CULTURAL CAMINHOS DE PEDRA

O lócus do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam *nas* aldeias (GEERTZ, 1978, p.32).

Seguindo o apresentado por Geertz (1978), citado na epígrafe, tem-se a etnografia como a forma adequada para se estudar *no* local e não *o* local. Quando se trabalha com uma comunidade, desejando saber a visão que os moradores locais têm acerca de determinado assunto, é fundamental estar lá, pois somente vivenciando é que se pode chegar a alguma conclusão. Para realizar a etnografia passei a residir por um determinado tempo da pesquisa no local: no Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra.

Sendo assim, o método etnográfico foi realizado com a comunidade do Roteiro Caminhos de Pedra, que se localiza no Distrito de São Pedro (Bento Gonçalves – RS), buscando compreender e interpretar, a partir da visão dos visitados, como é para eles a herança cultural, a etnicidade e a identidade em suas relações com os visitantes. Também analisar de que forma ocorreu e ainda ocorre o processo de reconstrução cultural nesse roteiro por parte dos visitados para “apresentar” aos visitantes.



Imagem 3: Início do roteiro sentido Bento Gonçalves - Farroupilha. Foto: Rita Michelin

O Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, que está localizado na zona rural do município de Bento Gonçalves, no Distrito de São Pedro, conforme apresentado no capítulo anterior, conta, atualmente, com dez pontos de visitação. Para os visitantes que desejam realizar o passeio sem o acompanhamento de um

guia de turismo, há a opção de adquirir um guia impresso de visitação, no qual há o mapa auto-guiado. Esse guia apresenta brevemente a história de cada casa que faz parte do roteiro, tanto das casas que recebem visitação quanto das casas que são somente para observação externa.

Entretanto, esse guia impresso, juntamente com o mapa, por vezes acaba confundindo os visitantes. Isso ocorre pelo fato de que nem todas as casas apresentadas como pontos de visitação estão realmente abertas para serem visitadas. A *Ferraria Ferri*, que estava aberta até por volta do ano de 2004, não recebe mais visitação. A *Casa do Leite* e a *Casa do Coelho* ainda não estão em funcionamento e não têm previsão para abrirem, no entanto já aparecem no guia, o que leva muitos turistas a ficarem procurando sem sucesso de encontrar.

O mapa que se encontra na parte central do guia apresenta pontos numerados na cor laranja, que são os pontos de visitação, e na cor verde, que são os de observação externa. Na imagem a seguir, visualiza-se esse mapa com os pontos de visitação e observação, no entanto essa imagem não contempla a legenda dos pontos, pois essa fica disposta ao longo do guia com um breve histórico de cada ponto.



Imagem 4: Mapa do Roteiro - Associação dos Caminhos de Pedra

Tive a oportunidade de conhecer o Roteiro Caminhos de Pedra, parcialmente, no ano de 2002, em visita técnica, quando cursava a graduação em Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Nessa primeira visita, o roteiro já despertou o meu interesse por ser diferenciado de todos os outros que já havia visitado, explorando principalmente a cultura italiana. Nesse dia visitei apenas a Ferrari Ferri, a Cantina Strapazzon e a Casa Vanni (na época, Casa das Massas e Casa da Tecelagem).

No mês de Outubro de 2006, juntamente com alguns amigos, retornei ao Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra como turista, para um reconhecimento do futuro local a ser estudado. A visita seguinte, também como turista, ocorreu no mês de Abril de 2007. Nessas visitas fui a todas as casas, mas não realizei nenhum contato com os moradores acerca da minha pesquisa, pelo fato de que essa ainda não estava totalmente definida.

Objetivando identificar o processo de reconstrução da etnicidade e da identidade cultural na arena turística do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, utilizei o método etnográfico para a realização da pesquisa. Esse método surge com a Antropologia Moderna na qual “os pesquisadores deixam de priorizar as informações indiretas, fornecidas por colonizadores, viajantes e missionários, para transformar a tarefa de coleta de dados em parte integrante de sua pesquisa” (SANTOS, 2005, p. 37). De acordo com Laplantine (1999), a pesquisa etnográfica passa a existir pela necessidade dos pesquisadores antropólogos saírem de seus gabinetes, buscando coletar pessoalmente as informações necessárias das sociedades estudadas, inserindo-se nessas e não apenas observando superficialmente. Por esse motivo residi durante dois meses na Comunidade de Santo Antônio, uma das três comunidades que formam o Distrito de São Pedro, pois acredito que somente morando no roteiro e convivendo dia a dia com os moradores, realmente poderia coletar os dados necessários a minha pesquisa para poder analisar e interpretar adequadamente esses dados.

Segundo Goldenberg (1999), são os trabalhos de dois antropólogos – Franz Boas e Bronislaw Malinowski – que consagram a idéia do pesquisador “[...] passar um longo período de tempo na sociedade que estão estudando para encontrar e interpretar seus próprios dados, em vez de depender dos relatos dos viajantes, como faziam os ‘antropólogos de gabinete’” (*Ibid*, p.20-21).

Sendo assim, a partir do mês de Junho de 2007 fiz os primeiros contatos com

alguns moradores do roteiro em busca de um local que eu pudesse alugar por alguns meses, objetivando realizar a pesquisa etnográfica da melhor forma possível. Então, no dia 12 de Julho de 2007, fui ao roteiro e aluguei uma casa para no outro dia já iniciar a pesquisa. Aluguei a casa de uma *nonna*¹² que havia falecido há três meses. No dia 13 de Julho de 2007 passei a residir oficialmente na comunidade.

Na etnografia, o pesquisador deve buscar compreender o indivíduo dentro da sua sociedade e do seu ponto de vista. A etnografia trata do mapeamento da cultura, por esse motivo “[...] no campo *tudo* deveria ser anotado meticulosamente e que um costume só tem significado se estiver relacionado ao seu contexto particular” (GOLDENBERG, 1999, p. 21). Segundo Laplantine (1999, p. 156) “no campo *tudo* deve ser observado, anotado, vivido, mesmo que não diga respeito diretamente ao assunto que pretendemos estudar”. Então para realizar esse mapeamento é preciso se inserir na sociedade estudada e lá observar tudo o que acontece, buscando os significados a partir da visão do pesquisado. Para isso é importante estar com o visitado, buscando conhecê-lo e ganhar a sua confiança, para assim compreender os significados a partir da visão dele. Além disso, mantive sempre um diário de campo, no qual fiz anotações de todos os acontecimentos observados durante o período para posterior análise, não me preocupando se eram relevantes ou não à pesquisa.

No trabalho de campo, Malinowski colocou em prática a observação participante

[...] nesse tipo de pesquisa, recomenda-se ao etnógrafo que de vez em quando deixe de lado máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo. Ele pode tomar parte nos jogos dos nativos, acompanhá-los em suas visitas e passeios, ou sentar-se com eles, ouvindo e participando das conversas (MALINOWSKI, 1978, p.31).

Na observação participante, que faz parte da etnografia, o pesquisador deve se inserir no cotidiano da comunidade pesquisada em uma estada de longa duração, mergulhando na cultura nativa: “[...] o ‘estar lá’ implica o estabelecimento de uma relação com as pessoas das comunidades ou grupos estudados, exigindo do antropólogo, além dos procedimentos metodológicos, uma postura ética” (SANTOS, 2005, p.68). E foi exatamente isso que fiz, por muitas vezes deixei de lado todos os materiais didáticos referentes a pesquisa e acompanhei os visitados nos seus

¹² *Nonna* significa avó tanto na língua italiana quanto no dialeto *talian*, com relação familiar e como relação do idoso com a comunidade.

afazeres diários, ajudando quando possível, e com isso sempre aprendendo mais e conhecendo-os melhor. Sendo assim, na observação participante, não se tem apenas um crescimento intelectual voltado à pesquisa, e sim um crescimento pessoal.

Malinowski (1978), no trabalho de campo, sugere três questões que ele buscou responder através do convívio com o outro, registrado em diários de campo e buscando compreender sempre o ponto de vista dos sujeitos. As questões são: o que os nativos dizem do que fazem? O que realmente fazem? O que pensam a respeito do que fazem? Para responder a primeira pergunta, ao final dos dois meses que residi no roteiro, realizei entrevistas semi-estruturadas¹³ com os moradores locais nas quais eles tinham a oportunidade de dizer o que fazem, de que forma fazem, como é a sua vida ligada ao atendimento dos turistas, dentre outras questões. Vale lembrar que essas entrevistas foram a última parte do processo, pois primeiramente era necessário ganhar a confiança dos visitados. Para a segunda pergunta, observei o que os nativos faziam, estando com eles dia-a-dia. Seja na hora de atender os turistas, realizar os seus afazeres domésticos ou demais afazeres da zona rural, realmente me inseri no cotidiano deles para compreendê-los. Para a terceira, percebi a resposta através do contato diário com os moradores locais, nas conversas informais nas quais eles contavam o que pensavam sobre o turismo e sobre a vida deles ligada ao turismo. Contavam o que realmente sentem e pensam sobre a vida e a ligação com o turismo e os turistas.

No método etnográfico de pesquisa voltado para a Antropologia, outro recurso que tem sido bastante utilizado são as fotografias. Esse recurso é conhecido como antropologia visual, no qual as fotografias e demais materiais visuais “[...] antes de serem cópias da realidade, são ‘textos’, afirmações e interpretações sobre o real” (ACHUTTI, 1997, p.25). Sendo assim, utilizarei as fotografias como forma de complementação textual, pois

[...] não se trata de buscar uma alternativa ao texto escrito, nem de provocar um ‘duelo’ entre o texto e a imagem, mas de salientar o fato de que, mesmo que o texto seja fundamental, sua associação a outras formas de linguagem não pode senão enriquecer os enunciados metodológicos (ACHUTTI, 2004, p.94).

Das dez casas de visitação que compõem o roteiro, a primeira, no sentido Bento Gonçalves – Farroupilha, é a *Casa dos Doces Predebon*, na qual são

¹³ Ver Apêndice – modelo aproximado do roteiro das entrevistas semi-estruturadas, página 111.

produzidos e vendidos variados doces e geléias de frutas cultivadas na propriedade: maçã, figo, uva, marmelo e pêssigo. A fabricação é caseira sem adição de conservantes, da mesma maneira que as avós dos atuais moradores faziam. De acordo com a Associação Caminhos de Pedra, essa é uma agroindústria construída em tijolos maciços à vista, com características arquitetônicas típicas da imigração italiana.



Imagem 5: Casa dos Doces Pedrebon - Foto: Rita Michelin

Essa casa é a primeira do roteiro se o visitante iniciar o passeio no sentido Bento Gonçalves – Farroupilha, mas se iniciar pelo lado oposto será a última casa, pois o roteiro está situado ao longo da estrada Julio de Castilhos e pode ser iniciado por qualquer um dos lados. O roteiro tem cerca de 14 km de extensão.

Seguindo, passa-se por cerca de três pontos de observação, no entanto esses não são sinalizados, o que dificulta para o visitante que não está acompanhado de um guia de turismo encontrar esses pontos.

Na imagem 6 está a *Casa Bertarello* que foi construída toda em pedra por volta de 1880 por Giuseppe Dall'Acqua, sendo, depois, adquirida pela família Bertarello. No ano de 1930, as pedras foram cobertas com reboco, mas em 1984 readquiriu suas características originais, tendo o reboco retirado e tornando-se a primeira casa restaurada pelo Projeto Cultural Caminhos de Pedra. Atualmente abriga um restaurante colonial italiano, o Restaurante Nona Ludia, que é dirigido pelas famílias Casagrande e Cantelli. No pátio da casa há uma árvore chamada Maria Mole (também conhecida como Umbú) a qual, sob suas raízes, forma uma pequena gruta que, segundo relatos de moradores, era utilizada pelos primeiros imigrantes como abrigo.



Imagem 6: Casa Bertarello - Foto: Rita Michelin

A *Casa do Tomate*, diferentemente da grande maioria das casas, não está situada ao lado da estrada Julio de Castilhos e sim a cerca de 200 metros da estrada. Essa é uma construção recente de propriedade da família Lerin, que foi construída já com a finalidade de se tornar a Casa do Tomate no Roteiro Caminhos de Pedra. Nela são produzidos e comercializados derivados de tomate (extrato, molho, suco e tomate desidratado seco) e refrigerantes naturais (sem uso de conservantes químicos) nos sabores limão, laranja e abacaxi, receita das avós que foram sendo aprimoradas. Além de receber uma explicação sobre o processo de fabricação dos produtos, nessa casa o visitante também fica sabendo um pouco mais sobre a história do projeto e de todas as casas que fazem parte do roteiro.



Imagem 7: Casa do Tomate – Foto: Carlos Bem

Para falar sobre o Projeto e o Roteiro Caminhos de Pedra, os proprietários utilizam um mapa improvisado feito em uma das paredes da fábrica que fica ao lado da casa. Esse mapa pode ser observado na imagem 8, a seguir.

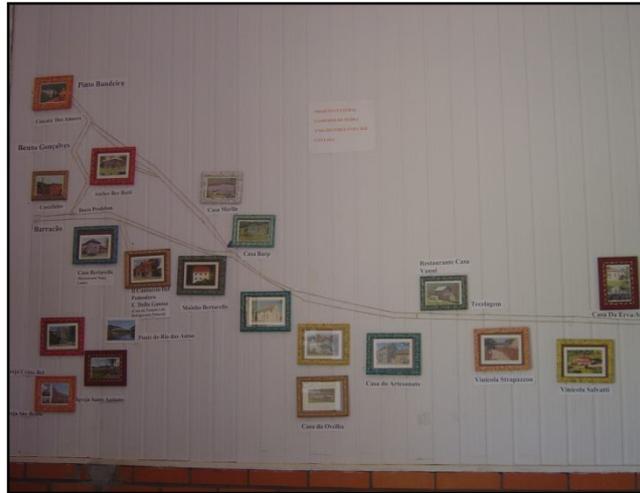


Imagem 8: Mapa do roteiro - Casa do Tomate - Foto: Rita Michelin

Em conversa informal com os proprietários da Casa do Tomate, eles contaram que pretendem melhorar o mapa, talvez com miniaturas de todas as casas do roteiro para que os visitantes tenham a idéia geral de tudo o que poderão conhecer. Além disso, eles contam que fazem isso sem esperarem um retorno, fazem isso porque acham que é fundamental o turista saber um pouco mais da história de todo o roteiro e não apenas de algumas casas.

Nesse roteiro também há espaço para as artes. A *Casa Gilmar Cantelli* foi construída entre os anos de 1877 e 1883 toda em pedra, sendo uma das construções mais rústicas da arquitetura italiana que faz parte do roteiro. Foi completamente restaurada no ano de 2002 através do Projeto Cultural Caminhos de Pedra. Desde o ano de 2003 é moradia e ateliê do escultor João Bez Batti, que é um dos poucos artistas que domina a técnica de esculpir em pedra basalto. Nessa casa, o visitante pode conhecer um pouco mais acerca do trabalho do escultor, além de observar as características de uma construção dos primeiros imigrantes italianos chegados ao Rio Grande do Sul no século XIX. A Casa Gilmar Cantelli e Ateliê Bez Batti está localizada a cerca de dois quilômetros da estrada Julio de Castilhos, sendo a casa mais retirada de todas as que integram o roteiro.



Imagem 9: Ateliê Bez Batti – Foto: Nestor Foresti

O prédio em madeira da imagem 10 foi construído em 1917, pela Família Cavalet. Abrigava um restaurante e hotel, conhecido como *casa de pasto*, pois no andar inferior ficava o pasto para os cavalos dos hóspedes. Na época havia uma demanda considerável devido ao grande movimento através da Estrada Julio de Castilhos. Atualmente, o prédio pertence ao Hotel Dall'Onder e no ano de 1993 foi restaurado e transferido cerca de 100m de sua localização original, tendo um porão de pedra acrescentado à estrutura original e também a construção de mais uma estrutura lateral. Nesse prédio localiza-se a *Casa da Ovelha*, onde o visitante pode conhecer o processo de industrialização do leite. No porão há degustação de queijos, iogurtes e outros derivados do leite de ovelha, assim como o varejo dos mesmos e produtos de lã e pele de ovelha e artesanato.



Imagem 10: Casa da Ovelha - Foto: Rita Michelin

A última casa a inserir-se no roteiro foi a *Casa do Artesanato*, em Julho de 2005. Essa casa estava localizada no interior de Farroupilha, tendo sido desmontada

e reconstruída no Distrito de São Pedro. O casarão, datado de 1910, pertenceu à Família Dal Pizzol e atualmente pertence à Família Tomasi, que coloca a disposição dos visitantes uma grande variedade de peças artesanais feitas pela própria família e por moradores do Distrito de São Pedro, além dos produtos da antiga Casa das Massas.



Imagem 11: Casa do Artesanato - Foto: Rita Michelin

Várias casas do roteiro sofreram intervenções nas suas características originais, uma delas foi a *Casa Vanni*. Essa foi construída em 1935 por Pietro Strapazzon, atualmente pertence à Família Vanni. No ano de 1975, o andar superior foi retirado, retornando às características básicas em 1996, quando foi restaurada através do Projeto Caminhos de Pedra. No primeiro andar, o visitante pode acompanhar o trabalho dos teares manuais com os quais são produzidas mantas, tapetes, palas, entre outros. No andar superior está localizado o Restaurante Casa Vanni que oferece diversos tipos de massas acompanhados de vinhos produzidos na comunidade.



Imagem 12: Casa Vanni - Foto: Nestor Foresti



Imagem 13: Interior do Restaurante Casa Vanni - Foto: Rita Michelin

A *Cantina Strapazon* foi construída totalmente em pedras irregulares por volta do ano de 1880 por Giovanni Strapazon. Ela nunca passou por nenhum processo de restauro, mantendo ainda a originalidade nas suas características da primeira geração de imigrantes italianos chegados ao Rio Grande do Sul. A construção é utilizada como cantina pela família e serviu de cenário para algumas cenas do filme “O Quatrilho” no ano de 1995. Nessa cantina os visitantes conhecem, através da explicação dos visitados, o processo de elaboração artesanal do vinho e do suco de uva e ao final há degustação de todos os produtos coloniais por eles produzidos, além de queijos, salames e copas.



Imagem 14: Cantina Strapazon - Foto: Rita Michelin

Outra construção mais recente é a *Cantina de Vinhos Finos Salvati & Sirena*,

um prédio em formato octogonal, construído em pedras basálticas irregulares retiradas do próprio local. Nessa é oferecida degustação de vinhos e suco de uva e também há o varejo desses produtos. Além disso, para agregar valor cultural, também foram resgatados pratos da culinária italiana. Ali são servidos, com agendamento prévio, jantares típicos da *pobreza* italiana, conforme o Sr. Silvério Salvati conta em entrevista concedida:

Nós pensamos em fazer aqui também a área de gastronomia. Que que nós vamos fazer? Típico italiano? Toda a Serra serve! Tem gente que vem da Itália e come na Serra Gaúcha e diz “*No posso piu vere galetto e pasta*” chega de galetto e massa, então nós não podemos também produzir o galetto e massa. O que nós fomos em busca, também frizando novamente a cultura, foi buscar os pratos que a *nonna* fazia a 90 / 100 anos atrás que é a *minestra de fagioli com taiadelle*, é a sopa de feijão com talharim, era o prato de toda noite o italiano comia isso, não tinha outra escolha, tinha que comer e calar a boca, não dizer que tava quente, nem fria, nem paçocada. Tinha que comer sem levantar os olhos. Outro prato como sendo o prato base, nós servimos a polenta no tabuleiro cortada com frio de costura número 16, também autêntica que nem no passado. Servimos a galinha caipira com molho, fizemos três tipos de *fortaias*. *Fortaias* são omeletes. Fizemos o *radicci coti com la pancetta*, a *pancetta* é o toicinho da barriga do porco antes dele virar bacon. O bacon já é industrializado, nós temos o toicinho virgem, sai do porco e vai na panela. Fizemos o *scodeguim*, a palavra *scodeguim* deriva de *scodega*, que é couro do porco, então é o embutido que se aproveita o couro do porco, mais a carne dos músculos que é dura, imprópria para salames e linguiças, temperos e especiarias. Esse é cozido em água, e servido bem quente, maravilhoso, dá um aroma fantástico. Fizemos o pão da *nonna* feito no forno de barro sobre a palha de milho, o salame *rostido*, a salada de *radicci* com a *pancetta* também e vinagre caseiro feito por nós, forte, agradável, que deixa o lábio branco. Fizemos um sagu com creme. Como entrada, temos frios, acompanham as grasas. São coisas assim que a gente volta, doamo-nos à cultura, precisamos mais um incremento.

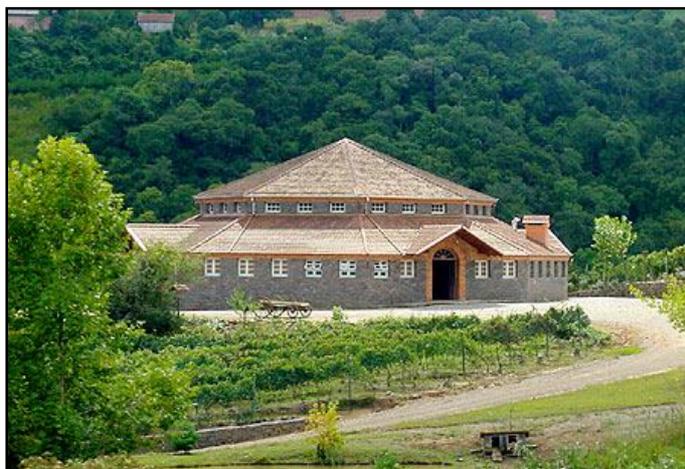


Imagem 15: Cantina Salvati & Sirena – Foto: Nestor Foresti



Imagem 16: Jantar na Cantina Salvati & Sirena - Foto: Rita Michelin

O local que abrigava o antigo moinho Ceconello, após ser adquirido pela Família Ferrari, foi adaptado para uma fábrica de erva-mate colonial, tornando-se a *Casa da Erva-Mate*. Nela o visitante pode conhecer todo o processo de produção com três históricos soques¹⁴, sendo dois movidos a energia elétrica e um movido a roda d'água. O varejo funciona no porão da residência da família, que fica em frente à fábrica. Lá o visitante acompanha o preparo e pode provar o chimarrão feito com a erva-mate¹⁵ ali produzida e também adquiri-la, além de uma ampla variedade de outros artigos ligados ao preparo do chimarrão.



Imagem 17: Casa da Erva-Mate – Foto: Rita Michelin

¹⁴ Soque é o maquinário utilizado para a moagem da folha da erva-mate já seca e triturada.
¹⁵ Derivado produzido com folhas e galhos da planta da erva-mate.

3.1 Experiência de campo

Em um primeiro momento, chegar a um local estranho é sempre um pouco assustador e ao mesmo tempo instigante. O primeiro problema que tive de enfrentar foi o transporte público deficiente para chegar até o roteiro e ter que “me virar” sem carro, ou seja, colocar as pernas para trabalhar! Lembrando o que diz Garcia Canclini (2003, p. 21) “o antropólogo chega a pé, o sociólogo de carro e pela pista principal, o comunicólogo de avião. Cada um registra o que pode, constrói uma visão diferente e, portanto, parcial”. Dessa forma realmente cheguei a pé ao roteiro e a partir dessa visão e dos registros procurei construir o entendimento necessário para a pesquisa.

Na estrada principal do roteiro há um movimento considerável de veículos. A grande maioria dos moradores possui algum meio de transporte. As *nonnas* trabalham na horta, as pessoas andam de chapéu de palha, todo mundo se conhece, e por esse motivo nos primeiros dias eu virei atração turística. Todo mundo queria saber quem era a guria nova que estava morando na comunidade. No início isso me deixou um pouco constrangida, mas aos poucos fui conhecendo os vizinhos e essa sensação de ser uma estranha na comunidade passou.

Já no primeiro dia, iniciei as primeiras aproximações com os visitados para falar sobre a minha pesquisa e pedir autorização para realizar a pesquisa etnográfica em seus estabelecimentos. A recepção deles foi ótima tanto comigo quanto com a minha pesquisa. Como o roteiro conta com dez pontos de visitação, não seria possível realizar pesquisa etnográfica com observação participante em todos os pontos, por esse motivo, optei em realizar apenas em quatro estabelecimentos: o mais antigo do roteiro – Cantina Strapazzon –, dois com quatro anos de existência – Cantina Salvati & Sirena e a Casa da Erva-Mate – e o mais recente (dois anos) – Casa do Artesanato. Além desses motivos, também escolhi esses estabelecimentos por fazerem parte do primeiro núcleo do roteiro no sentido Farroupilha – Bento Gonçalves, que ficava mais próximo da casa na qual eu estava residindo, dando-me condições de chegar até eles a pé.

Então, no trabalho etnográfico eu passava o dia em uma dessas quatro casas, geralmente das 9h às 18h. Nesse tempo procurava sempre ajudar os moradores no que fosse necessário, para assim ir ganhando sua confiança, e conversando para colher informações pertinentes ou não à pesquisa. No início eu

ficava uma semana em cada estabelecimento; após as primeiras semanas alterava, cada semana ficando em dois estabelecimentos, um dia em cada um.

Com o passar dos dias fui realmente ganhando a confiança dos moradores. Eles já conversavam de tudo comigo, me contavam dos problemas, das coisas boas relacionadas ao trabalho com o turismo e também as coisas ruins. Diziam que gostavam da minha ajuda e às vezes até “disputavam” para ver em qual casa eu iria ficar. Todos queriam que eu ficasse apenas na sua casa, pois eu sempre ajudava no que fosse possível, sendo nas tarefas diárias de manter o estabelecimento arrumado, na fabricação dos produtos e até mesmo no atendimento aos visitantes.

Nesses primeiros momentos o método utilizado foi a observação participante, na qual eu conversava e participava do dia-a-dia dos visitados, observando para depois anotar todas as informações obtidas no diário de campo. As entrevistas semi-estruturadas foram deixadas para o momento final do período de residência no roteiro, pois somente após conhecer bem o cotidiano e a relação existente entre visitantes e visitados é que seria possível elaborar questões nas entrevistas semi-estruturadas para complementar a observação participante.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com dez moradores do Distrito de São Pedro e um guia de turismo local. Entretanto, optou-se por utilizar apenas as entrevistas em que as questões pertinentes à pesquisa foram abordadas de forma natural, sem questionamentos diretos por parte da pesquisadora. Sendo assim, sete entrevistas foram utilizadas na análise textual aqui apresentada. Os moradores entrevistados assinaram um termo de colaboração no qual ficou claro o sigilo e o respeito à privacidade dos participantes, sendo assim, optou-se em nomear os entrevistados por letras e seu grau de descendência italiana, ou seja, a geração a que pertencem a partir dos primeiros imigrantes italianos chegados ao Rio Grande do Sul, no ano de 1875.

Em relação ao início do Projeto Cultural Caminhos de Pedra, cada morador tem uma visão diferenciada de como foi a sua inserção. Os primeiros a se envolverem com o turismo eram denominados “loucos”, pois ninguém acreditava no potencial turístico do local, principalmente os próprios moradores.

Onde que muitas pessoas achavam que não ia dar certo. Diziam pra gente que éramos loucos, que isso não ia dar certo, que a gente ia se dar mau, aí a gente pensou muito, pensamos, pensamos e abrimos por um esporte, vamos ver o que vai acontecer. E hoje estamos aqui, onde se esperava um ônibus por mês pra visitar depois foi um por semana e hoje é de 8 a 10 por

dia, então é muito visitante nos procurando. (Entrevistado C, 4ª geração).

Havia um certo receio nos moradores quanto a aderir ao projeto, no entanto alguns já estavam cientes de como o turismo funciona, conforme lembra o Entrevistado C da 4ª Geração:

[...] demoramos dois meses para aderir ao projeto. A família ficou pensando se poderia dar certo ou não, o que se poderia vender, que a gente já sabia que trabalhar com o turismo, você não tem sábado, não tem domingo, não tem segunda, é direto, seria visitantes todos os dias na casa, né.

Para os que se inseriram após o roteiro já estar em funcionamento, o turismo já era visto como uma nova fonte de renda que estava dando certo para quem já estava trabalhando com isso. De acordo com o Entrevistado B da 4ª Geração “[...] quando apareceu os Caminhos de Pedra já funcionando, já andando, nós aderimos a ele e conquistamos o espaço [...]”. Mas quem começou depois também tinha a visão de que ainda tinha muito caminho a seguir para chegar aonde os demais já se encontravam: “enquanto os outros já tinham quase todo o pé de meia feito nós estávamos ainda na construção [...]” (Entrevistado A, 4ª Geração).

A inserção no Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra também foi uma escolha por parte de alguns empreendedores

Eu sou professora meio turno e isso aqui pra mim é um anti-stress. Nós poderíamos muito bem ter ido morar na cidade, meu marido tem emprego e eu também, mas eu gosto de mexer na terra. Muita gente diz “você não deviam ter feito isso”, mas é uma coisa daqui, do ser, pra ter um pouco de equilíbrio (Entrevistado F, 3ª Geração).

Diferente do caso do Entrevistado F, houve também quem queria fazer parte do Projeto, no entanto não sabia o que fazer

[...] quando o pessoal aqui começou a trabalhar com o turismo, a gente viu a possibilidade da gente também fazer parte do projeto, receber os turistas. Só que assim, nós não tínhamos idéia do que fazer. Aí um certo dia o Tarcisio, que é o idealizador do projeto, ele veio aqui e nos convidou a participar. (Entrevistado D, 4ª Geração).

Além dos que começaram do zero há também aqueles que assumiram um negócio que já havia sido iniciado

Aí esse ano eu tava querendo abrir um negócio em Bento na área de gastronomia e aí surgiu a oportunidade de vir pra cá porque ele não estava mais satisfeito com o trabalho que ele estava fazendo. [...] eles resolveram vender, se desfazer e como ele ia sair de baixo também ia ter mais espaço para poder desenvolver o projeto e eu resolvi assumir (Entrevistado G, 4ª geração).

Através das exposições dos visitados, percebi que o início relacionado ao turismo aconteceu de formas diferenciadas para cada empreendedor. Além disso, o que percebi na observação participante e na etnografia das conversas informais é que sempre foram as mulheres da família que tomaram a frente para receber os turistas em suas casas e que não deixaram os maridos desistirem quando parecia que nada iria dar certo.

Antes do início oficial do Projeto para o turismo, os interessados participaram de um curso do Sebrae, conforme conta o Entrevistado F da 4ª geração

[...] bem lá no comecinho, quando iniciou o projeto em 1992, foi feito um curso aqui através do Sebrae e foi largada a notícia que quem se interessasse em participar seria montado um projeto cultural, ele não tava aprovado nem nada na época. Fiquei quase um mês fazendo esse curso de como montar uma pequena micro-empresa.

A parceria do Sebrae para com o roteiro aparece como um ponto positivo a partir da visão dos moradores locais, pois esses não acreditavam que poderiam se tornar empreendedores no setor turístico.

A gente teve curso de tipo como fazer o preço, porque a gente sabia como trabalhar com braços e pernas e cabeça não. Então imagina você sendo um agricultor e logo ter um estabelecimento de vender produtos. Coisa que nunca aconteceu na nossa vida, só se sabia pegar uma enxada e ir na roça capinar. E aí depois o Sebrae deu vários cursos, de compra, venda, como fazer o preço, atendimento, mas muito também se leva na prática, você atendendo você vai melhorando. (Entrevistado C, 4ª Geração).

Nos pontos de visitação do roteiro, os turistas são recepcionados pelos donos da casa ou por funcionários, dependendo do estabelecimento. Em alguns ainda trabalha apenas a família, já a grande maioria utiliza os serviços de funcionários, que são moradores da comunidade ou da cidade de Bento Gonçalves (apenas um estabelecimento conta com os serviços de funcionários não residentes na comunidade e sim na zona urbana de Bento Gonçalves). Nos estabelecimentos onde há visita guiada, os donos da casa ou os funcionários acompanham o visitante contando a história do local e explicando sobre os produtos ali produzidos, já nos demais o visitante tem a liberdade de chegar e conhecer a casa por si mesmo.

Podemos utilizar como exemplos de visita guiada, duas residências em que se realizou a etnografia: a Cantina Strapazzon e a Casa da Erva-Mate. Nelas os visitantes chegam, são recepcionados pelos donos ou funcionários (na primeira) que os levam para conhecer o estabelecimento, contando a história do local e o processo de fabricação dos produtos, para após realizarem as degustações. Quando

os visitantes fazem parte de um grupo, chegam de ônibus ou van acompanhados pelo guia, que acompanha o grupo, mas na casa a explicação fica por conta do morador. Então, utilizando o recurso da fotoetnografia, que segundo Achutti (2004, p.109) trata-se de uma narrativa etnográfica composta por “[...] uma série de fotos que estejam relacionadas entre si e que componham uma seqüência de informações visuais. Série de fotos que deve se oferecer apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado a desviar a atenção do leitor/espectador” busca-se apresentar um pouco da relação entre visitantes e visitados por meio de narrativas etnográficas feitas na Cantina Strapazzon e na Casa da Erva-Mate, durante a realização da etnografia no roteiro.

Ainda se pode complementar, de acordo com Achutti (1997, p.77), que por meio da fotoetnografia

[...] pode-se construir textos imagéticos a respeito da cultura do *outro*, fazer construções descritivas e narrativas. Narrativas no sentido amplo, como *‘conjunto organizado de significantes, cujos significados constituem uma história (...) que deve se desenrolar no tempo’* (Aumont, 1993:244). Uma narrativa visual que venha enriquecer, trazer novos ângulos, como *‘uma outra grafia’* (Leal, 1986:17).

Quando se propõe uma narrativa etnográfica através de fotografias “[...] logo surge o alerta de limites, alerta de que a fotografia é uma obra aberta sujeita a múltiplas leituras ou interpretações” (ACHUTTI, 1997, p.76). Além disso, Achutti lembra que a própria realidade pode ter diferentes interpretações e leituras, conforme apresentado no primeiro capítulo, a visão de Clifford Geertz (1978), na qual as culturas são compostas por teias de significados que podem ser analisadas de diferenciadas maneiras resultando em interpretações variadas.

Sendo assim, apresento a seguir a fotoetnografia que realizei da chegada, recepção e partida de um grupo de visitantes excursionistas na Cantina Strapazzon para possíveis interpretações.



Imagem 18



Imagem 19



Imagem 20



Imagem 21



Imagem 22



Imagem 23

A seguir a fotoetnografia de um grupo de turistas particulares na Casa da Erva-Mate



Imagem 24



Imagem 25



Imagem 26



Imagem 27

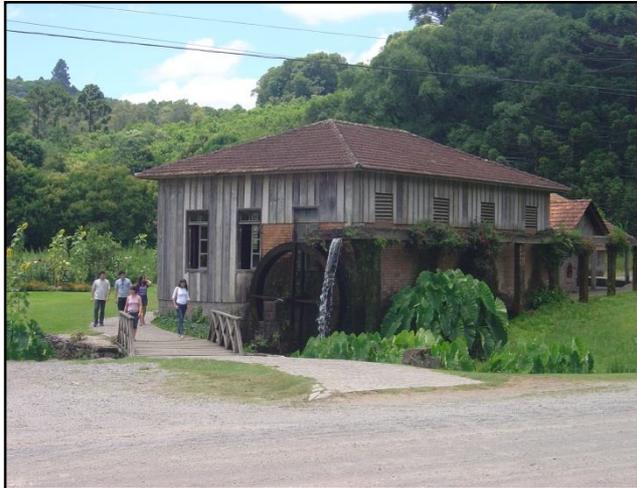


Imagem 28



Imagem 29



Imagem 30



Imagem 31

O atendimento aos turistas é simples. Os visitados recebem bem os visitantes, por vezes cumprimentando em dialeto *talian*. São hospitaleiros e tratam bem os turistas, todavia se o turista não respeitar o morador este se coloca no direito de também tratar aqueles de maneira diferenciada. Em conversas informais, os moradores me contaram que já aconteceram muitos casos em que os turistas que visitam o roteiro são mal-educados. Quando isso acontece, os visitados impõem limites aos visitantes, pois estes estão na casa daqueles, que exigem o mínimo de respeito.

Observei que alguns turistas (que têm conhecimento do dialeto vênето) chegam às casas falando *talian* como se essa fosse a língua predominante no roteiro, e adoram quando os moradores conversam com eles em *talian*. Geralmente os moradores costumam vestir-se um pouco melhor para receber os visitantes, ou seja, não o fazem de roupa rasgada ou suja, que são utilizadas para o trabalho do

campo. Os visitantes

[...] pedem pra gente conversar mais, porque muitos estudam o italiano, são pessoas que estudam o gramatical e a gente conversando eles pedem pra gente falar um pouquinho italiano com eles, aí a gente fica conversando com eles e é até bonito que as pessoas ficam assim babando de ouvir a conversa de dois italianos, não entendem nada, mas é bonito de ouvir, ficam ouvindo e fazendo perguntas. (Entrevistado C, 4ª Geração).

Nem todos os moradores do Distrito de São Pedro estão ligados ao turismo. Muitos ainda trabalham na lavoura ou, principalmente os mais jovens, buscam empregos na cidade ou saem para estudar. Entretanto, para muitos o turismo é uma alternativa justamente para não ter que buscar emprego na cidade, “[...] tem essa parte do turismo ou trabalhando diretamente ou até fornecendo produtos. O caso do artesanato, muita gente faz crochê, vários tipos de artesanato e oferecem para esses pontos” (Entrevistado A, 4ª Geração). Percebe-se através dessa fala que além dos que trabalham diretamente com o turismo, há os que trabalham indiretamente, seja fornecendo matéria prima para a produção ou mesmo os produtos já prontos. Nas entrevistas, os visitados sempre enfatizam que os produtos à venda não são apenas seus: “Tenho produtos de outros moradores, de Santo Antonio, tenho pro lado de Bento. Assim, nessa região aqui eu tenho bastante coisa das outras pessoas que expõem” (Entrevistado E, 3ª Geração).

Sim, não se tem só coisa nossa [...] se pega coisas dos outros que não se tem, até tem eles no projeto pra se juntar ao projeto cultural, mas ainda não tem a casa pronta, não estão aptos a fazer parte. Então, se pega o produto deles, mais ou menos relacionado com o que é da gente e ajuda eles dessa forma, até eles terem a deles. Mas também não todos, necessariamente, irão fazer parte como empreendedores, mas como fornecedores. O artesanato manual, no caso das mulheres é mais o crochê, essas coisas, então já é uma fonte de renda (Entrevistado A, 4ª Geração).

Dessa forma, o turismo gera um efeito multiplicador para a população, pois aqueles que não trabalham diretamente com o turismo também são beneficiados mesmo que indiretamente. Os que trabalham diretamente com o turismo afirmam gostar do que fazem.

Gosto sim. Você tá sempre em contato com pessoas diferentes, né? Não é aquele trabalho que você trabalha numa fábrica, numa indústria, que é aquela coisa repetitiva, repetitiva. Cada pessoa que chega, tu vai explicar, você tem a base do que tem que passar pra eles, mas a forma de tu passar o teu recado, de tu passar a informação pra eles é diferente porque você chega já te chamou a atenção uma pipa, o outro já chamou a atenção só aquele detalhe da porta da pipa. Então você transmite o teu recado de várias maneiras diferentes, sempre é, cada dia é uma novidade diferente. Cada dia não, cada pessoa que chega até você (Entrevistado A, 4ª Geração).

Interpretando essa colocação, percebe-se que esse morador não entende o trabalho com o turismo como um trabalho repetitivo, pelo contato que possibilita com diferentes pessoas. Então, esse contato gera diferenciadas situações fazendo com que nunca uma relação seja igual à outra. Assim como a percepção dos sinais diacríticos de uma pessoa para outra, no qual um é diferente do outro, fazendo com que a relação com um visitante nunca seja igual a que ocorre com outro. Já outro morador diz que gosta tanto de trabalhar com o turismo quanto de trabalhar na lavoura, que divide o seu tempo.

Que nem agora eu tô aqui, mas pouco movimento, eu tô na lavoura, porque lá a demanda é maior. Que nem hoje, não adianta eu ficar aqui, hoje não tem fluxo de turistas, [...] eu tenho que ir lá, porque lá a demanda de trabalho é maior. Nos fins de semana os meus funcionários não trabalham e eu me dedico aqui, a demanda aqui é maior que na lavoura. Então a gente faz as duas coisas ao mesmo tempo. Gosto de atender turistas, porque uma coisa muito importante, eu consigo falar a língua do povo. É uma língua que eles têm que entender, que eles têm que assimilar. Termos técnicos não adianta falar, tem que falar uma linguagem que as vezes tecnicamente dói ouvi-la, mas é a linguagem do povo brasileiro, ou quem visita a gente. [...] E eu gosto porque a gente passa aqui que tu sabe para as pessoas que vêm em busca de informação. Com uma linguagem que eles conseguem levar pra casa e passar pros outros também (Entrevistado B, 4ª Geração).

A grande maioria dos moradores do Distrito de São Pedro que trabalham com o turismo mantém uma atividade extra, sendo a lavoura, a horta, trabalho na cidade, dentre outros. Então, o tempo para as diferentes atividades é dividido, mas sempre fica alguém da família ou algum empregado cuidando da casa, pois os turistas chegam a qualquer momento, sendo necessário ter sempre alguém para recepcioná-los. Todos os moradores com quem conversei, que exercem uma atividade extra além do turismo, admitem que adoram trabalhar com o turismo e que “[...] todos os dias tu tem uma coisa assim diferente, tipo assim, dos lugares diferentes, jeito que eles contam que tem as casas nos outros lugares. Aí eu sempre pergunto, que eu gosto de perguntar, se eles têm ainda aquelas casas antigas” (Entrevistado E, 3ª Geração). Percebe-se assim a troca através dessa relação entre visitantes e visitados.

Um morador entrevistado conta sobre o receio que tinha de trabalhar com o turismo pelo seu pouco estudo:

Porque assim, eu senti muita dificuldade porque eu não tenho estudo, eu estudei só até a quinta série e eu me sinto com muita dificuldade até na hora de pronunciar, de falar, porque a gente não tem este estudo, né? E a gente às vezes fala com os visitantes que são de um poder aquisitivo maior

e são pessoas estudadas, só que eles nos falam que é assim que eles querem ver, é a simplicidade, as pessoas falando a sua própria língua, não adianta querer inventar, falar coisas técnicas que eles não vão entender, eles gostam de ouvir o que os nossos pais os nossos avós ensinaram, que hoje a gente passa pra eles. Então, pra eles é gratificante ser do jeito que a gente é e mostrar pra eles. Eles querem ver o natural, nada de inventar palavras, nada de inventar coisas, a gente passa pro nosso visitante o dia-dia da gente. (Entrevistado C, 4ª Geração).

Com isso se percebe que os visitados se preocupam muito com a forma de falar com os visitantes. Alguns acham que têm que falar de maneira diferenciada com os turistas porque talvez eles não entendam os termos técnicos, já outros acham que a falta de estudos pode lhes causar constrangimentos no contato com o visitante, depois percebendo o contrário.

O Entrevistado D da 4ª Geração expõe todo o seu sentimento em trabalhar com o turismo durante a entrevista:

Bom, eu acho assim que tu tá falando com uma pessoa que é apaixonada por isso, todo mundo percebe a paixão pelo que eu faço. Sempre fui uma pessoa batalhadora, porque demoramos 8 anos e meio só pra restaurar a casa [...] assim, com muitas dificuldades, no começo é muito difícil, até as pessoas conhecerem o teu produto, o teu atendimento. Então agora [...] que a gente tá sentindo retorno de pessoas que já vieram e estão retornando com familiares, com outras pessoas. Como me aconteceu domingo, veio um casal aqui, e eles vieram em Novembro de 2003, que foi no ano em que a gente abriu a casa [...]. E eles voltaram aqui com os pais, voltaram e gostaram muito, super satisfeitos de ver que a casa está bem, que está bem organizada e que a gente está crescendo.

Para os visitados ter o reconhecimento por parte dos visitantes é ainda mais incentivador para continuarem trabalhando com o turismo e gostando mais dessa atividade, buscando, assim, melhorar cada vez mais o seu trabalho, dedicando-se ao que fazem. Desta forma os visitados acabam valorizando ainda mais a sua etnicidade, através desse contato com o outro no qual as diferenças são percebidas e valorizadas e assim ocorre um constante processo de reconstrução da etnicidade dos moradores locais no Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra. Conforme o que fala o Entrevistado G da 4ª Geração quando questionado se gosta de trabalhar com turismo

Adoro, gosto bastante, sempre gostei. Acho que essa troca é muito interessante, essa vivência que eles têm. E depois é muito legal porque tu trata com pessoas de tudo que é tipo, de todos os níveis culturais, então é muito interessante, principalmente esse meu público, que é o público que vem de carro, então a gente que tem mais experiência, mais vivência com todo um mundo. Então é muito legal quando eles vêm e dizem “bah isso aqui é que nem aquele pedacinho da Itália”, que tipo, eu estive e eu sei como é, que realmente a gente encontra aqui um refúgio, uma coisa bem parecida, fisicamente e culturalmente, então é muito legal toda essa troca. É bem importante. Por isso que a gente se motiva a fazer, a melhorar, mesmo

que não sejam muitos ainda.

Há uma percepção por parte dos moradores locais de que os turistas realmente esperam encontrar a italianidade neste roteiro, principalmente aquela trazida pelos primeiros imigrantes italianos chegados ao Estado que caracterizam hoje os seus descendentes. Muitos demonstram de várias formas essa busca e a satisfação ao encontrarem, contribuindo ainda mais na valorização da etnicidade dos visitados nessa arena turística.

Dos turistas no roteiro, pode-se dizer que existem dois tipos de visitantes: os visitantes particulares e os visitantes excursionistas. Os primeiros são aqueles que vêm de carro, ou outro meio de transporte, por conta própria, especialmente para visitar o roteiro, ou descobriram esse por acaso. Muitos turistas reclamam da falta de divulgação e de informações acerca do roteiro e que acabam descobrindo esse por acaso, seguindo algumas placas, mas sem saberem ao certo do que se trata. Os segundos são os que vêm através de agências de viagens, geralmente provenientes de outras cidades ou estados, na grande maioria das vezes são acompanhados por guia local.

O particular tem mais tempo, ele vem em busca daquilo que ele quer. Excursão em função dos atrasos, eles vêm sempre atrasados, não têm o tempo necessário e é uma coisa o roteiro é direcionado, você não vai onde quer, você tem um roteiro a cumprir. E o pessoal vêm aqui, nós pedimos pra eles sentarem, é um ambiente fantástico, sentados, explanamos sobre a casa [...], coisa importante que eles não conhecem, não sabem, apresentamos [...] numa linguagem deles e nós falamos uma coisa bastante importante, respondemos perguntas, eles querem saber porque, então nós temos esse espaço também (Entrevistado B, 4ª Geração).

Os próprios visitados percebem a diferença dos turistas que chegam ao roteiro. Conforme o exposto pelo entrevistado B a diferença entre os turistas particulares e os excursionistas é que os primeiros vão em busca do que querem e os segundos fazem o roteiro de forma direcionada pelo guia. O Entrevistado G da 4ª geração fala também sobre a troca com os turistas particulares

[...] acho que a troca é muito mais interessante, não menosprezando os grupos, mas em função do tempo que eles têm, de terem um passeio bem delimitado feito pelo guia, então a troca não é tão grande quanto com o público que tá aí de carro, a família, o casal, o grupo de amigos. Esses são mais interessados na troca mesmo, eles vêm, ficam mais tempo, eles apreciam mais a comida, eles querem conversar contigo, saber como que era, porque que tu tá aqui. Então essa troca que é interessante e satisfatória. (Entrevistado G, 4ª Geração).

Os particulares têm como diferencial um maior contato com a população local,

pois costumam visitar o roteiro com mais tempo disponível e por esse motivo acabam passando mais tempo com os moradores, conhecendo-os melhor e também falando um pouco de si. Entretanto, vale lembrar que não é a totalidade dos visitantes que têm o intuito de conversar e conhecer um pouco mais o visitado, existem também aqueles turistas que muitas vezes nem olham na face do morador. Os visitantes particulares possuem mais liberdade, conhecendo todos os pontos do roteiro ou apenas aqueles que mais lhes interessam.

Os visitantes excursionistas costumam ter o tempo bem menor que os particulares, pois, geralmente, o Roteiro de Turismo Rural Caminhos de Pedra é apenas uma parte do passeio. Em um dia visitam esse roteiro e o passeio no Trem Maria Fumaça, ou então visitam o Roteiro do Vale dos Vinhedos, ambos no município de Bento Gonçalves. Por esse motivo, esses visitantes não conhecem todas as casas do roteiro (costumam parar em uma média de três pontos de visita) e pelo pouco tempo disponível acabam não tendo uma maior aproximação com o morador local.

Alguns visitados com quem conversei afirmaram que preferem o visitante particular, por esse vir com mais tempo, geralmente disposto a conversar, muitas vezes demonstram mais interesse na casa e na história do que os visitantes excursionistas.

Os particulares a gente percebe que a pessoa tem mais tempo, a pessoa já sai da cidade e já vem, ele pára onde ele quer. Então a gente percebe que a pessoa tem aquele tempo de fazer perguntas, tempo de ficar com a família, de conversar, se vê que ele tá gostando do roteiro e a pessoa compra mais porque você tem mais tempo de explicar sobre o produto. Ônibus [...] tem grupos que acham que é uma cidade, que o roteiro é um conjunto de casas, é uma coisa diferente, tem pessoas que vem de sapato de salto, aí troca pelo tênis porque vamos caminhar nas pedras, mas não é caminhar num roteiro de estrada de pedra, então eles têm uma noção diferente, só depois que chegam que eles vêem o que é os Caminhos de Pedra. Então seria toda aquela parte rústica de antigamente, hoje está aberto para as pessoas verem como é que faziam antigamente. (Entrevistado C, 4ª Geração).

A grande maioria dos visitantes buscam encontrar no roteiro características da cultura da imigração italiana, seja através do dialeto que muitos tentam aprender, principalmente os turistas provenientes de outros estados do Brasil. Alguns demonstram grande interesse sobre a história da imigração na região, entretanto nem os próprios moradores locais têm muito conhecimento para repassar aos turistas. O conhecimento que os visitados têm acerca da história da imigração italiana é o que os pais e avós contavam e partes que foram aprendendo até mesmo

com os visitantes. Eu mesma, durante a pesquisa etnográfica em um dos estabelecimentos, aprendi sobre a imigração italiana no estado de São Paulo e a diferença dessa para com a do Rio Grande do Sul.

[...] os turistas que chegam até aí, todo mundo gosta, eles admiram bastante, ele presta atenção, eles querem ouvir, ficam encantados com a história com o que os antepassados passaram pra chegar até aqui, pra desbravar as terras e fazer parte. Que nem nós temos as fotos dos antigos lá, você percebe que eram pessoas que tinham uma fisionomia triste, sofrida, não é que nem as pessoas hoje em dia que tiram uma foto tá todo mundo rindo, fazendo folia, assim, um semblante mais alegre. Se você verifica qualquer foto dos antigos eles são todos sérios, pessoas que te impõem respeito, mas por traz dessa pessoa séria, desse semblante diferente que eles têm é toda uma história difícil. Então o turista ele fica assim encantado, ele não acredita que acontecia tal coisa que a gente comenta, que foi difícil no inicio. Todo começo é difícil, mas principalmente pros imigrantes. Então eles ficam encantados, tem gente que se tu fica ali duas horas eles ficam duas horas conversando e como o italiano tem de ser bastante falador. Dá pano pra manga, mas é um trabalho bem gratificante (Entrevistado A, 4ª Geração).

Através da percepção desse morador, os turistas vêm em busca da história, não apenas do local, mas também dos antepassados, ou seja, da italianidade trazida pelos imigrantes e repassada aos seus descendentes. Os visitantes querem conversar para melhor conhecer e haver uma troca entre eles e os visitados.

[...] muitos lembram que os pais faziam os produtos, os avós, se emocionam de ver a casa com o chão de terra, lembram que moraram numa casa assim, evoluíram, hoje estão diferentes, então muita gente lembra dos avós, então você vê muita gente emocionada quando você vai atender os turistas. É o que eles querem, hoje também teve um grupo que tava visitando, aí ela disse “que que eu quero com coisas da cidade? De shopping? É isso que eu queria ver! Eu tô num paraíso vendo o seu caminho com essas flores, é o paraíso!” ela chorava de vê e dizer que eu tava morando num paraíso. Então você vê que as pessoas que moram em cidades grandes tão procurando assim lugares tranquilos, calmos, como a gente está morando no dia de hoje. Que é poucos que consegue ter uma vida como a gente leva aqui, né? Trabalha bastante, mas se convive com a natureza, até mesmo com os nossos visitantes, quando chegam pra nós é uma alegria de ter contato com pessoas diferentes, conversar, senão seria todo esse sossego, teria só roça, que a gente continua trabalhando nas roças, mas quando chega o visitante poder compartilhar a nossa alegria com eles, então é isso que eles gostam aqui (Entrevistado C, 4ª Geração).

Os turistas buscam algo diferenciado, não querem encontrar no Roteiro Caminhos de Pedra o que eles encontrariam em qualquer cidade, eles buscam o diferente, o simples, de preferência aquilo que consideram como autêntico. No entanto, o que se entende por autêntico? Como foi abordado no primeiro capítulo desta pesquisa, a cultura é dinâmica, gerando um processo de constante reconstrução da etnicidade de um grupo. Sendo assim, o que é apresentado hoje na

arena turística do Roteiro Rural Cultural Caminhos de Pedra pode ser considerado autêntico, pois o autêntico é o hoje do grupo. Não se pode querer que os atuais descendentes dos imigrantes italianos vivam da mesma maneira que viviam os seus antepassados para que a sua etnicidade seja “autêntica” para os visitantes. Atualmente, o autêntico no Distrito de São Pedro é a mistura dos traços culturais herdados dos imigrantes italianos aliados aos traços culturais da modernidade, principalmente os gerados por meio da globalização.

Além da cultura, também o ambiente em que se localiza o roteiro é um grande atrativo e diferencial segundo os turistas. Esses dizem que a tranquilidade e as belezas naturais são encantadoras, que a qualidade de vida dos moradores locais deve ser ótima graças a esses fatores. O entrevistado E da 3ª Geração conta que “eles [turistas] dizem ‘nossa, vocês vão ter que viver 100 anos aqui’, é uma maravilha, é uma paz. Realmente né, eu não penso nunca em trocar”.

Eles choram. Quando tu conta as histórias, eles choram. Porque eles se lembram da infância deles e eles perderam isso hoje. Os da terceira idade quem vêm, choram. Hoje tudo tu aperta a maquininha e vem tudo pronto. E pra nós isso aqui faz bem porque os nossos jovens ficam aqui [...] são coisas que ficam aqui (Entrevistado F, 3ª Geração).

Percebe-se uma certa frequência em relatos de turistas que se emocionam com as histórias que os moradores locais contam dos antepassados. Muitos desses visitantes que se emocionam, geralmente, também são descendentes de imigrantes italianos. Todavia haviam esquecido parte de suas origens, relembrando as mesmas ou as dos seus pais e avós através do contato com os moradores de São Pedro. Nesse contato há uma troca, não somente cultural, mas também de experiências e histórias de vida. Geralmente isso ocorre com os turistas de mais idade, conforme relatado pelo entrevistado F na citação anterior. Isso até porque os mais velhos costumam ter na memória as histórias contadas pelos seus pais e avós, que são mais antigas. Isso não significa que os mais novos também não tenham essas memórias. Todos podem tê-las, no entanto, no Roteiro Caminhos de Pedra os de mais idade expressam mais esse sentimento de reencontro com o passado.

Entretanto o fato de os moradores locais não terem um bom conhecimento sobre a história dos seus antepassados pode levá-los a passarem informações erradas aos turistas. Pude observar um visitado contando para os visitantes que os bisavós haviam chegado ao Brasil por São Paulo e após foram descendo até se instalarem aqui no Rio Grande do Sul, mais especificamente em Bento Gonçalves,

por causa do clima e da paisagem que eram próprios para a produção de videiras e lembrava a região de que eram provenientes da Itália. Conforme o apresentado anteriormente, o que se tem na história da imigração italiana para o Brasil é que os imigrantes italianos não escolheram ficar na Serra Gaúcha, mas sim o governo os alocou nas terras devolutas da Serra porque as próximas aos núcleos urbanos já haviam sido ocupadas pelos imigrantes alemães.

Essa história dos imigrantes italianos e de seus descendentes parece ser o fator que mais encanta os turistas, juntamente com a paisagem. Os objetos e utensílios antigos são apreciados pelos visitantes. Os que conhecem contam para os que não conhecem, o que é cada um dos artefatos e para que eram utilizados, aqueles que são sabem do que se trata pedem explicação aos visitados. As explicações dos anfitriões são prestigiadas por alguns turistas. Um fato que me chamou atenção, foi durante a explicação sobre o processo de fabricação do vinho para um grupo de turistas do Rio de Janeiro, quando uma das integrantes do grupo falou para o marido prestar atenção na explicação, porque aquilo era cultura. Esse mesmo grupo perguntou ao morador local qual o grau de estudo do mesmo, pois disseram que as explicações que receberam acerca da produção de vinhos nos Caminhos de Pedra foram muito melhores do que as que tiveram nas grandes vinícolas do Vale dos Vinhedos. Muitos turistas fazem questão de dizer que gostaram da visita, do lugar e do atendimento, mas vale lembrar que não são todos que pensam assim.

Os visitantes acham singular a forma como em fins do século XIX os primeiros imigrantes conseguiam, com recursos limitados, construir as casas que chegam a durar mais de cem anos e como eles transformaram um lugar que era apenas mata na comunidade que é atualmente. Além disso, eles sempre questionam os moradores locais acerca dos processos de produção realizados pelos seus antecedentes, se continuam os mesmos atualmente, quais os materiais utilizados para as construções e como faziam os utensílios, enfim, alguns visitantes querem saber toda a história local.

Conversando com os moradores locais acerca do roteiro Caminhos de Pedra, tem-se a percepção deles quanto ao mesmo, de acordo com o entrevistado D da 4ª geração:

[...] o roteiro Caminhos de Pedra é um roteiro muito especial. Por quê? Porque em primeiro lugar quem idealizou o projeto soube criar o projeto muito bem. Porque assim, cada casa é uma especialidade diferente da

outra. E outra coisa, que esse projeto veio a ajudar muito as famílias aqui, por quê? Porque só da agricultura você tem dificuldades financeiras e tu não consegue manter a tua família própria aqui dentro, então com esse projeto a gente tem os filhos trabalhando junto e eles têm uma opção também, que eles podem estudar, como você que tá trabalhando, que tá estudando pra turismo, e também outras coisas, arquitetura, engenharia, eles tem várias opções de trabalhar aqui dentro do projeto mesmo.

Sendo percebido o roteiro como fonte de renda que influencia o trabalho em conjunto da família, mantendo também os mais jovens na zona rural, por terem uma opção de trabalho além da roça e até incentivando esses a especializarem-se em virtude do turismo.

A questão cultural da preservação das casas antigas passou a fazer parte da realidade dos moradores, em conjunto com questões da modernidade geradas não apenas pelo turismo, mas também pela globalização. As mudanças, principalmente as melhorias geradas após a implementação do roteiro, são destacadas pelo entrevistado E da 3ª geração:

eu acho bem importante, ajudou bastante, desde o começo, antes do turismo e agora mudou muita coisa aqui. Antigamente não tinha asfalto, o telefone era super precário, aquele com ramal, não tinha nada de internet, não tinha, bom praticamente nada, o negócio de lixo, o recolhimento pouca coisa, da reciclagem não tinha divulgação disso, ninguém fazia separação de lixo. Foi bem interessante, até pra preservar as casas também, porque assim, a gente tinha aquela mentalidade que as casas antigas, velhas, eram casas que não tinham valor, eram coisas ultrapassadas, que era bonito o moderno só. Então quem tinha uma casa assim tinha até vergonha, bom, nós tínhamos vergonha antigamente, por isso que os meus avós quando eles chegaram num tempo que eles tiveram condições melhores, eles mudaram o modelo da casa, fizeram pequena de um andar só tiraram a cozinha separada e colocaram junto. Porque o jeito que era essas casas eram pessoas bem pobres, como que no começo era realmente, eram casas assim simples que eram construídas pelos imigrantes que eram pobres e eles mesmos se faziam a madeira tudo. Então quando eles conseguiam mudar um pouquinho de vida, para eles já era uma maneira de trocar de pegar um pouquinho mais moderno pra não ficar fora mesmo da cidade, para não fica diferente. Aí depois de um tempo quando a gente viu que tinha valor que é uma coisa da história, aí a gente foi achando interessante, foi gostando, não tendo mais aquela vergonha, sabe? A maioria das pessoas tinham vergonha das casas.

Também o entrevistado A da 4ª geração destaca a questão cultural de resgate voltando à valorização do passado, do que é antigo e as novas oportunidade para as gerações jovens em conjunto com a família

Ah, eu acho muito interessante, porque, uma que é resgate, se faz o resgate aqui de uma coisa que foi esquecida e era até vergonha para as pessoas tu prestigiar coisa velha. Coisa velha, antiga era passado, era feio, aquilo era já descartado. Então foi recuperada essa parte cultural, que ele é um trabalho cultural, e também tem oportunidade pra muita gente trabalhar, principalmente os jovens que eles não precisam sair, nós também, mas, me

refiro aos jovens que eles procuram mais a cidade. Então aqui há varias opções pra pessoa tê o lugar pra trabalhar, fica em contato com a família.

O Entrevistado F da 3ª geração chama a atenção para o fato de que o processo de desenvolvimento cultural é lento

[...] hoje o roteiro evoluiu bastante, o processo é lento porque trabalhar com cultura é mais demorado, e outra, o Brasil em questão de cultura ele é bebê, estamos começando agora a valorizar a cultura. Algumas que outras cidades que se desenvolveram mais, mas é pouco ainda e depois de o problema do dólar ainda, que quando ele baixa o pessoal prefere ir pra fora, a realidade é essa.

Entretanto, não são todos os envolvidos no roteiro que têm essa consciência de que ao trabalhar com o cultural o retorno é a longo prazo. Muitos achavam que logo teriam o retorno dos investimentos, no entanto, somente depois de muitos anos trabalhando é que estão começando a ter um certo retorno de todos os investimentos iniciais.

Mesmo o roteiro já tendo completado 15 anos de existência, o entrevistado C da 4ª geração pensa que ainda tem a crescer e

[...] muita coisa tem ainda que melhorar, nós estamos ainda pequenos, não queremos crescer muito se crescer muito estraga, é isso que eu digo porque não queremos nada de indústria, nós queremos manter assim que se aumentar estraga que aí já tem cidade, tem coisas modernas na cidade, nós queremos que as pessoas visitem e muita coisa tem que melhorar no atendimento, eu digo a arrumação, jardinagem, aqui as pessoas se encantam porque tem flor, grama bem cortada, tudo bem arrumado em volta das casas, as pessoas se maravilham de ver isso. E a minha idéia é que cresça cada vez mais o movimento pras pessoas verem, a gente mostrar o que é o nosso roteiro. Já tiveram aqui no nosso roteiro empresas grandes, de chocolate, querendo colocar a fábrica aqui, mas o nosso intuito não é botar essas coisas grandes é manter a nossa característica de comunidade, que se mantenha assim, porque se coloca uma indústria estraga o roteiro, agora porque tem turismo todo mundo quer botar um empreendimento, então sem ter contato com a Associação ninguém pode abrir estabelecimento, tudo característico como era antigamente, senão foge da realidade porque modernidade não precisa, que todo mundo sabe o que é o moderno, essa parte rústica, coisa antiga, mas dentro dos padrões, manter pra mostrar também.

Manter as características do rural, de não-indústria, e sim do pequeno produtor é uma preocupação desse entrevistado. Acredito que esse ponto é o diferencial dos Caminhos de Pedra, no entanto, as características da modernidade sempre estarão presentes de alguma forma. Seria praticamente impossível manter o roteiro como nos tempos da chegada dos primeiros imigrantes no ano de 1875. Então deve-se trabalhar com o diferencial étnico do roteiro em conjunto com os traços da modernidade, apresentando ao turista a autenticidade dos atuais

descendentes de italianos do século XXI, que mantêm e reconstróem características e costumes dos antepassados e também contam com os benefícios da vida moderna em seu dia-a-dia. A etnicidade autêntica dos moradores do roteiro Caminhos de Pedra é a união entre os traços culturais de seus antepassados com os seus traços culturais da atualidade, formando assim a identidade cultural dessa comunidade.

Em relação ao projeto, a questão da melhoria da divulgação é abordada pelo entrevistado G da 4ª geração

o projeto eu acho que foi um projeto muito bom, que continua sendo, só que eu acho que em matéria de divulgação a gente tem que trabalhar mais, porque tem muita gente que não conhece ainda. Trabalhar com a região, porque o pessoal do entorno é o pessoal que menos conhece, então trabalhar esse entorno. Por exemplo, Porto Alegre, São Paulo, Rio, parece que eles têm mais conhecimento e interesse que o pessoal aqui dos arredores que seria um pessoal que poderia tá vindo no final de semana sem problema nenhum, porque é aqui do lado. Eu acho só que é bastante precário e falho.

Acredito que essa questão realmente é muito importante, pois no tempo que estive em contato tanto com os moradores quanto com os visitantes percebi que a reclamação quanto a falta de informações é o que mais se escuta. Muitos moradores de Bento Gonçalves não têm conhecimento do que se trata o “Caminhos de Pedra”. Tive a oportunidade de conversar com vários visitantes que contaram serem moradores do município de Bento Gonçalves e que viam as placas indicando Caminhos de Pedra, mas não sabiam o que era. Outros contaram que já tinham ouvido falar sobre o roteiro, mas não conheciam, se estavam ali, era porque levavam algum parente ou amigo de fora para conhecer.

Com isso tem-se a impressão de que a divulgação do roteiro ocorre com mais intensidade em outros estados e na capital do Rio Grande do Sul do que no próprio município e nos arredores. Concordo com o Entrevistado G quando diz que tem que trabalhar mais a divulgação na própria região, buscando atingir também o público próximo que tem a possibilidade de ir visitar o roteiro e retornar no mesmo dia.

Além disso, o Entrevistado G chamou a atenção para a falta de integração de alguns empreendedores que não se mobilizam para conseguir as coisas, esperam pelos outros. É preciso um trabalho de sensibilização quanto a integração entre os empreendedores, para que ocorra um trabalho em conjunto, no qual todo o roteiro seja beneficiado. Um dos fatores que contribui para o sucesso de um roteiro é toda a comunidade trabalhando em conjunto, em prol do crescimento de todos. Se cada um

tem uma visão diferenciada, pode-se debater problemas e desafios buscando a solução em conjunto e assim beneficiando a todos.

[...] eu acho que é uma coisa bem meio mal acostumada, eles tavam ali cuidando da sua casa, das suas coisas e aconteceu o projeto, como sempre tem uma certa resistência, só que com certeza a todos agregou, eles todos, a maioria a gente pode dizer que como em todo projeto tem o lado bom e o lado ruim. Tem o lado que as pessoas vão interferir no teu dia-a-dia que tu tá ali como uma atração, mas que de qualquer maneira se tu souber aproveitar tu vai poder ganhar com isso, ganhar com isso eu digo economicamente. Então é ótimo, e como aconteceu isso sem que eles fizessem nada, eles acham que as coisas continuam assim, que elas têm que cair do céu, como caiu o projeto pra eles. Eles não fizeram nada, eles só começaram a participar, do meu ponto de vista, posso até tá falando uma besteira, mas do meu ponto de vista eles fizeram muito pouco. Então “ah maravilha”, começa a incrementar a economia deles, só que ninguém se mexe pra fazer nada. A gente tem uma associação, a gente tem reuniões, diz que vai fazer, mas não faz, porque ninguém se mexe. É muito difícil, tem os empreendedores tão bem acomodados, tipo assim, reclamam muito, que não tem isso, não tem aquilo, que a gente não ganha, que não tem turista ou que o ônibus não pára aqui, mas eles não fazem nada pro ônibus parar, eu acho. Sabe, é pouco, eu acho que devia ter muito mais engajamento dos empreendedores, que essa associação funcionasse mais. Porque não depende só de uma pessoa que está ali na associação que é o responsável pra fazer isso, depende de quem é o empreendedor e tá aí fazendo, porque é o teu negócio, tu que tem que ir atrás e fazer alguma coisa. É o objetivo, mas funciona pouco, infelizmente, mas por falta de empreendedorismo mesmo (Entrevistado G, 4ª geração).

Através dessa colocação, percebe-se uma certa falta de valorização do projeto e dos benefícios que ele trouxe, por ter acontecido de forma simples para alguns moradores. O que é percebido pelos demais empreendedores que iniciaram seus projetos do zero, diferentemente desses que já tinham praticamente tudo pronto, apenas abriram as portas. O entrevistado G diz que tem um parceiro com quem sabe que pode contar no roteiro e que

[...] deveria ser assim com todos, afinal de contas a gente é um roteiro, é uma atração junta [...]. Se o cara chega ali tu não vai dizer só “tá, muito obrigada” diz que tem um restaurante ali pra comer, não faz ele voltar até Bento pra almoçar e chegando lá só vai ter o shopping pra almoçar. Então deixa ele conhecer, tem que fazer uma força. E às vezes não é tu o empreendedor que tá ali fazendo o serviço, às vezes é o funcionário que hoje pode ter vontade e amanhã não, que tá motivado ou não e mais engajamento das próprias pessoas, acho que é isso que falta (Entrevistado G, 4ª Geração).

Sendo assim, percebe-se que os moradores entrevistados acham que o roteiro está indo bem até o momento, todavia ainda tem muita coisa pra melhorar, sendo em infra-estrutura, na parte de sensibilização e engajamento dos próprios empreendedores e da comunidade local. Assim o roteiro crescerá e terá melhorias, tornando-se opção para as novas gerações continuarem o trabalho que seus pais e

avós iniciaram e que agora, depois de quase 15 anos, está se consolidando.

Em todo o roteiro, diversas casas sofreram alterações na sua estrutura original e foram recuperadas pelo projeto. Outras sofreram modificações devido ao início do Projeto Caminhos de Pedra, como por exemplo, a Casa da Ovelha, que teve anexado um porão e a construção de mais uma parte lateral. Isso porque ter uma casa antiga era sinônimo de pobreza e vergonha. Muito se perdeu no Distrito de São Pedro, tanto que alguns empreendedores buscaram casarões antigos em outras cidades da região para serem reconstruídos no roteiro, como é o caso da Casa do Artesanato e outra casa que está sendo reconstruída ao lado e que abrigará a Casa da Tecelagem.

Pode-se observar no foto a seguir a casa sendo reconstruída. Chamo a atenção para a parte da cozinha separada da casa, a cozinha não se mantém original está sendo construída agora, pois essa parte da casa original não pode ser aproveitada.



Imagem 32: Casa sendo reconstruída – Foto: Rita Michelin

Existem também inúmeras casas e casarões que estão listados para fazerem parte do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, no entanto, por falta de incentivos e verba ainda não iniciaram as reformas necessárias e os projetos para se integrarem ao roteiro. Com isso perde-se muito, pois diversas casas estão ficando abandonadas, e assim grande parte do acervo de patrimônio arquitetônico material não está sendo aproveitado da maneira como poderia ser. Algumas ainda não aderiram ao roteiro por questões familiares de herança.

Outra forma de reconstrução da cultura, que faz parte do Projeto Caminhos de Pedra, são os grupos culturais. Esses são abertos à toda comunidade e já

existem há cerca de 12 anos. Através desses grupos, busca-se a identidade italiana por meio das músicas que os primeiros imigrantes trouxeram consigo, passando nas apresentações a história e o porquê de cada música para o público. Assim não é apenas uma música, mas sim uma inserção no contexto da realidade histórica dos antecedentes. Dessa forma, não apenas os integrantes dos grupos culturais, mas também o público que acompanha as apresentações aprendem um pouco mais sobre a cultura italiana ligada às músicas.

Em relação aos grupos culturais, o Entrevistado C da 4ª Geração, que faz parte de um dos grupos, conta que

além da associação nós temos os grupos culturais também. Quando chega uma visita importante, que a gente tem que pegar grupos pra fazer apresentações a própria comunidade tem os artistas, então nós temos a banda, o coral (com pessoas mais de idade), a flauta doce (das crianças), violinos e dança. Eu faço parte também, então a gente tem toda essa parte, quando chega um turista que tem um restaurante que tenha um almoço ou um jantar aí eles contratam o grupo pra fazer um show pros visitantes. Então não precisa tá buscando na cidade, buscando fora grupos pra apresentar, então a gente mesmo faz esse trabalho.

Além disso, através dos grupos culturais também é realizada, de certa forma, a divulgação do Roteiro Caminhos de Pedra, pois os grupos apresentam-se em diversos municípios do Estado, levando consigo a história e o nome Caminhos de Pedra, “e qualquer lugar que a gente vai tá divulgando o roteiro, estamos explicando sobre as casas de pedras” (Entrevistado C, 4ª geração).

Após a análise das entrevistas semi-estruturadas, juntamente com a observação participante realizada durante dois meses no roteiro, é possível realizar a interpretação da cultura local baseada na etnicidade que a comunidade vivencia e apresenta aos turistas pelos moradores locais e pelos guias de turismo.

3.2 Percepção / interpretação da etnicidade sob o olhar da pesquisadora

Depois de residir no roteiro durante dois meses, retornei diversas vezes para finalizar as entrevistas e mesmo para rever os moradores e acompanhar, sempre que possível, a relação desses com os visitantes. Posso dizer que a cada retorno ao roteiro, o olhar era diferenciado, tanto sobre os significados dos símbolos culturais quanto da relação existente entre os visitantes e visitados.

Posso dizer que o que percebi durante o tempo de interação com a população local, contato com os turistas e estar nos Caminhos de Pedra é que os moradores

realmente se apresentam da mesma forma quando estão frente aos turistas ou quando não há turistas. Acredito que esse fator representa bem a autenticidade da relação entres eles, pois os visitados não “se transformam” para interagir com os visitantes, eles agem da mesma forma que agem no seu cotidiano.

Na Casa da Erva-Mate tive a oportunidade de presenciar inúmeros visitantes perguntando qual a ligação que a erva-mate e o chimarrão têm com a cultura italiana. Diante desse questionamento, os visitados explicam que o chimarrão é da cultura indígena e gaúcha e quando os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul aprenderam com aqueles o hábito de tomar o chimarrão, também para se aquecerem no frio. Desta forma esse traço cultural foi absorvido, tornando-se parte da etnicidade que pode ser chamada de “íalo-gaúcha”.

Esse fato chama atenção para o hibridismo cultural, pois os descendentes de italianos continuam falando o dialeto *talian*, seguindo outros costumes dos imigrantes italianos e tomando chimarrão. Sendo assim, ambos os traços culturais tornam-se parte da herança cultural do grupo e contribuem para a formação da identidade do mesmo. Sendo assim, a etnicidade autêntica dessa geração de descendentes dos primeiros imigrantes italianos chegados ao Distrito de São Pedro.

Em um outro estabelecimento do roteiro, o entrevistado E da 3ª geração contou que receberam um turista dos Estados Unidos que tem parentes em Porto Alegre e foram visitar o roteiro. Esse turista falava apenas inglês dando resultado à seguinte interpretação e atitude por parte do entrevistado:

Ele não falava nada de brasileiro, até comentei com a minha filha em italiano “bom, se é pra começar a falar em outra língua vamos falar no dialeto” aí comecei a falar com ela no dialeto ele só olhou assim, daí não entendeu nada. Daí ele pensou, nossa essa aí é italiana mesmo daqui.

Dessa forma percebe-se como a comunicação é importante no turismo para que haja uma relação entre os turistas e a comunidade visitada e como as diferenças reforçam a etnicidade e a identidade cultural dos povos, conforme apresentado por Barth (1998) acerca das fronteiras étnicas, nas quais os sinais diacríticos se destacam.

Antes do início do turismo no Distrito de São Pedro, os moradores locais tinham vergonha da sua etnicidade. No entanto depois que começaram as relações com os visitantes de diferentes culturas, as quais apresentavam diferenciados traços, passaram a valorizar e a buscar a reconstrução de sua etnicidade que estava

se perdendo, principalmente quando notaram essa valorização por parte dos turistas que chegam até o roteiro. Nesse ponto, então, o turismo vem agregar valor a italianidade dos moradores locais passando a ser também um atrativo para os visitantes. Italianidade essa dos primeiros imigrantes italianos chegados ao Rio Grande do Sul que tem alguns traços culturais reconstruídos através da relação entre visitantes e visitados no Roteiro Caminhos de Pedra.

A etnicidade cultural dos descendentes de italianos do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, atualmente pode ser considerada como autêntica na medida em que detém traços culturais étnicos característicos de seus antepassados, assim como os traços culturais atuais das novas gerações, formando assim a etnicidade cultural dessa comunidade. De acordo com autores apresentados no primeiro capítulo, tanto a etnicidade quanto a identidade são únicas e dinâmicas e sofrem influências internas e externas, além de diferentes interpretações, conforme apresentado por Geertz (1978), que emergem e ocorrem dentro do contexto cultural, aí incluídos os pesquisadores. Sendo assim, a interpretação aqui apresentada é a que tive através da convivência tanto com os moradores locais quanto com os turistas, a percepção e interpretação da relação existente entre eles e de que forma o turismo vem a ter grande influência no processo de reconstrução da etnicidade dos moradores locais.

Os visitantes que vêm de fora, principalmente Rio de Janeiro, São Paulo e da Região Nordeste do Brasil, são os que mais se interessam em conhecer a história cultural do roteiro, sempre interagem mais com os moradores locais conversando e trocando idéias. Já os turistas aqui do estado, talvez por já terem um maior conhecimento acerca da cultura italiana, parecem se interessar um pouco menos. Contudo, vale lembrar que essa foi a percepção geral, da maioria, mas sempre tem aqueles de fora que não se interessam e os daqui que se interessam em saber mais sobre a italianidade local.

Um turista do Rio de Janeiro comentou que faltaria uma pessoa que contasse toda a história do roteiro para que a visita ficasse completa. Vale lembrar que na Casa do Tomate os moradores apresentam brevemente o histórico de todo o roteiro, mas fazem isso apenas como complemento à explicação da casa, não sendo o enfoque principal da visita. Atualmente os únicos que contam essa história são os guias de turismo contratados para acompanharem grupos em visita ao roteiro.

Observando os guias de turismo que chegam ao roteiro acompanhando os

grupos prestava atenção nos seus discursos, buscando perceber de que forma eles passavam as informações para os visitantes e quais informações eram passadas. Vale lembrar que essa parte da observação não foi o foco principal da pesquisa, que se deu sobre a percepção dos visitados acerca da sua cultura na relação com os visitantes.

Durante o tempo que permaneci no roteiro, tive oportunidade de conversar com diversos guias de turismo, tanto locais quanto nacionais, e também com taxistas que se tornam “guias de turismo” para turistas particulares. Geralmente, os guias locais são contratados diretamente pelos grupos quando chegam ao município de Bento Gonçalves, ou por agências de turismo receptivo. Já os guias nacionais costumam vir com os grupos desde o seu local de origem.

Os guias de turismo nacionais, por exemplo, de grupos que vêm de São Paulo com o guia de lá, acompanham o grupo até a porta do estabelecimento. A partir do momento que chegam, o grupo passa a ser conduzido pelo morador na explicação sobre a casa, o guia apenas ajuda a manter o grupo unido e a dar atenção ao visitado.

Os guias locais, que são contratados pelos grupos em Bento Gonçalves, geralmente têm maior conhecimento acerca do roteiro e da sua história. Dessa forma, contam a história geral e também a de cada casa. No entanto, quando chegam aos pontos de visita em que irão parar, o guia passa a palavra ao morador, mas continua acompanhando o grupo e chamando atenção para alguns pontos ou informações que o visitado tenha esquecido, ou então passando essas informações para pessoas do grupo que possam ter perdido parte da explicação do morador.

Os visitados contam que preferem os grupos excursionistas que vêm acompanhados de guias de turismo, pois muitos vêm sem guia, contando com apenas alguém que organizou a viagem. Esse tipo de grupo, segundo os moradores locais, fica muito disperso, o que acaba atrapalhando durante as explicações acerca do empreendimento. Já quando acompanhados pelo guia de turismo, ele ajuda a manter o grupo unido.

Alguns guias de turismo passam informações equivocadas aos turistas. Não o fazem por mal, mas sim porque os mesmos também não obtêm a informação correta, como por exemplo, a questão do início da imigração italiana no município de Bento Gonçalves. Tanto os guias quanto alguns moradores locais pensam que os

primeiros imigrantes italianos escolheram a Encosta da Serra Nordeste por vontade própria. No entanto, como já foi visto no segundo capítulo, no qual se falou sobre a imigração italiana, na chegada os imigrantes foram instalados nessa parte da Serra porque os alemães já ocupavam as partes mais planas e próximas aos principais núcleos, não restando outra alternativa aos italianos. Acredito ser importante uma sensibilização em conjunto com guias de turismo e moradores locais, a fim de que todos tenham as mesmas informações acerca do roteiro, para que no momento de passá-las aos visitantes não haja equívocos.

Há visitantes particulares que contratam os serviços de taxistas do município de Bento Gonçalves para fazer o passeio no Roteiro Caminhos de Pedra. Esses taxistas se transformam nos guias desses turistas. Não posso dizer com certeza como é durante o trajeto do passeio, porque não tive a oportunidade de acompanhar. Mas percebi, nos pontos de visita em que paravam, que alguns eram apenas motoristas, que ao chegar nem desciam do carro, ou então desciam, mas não acompanhavam os turistas. Já outros se apresentavam como verdadeiros guias, acompanhando os visitantes e até mesmo ajudando o visitado nas explicações para tirar as dúvidas dos turistas.

Quando os guias locais acompanham grupos excursionistas, chamam bastante atenção dos mesmos para as características arquitetônicas das casas, os diferentes estilos de uma para outra, frisam bastante as datas de construções e de certos acontecimentos importantes do Distrito. Também contam sobre as mudanças das características originais de algumas casas, que foram recuperadas através do projeto, e chamam atenção para a questão cultural de que ter uma casa de pedra e antiga era sinônimo de vergonha e pobreza e somente agora esse pensamento se modificou.

Durante o passeio, os guias de turismo vão explicando o porquê dos estilos das construções, de ter a cozinha separada do resto da casa, os porões de pedra, enfim todos os traços característicos da arquitetura da imigração italiana na região. Eles não falam apenas sobre os pontos de visita, mas também sobre os pontos de observação, os quais não têm sinalização. Mas os guias de turismo já têm conhecimento de todos, passando assim aos turistas.

Além de falarem sobre a história das construções e da chegada dos primeiros imigrantes, os guias contam curiosidades aos turistas como, por exemplo, que um

dos primeiros alimentos dos italianos ali na comunidade foi o pinhão¹⁶: eles observavam que os animais comiam e não passavam mal nem morriam, então passaram a consumir também.

Em suma, aparentemente os guias de turismo passam as informações necessárias aos visitantes, sendo complementadas com as explicações passadas pelos moradores locais, fazendo com que o turista, depois de visitar o roteiro acompanhado de guia de turismo local e tendo contato com os visitados de algumas casas, tenha um conhecimento geral acerca do Roteiro Caminhos de Pedra, sua história e um pouco mais sobre a etnicidade atual da comunidade do Distrito de São Pedro. Entretanto, vale lembrar que algumas informações ligadas à história da imigração italiana no Rio Grande do Sul ainda são passadas de forma equivocada, devendo ser revista tanto pelos guias de turismo quanto por alguns moradores locais. Já a autenticidade étnica dos descendentes de imigrantes italianos vem sendo apresentada aos turistas através da relação entre visitantes e visitados, de forma a valorizar a cultural local, a italianidade da comunidade do Distrito de São Pedro.

¹⁶ Semente da araucária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a cultura dinâmica, devido às influências internas e externas que ocorrem nas sociedades, também a etnicidade e a identidade sofrem flexibilizações. Por meio do contato com o outro podem ocorrer trocas culturais nas quais traços de determinadas culturas são absorvidos por outras. No entanto, esses traços nem sempre são absorvidos com o mesmo significado de uma cultura para outra, então, após receber um novo significado, esse traço passa a ser característico do novo contexto cultural.

Sabendo, então, que a etnicidade e a identidade de uma comunidade podem sofrer influências, alterando-se com o passar dos tempos por serem dinâmicas assim como a sua cultura, é possível melhor avaliar a situação encontrada, através da etnografia, com os moradores do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra no município de Bento Gonçalves - RS.

Para analisar de que forma a etnicidade é compreendida pelos moradores locais e como ela é apresentada aos visitantes, foi realizada observação participantes através de etnografia com os visitados, observando e acompanhando a sua relação com os turistas. Por meio dessa metodologia, percebeu-se que a etnicidade dos moradores do roteiro encontra-se em um constante processo de reconstrução, sendo um processo dinâmico que sofre influências externas, seja pelos meios de comunicação e do contato com o outro através do turismo, seja pelo processo de modernização e transformação no qual nenhuma cultura é estática.

Lembrando o apresentado por Barth (1998), para quem as fronteiras étnicas são construídas através do contato com o outro, percebe-se no turismo a existência dessas fronteiras, nas quais os sinais diacríticos de ambos os grupos em contato são evidenciados e valorizados, da mesma forma que ocorrem as trocas culturais. Percebe-se o hibridismo cultural, conforme apresentado por Canclini (2003), assim como por Santos e Barretto (2006), que por meio das trocas as culturas sofrem alterações dos seus traços, estando em constante transformação, sendo as influências internas ou externas. Os traços culturais sofrem alterações devido às influências tanto internas quanto externas, devido às mudanças culturais, conforme apresentado por Laraia (2004), e através da mundialização da cultura, abordada por Ortiz (2000). Influências essas que contribuem para a fragmentação da identidade de determinado grupo social, reconstruindo-a constantemente.

No Roteiro Caminhos de Pedra, percebe-se o hibridismo cultural através da absorção de traços culturais de outras culturas como, por exemplo, o costume de tomar o chimarrão, vindo da cultura indígena. Esse traço cultural, absorvido pelos primeiros imigrantes chegados ao Rio Grande do Sul, se tornou característico da italianidade étnica dos seus descendentes. Além disso, também ocorre a absorção de traços culturais provenientes da globalização. Traços característicos da modernidade, que passaram a fazer parte do cotidiano dos moradores do Distrito de São Pedro, como por exemplo, o uso de internet e telefone celular. Sendo assim, o hibridismo cultural é perceptível em diversas culturas, lembrando que a partir do momento que os símbolos recebem um novo significado em uma cultura passam a ser traços culturais característicos dela.

Tendo, então, conhecimento acerca da dinamicidade da cultura e da etnicidade, e também das questões ligadas ao hibridismo cultural é possível apresentar a cultura atual dos moradores do Distrito de São Pedro como autêntica. Ou seja, a cultura que eles apresentam hoje, com suas influências internas e externas, com a reconstrução étnica e absorção de traços culturais, deve sim ser considerada autêntica. Pois, toda e qualquer cultura é dinâmica sofrendo influências e reconstruções, devendo ser considerados tanto os traços culturais passados, quanto os novos como autênticos. A italianidade dos primeiros imigrantes italianos chegados ao Rio Grande do Sul era autêntica, assim como a italianidade de seus descendentes hoje é autêntica. Com a reconstrução dos traços herdados dos seus antepassados acrescidos dos traços modernos provindos da globalização, formou-se a etnicidade da população residente atualmente no Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra.

No Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra a italianidade da comunidade local que é apresentada aos turistas é a autenticidade do cotidiano dos visitados, sendo a cultura dos moradores do Distrito de São Pedro do início do século XXI que está em constante processo de reconstrução. Cultura essa trabalhada como um dos principais atrativos do roteiro.

Nesse roteiro, o sentimento de “vergonha” gerada pela origem cultural, influenciada pelo avanço da modernidade, foi fator contribuinte para o seu “esquecimento”. Entretanto, através do desenvolvimento da atividade turística, buscou-se reconstruir a herança cultural dos primeiros imigrantes italianos valorizando a etnicidade e a identidade cultural dos seus descendentes. Então, no

Distrito de São Pedro, por meio do desenvolvimento do turismo e da relação entre visitantes e visitados os sinais diacríticos da italianidade dos moradores locais passaram a ser reconhecidos no contato com o outro e, dessa forma, se tornou um atrativo turístico valorizado tanto pelos visitantes quanto pelos visitados. Percebe-se, assim, que a comunicação existente entre a comunidade receptora e os turistas foi um dos fatores de interferência nas representações e, principalmente, no processo de reconstrução cultural da etnicidade, a italianidade, dos moradores da arena turística.

Por meio da análise do Projeto Cultural Caminhos de Pedra e dos relatórios dos seminários de planejamento, percebeu-se que a questão cultural foi evidenciada no Projeto e por vezes retomada nos documentos de planejamento. Embora nos relatórios o planejamento seja apresentado como participativo, a dinâmica e a metodologia utilizadas apontam em outra direção.

Sendo assim, no caso apresentado, o turismo foi uma das alternativas para a reconstrução da etnicidade da população local, pelo fato de que ela não reconhecia a importância do seu patrimônio cultural e tinha vergonha deste. Somente a partir do momento em que o turismo passou a fazer parte da realidade dos moradores do Distrito de São Pedro, e que os turistas demonstraram interesse pela cultura local, é que os moradores perceberam a importância e passaram a valorizar todo o patrimônio cultural de que são detentores, além de buscar a reconstrução de traços culturais de seus antecedentes que vinham se perdendo ao longo do tempo.

Como questões de pesquisa a futuros estudos, abrem-se duas possibilidades. Tendo como enfoque principal o Turismo, a discussão acerca do planejamento realizado com a população local, procurando saber se este ocorreu de forma realmente participativa. Além do planejamento, a descaracterização da paisagem surge como tema de pesquisa, pois a infra-estrutura solicitada pelos moradores como, por exemplo, o asfalto, que pode contribuir para a descaracterização do rural neste roteiro, e até que ponto a paisagem do Roteiro Caminhos de Pedra pode ser considerada como caracteristicamente rural.



Imagem 33: Final do roteiro sentido Farroupilha - Bento Gonçalves – Foto: Rita Michelin

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Tomo Editorial, 2004.

_____. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.

ANDER-EGG, Ezequiel. **Introducion a la planificacion**. Buenos Aires: El Cid Editor, 1978.

AZEVEDO, Julia. Turismo cultural – traços distintivos e contribuição para o desenvolvimento endógeno. *In*: IRVING, Marta de Azevedo; AZEVEDO, Julia. **Turismo: O desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

BANDUCCI, Álvaro Jr. Turismo e Antropologia no Brasil: estudo preliminar. *In*: BANDUCCI, Álvaro Jr., BARRETTO, Margarita (orgs). **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Campinas: Papiurus, 2001.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**: As possibilidades do planejamento. Campinas, SP: Papiurus, 2000.

_____. Relações entre Visitantes e Visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. *In*: **Turismo em Análise**, São Paulo. V. 15, N.2, p. 133-149, 2004.

_____. **Planejamento Responsável do Turismo**. Campinas, SP: Papiurus, 2005.

_____. **Turismo y Cultura**: Relaciones, contradicciones y expectativas. El Sauzal (Tenerife. España): ACA Y PASOS, RTPC: 2007.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BONI, Luis de; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 3 ed. Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1984.

BURNS, Peter M. **Turismo e antropologia: uma introdução**. Traduzido por: Dayse Batista. São Paulo: Chronos, 2002. Tradução de: An introduction to tourism & anthropology.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Traduzido por: Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4.ed.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CORDIOLI, Sérgio. **Seminário de avaliação e planejamento 2002/2004**. Bento

Gonçalves. Associação Caminhos de Pedra, 2002.

_____. **Seminário de planejamento estratégico 2006/2009**. Bento Gonçalves. Associação Caminhos de Pedra, 2006.

FÁVERO, Ivane M. R. . **Políticas de turismo: planejamento na Região Uva e Vinho**. Caxias do Sul: Educs, 2006.

FROSI, Vitalina Maria e MIORANZA, Ciro. **Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul**: Processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. Caxias do Sul: Editora Movimento, 1975.

GASTAL, Susana. Turismo & Cultura: por uma relação sem diletantismos. In: GASTAL, Susana (org). **Turismo: 9 proposta para um saber-fazer**. 3 ed.. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Traduzido por: Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Tradução de: The interpretation of cultures.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GRÜNEWALD, Rodrigo de A. **Turismo, cultura e identidade étnica**. 24ª Reunião Brasileira de Antropologia, Olinda – PE. 2004.

HALL, Michael C. **Planejamento Turístico**: políticas, processos e relacionamentos. Traduzido por: Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2001. Tradução de: Tourism planning: polices, processes and relationships.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

IRVING, Marta de Azevedo; AZEVEDO, Julia. **Turismo: O desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Traduzido por: Contexto Traduções. São Paulo: Aleph, 2000.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 17.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Traduzido por: Marie-Agnès Chauvel. 13.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MACHADO, Álvaro. **Ecoturismo : um produto viável : a experiência do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Traduzido por: Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2 ed.

São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MENESES, José N. C. **História & Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MICHELIN, Rita L.. **A importância do Planejamento Turístico Sustentável na Redução dos Impactos Socioculturais e Ambientais**. Porto Alegre: PUCRS, 2005 Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo), Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

MOLINA, Sérgio; RODRIGUEZ, Sérgio. **Planejamento integral do turismo: um enfoque para a América Latina**. Traduzido por: Carlos Valero. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2001. Tradução de: Planificación integral del turismo: un enfoque para Latinoamérica.

OLIVEIRA, Fernando Vicente de. **Capacidade de carga nas cidades históricas**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

OMT, Organização Mundial de Turismo. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Traduzido por: Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2003. Tradução de: Guide for Local Authorities on Developing Sustainable Tourism.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PARIS, Assunta de. **Bento Gonçalves: ontem e hoje**. Arquivo Público e Histórico Municipal de Bento Gonçalves. 1994.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

POSENATO, Julio. **Caminhos de Pedra – Projeto de Resgate da Herança Cultural**. Bento Gonçalves, 1998.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 1990.

_____. **Processos Culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul: Educs, 2003.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Festa & Identidade: como se fez a festa da uva**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

SANTANA, Agustín Talavera. **Antropologia y turismo ¿Nuevas hordas, viejas culturas?** Barcelona: Ariel, 1997.

SANTOS, Rafael J. dos. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

SANTOS, Rafael J. e BARRETTO, Margarita. **Aculturação, Impactos Culturais,**

Processos de Híbridação: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo. *In: Turismo Em Análise*. Vol.17. n.2. p 244-261. São Paulo: Aleph. 2006.

SAVOLDI, Adiles. A Reconstrução da Italianidade no Sul do Estado de Santa Catarina. *In: BANDUCCI, Álvaro e BARRETTO, Margarita (orgs). Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SMITH, Valene L. **Anfitriones e Invitados. Antropologia Del Turismo**. Traduzido por: Jesús Pardo e Miguel Martinez-Lage. Madrid. Ediciones Endymion, 1989.

SOLLA, Xosé M. Santos. Turismo rural – tendências e perspectivas. *In: IRVING, Marta de Azevedo; AZEVEDO, Julia. Turismo: O desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura, 2002.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: Conceitos e impacto ambiental**. 3.ed. Traduzido por: Margarete Dias Pulido. São Paulo: Aleph, 2000. 1v. Tradução de: Sustainable Tourism Management.

TULIK, Olga. **Turismo Rural**. São Paulo: Aleph, 2003.

WAINBERG, Jacques A. **Turismo e comunicação: a indústria da diferença**. São Paulo: Contexto, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, Tomaz T. (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

APÊNDICE – Modelo aproximado do roteiro das entrevistas semi-estruturadas

- 1 – Como foi o início, como entrou no roteiro?
- 2 – Conhece todos os estabelecimentos do roteiro?
- 3 – O que acha do roteiro como um todo?
- 4 – Como é o relacionamento com os turistas?
- 5 – Gosta de trabalhar com o turismo?